

ANA MARIA DOS SANTOS MARQUES

O SATANÁS DE COURA

MEMÓRIAS DO SÉCULO XVII

Por

ARNALDO GAMA

(ROMANCE INÉDITO)

PORTO, OUTUBRO DE 2002

O Satanás de Coura

Memórias do Século XVII

por

Arnaldo Gama

Romance inédito.

Anexo à dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ana Maria dos Santos Marques

Porto, Outubro de 2002

ÍNDICE

ÍNDICE	2
ADVERTÊNCIA	3
<i>O Satanás de Coura</i>	5
Introdução	5
I. O capitão Pantaleão Rodrigues de Coura	25
II. Em que o capitão Pantaleão Rodrigues diz o que fez e ao que vem	34
III. Desiguais frutos da mesma árvore	45
IV. Novas da terra	61
V. A lenda de Rubiães	74
VI. O tigre e a raposa	96
VII. Amores mal agourados	106
VIII. O senhor de Rubiães	117
BIBLIOGRAFIA	131

ADVERTÊNCIA

Na transcrição do inédito *O Satanás de Coura* observámos alguns critérios que passamos a enumerar:

- Mantivemos a pontuação de acordo com o original.
- Procedemos à actualização ortográfica, respeitando, contudo, a grafia de certas expressões populares, especialmente as usadas pela velha octogenária na recitação de romances e orações, de modo a não desvirtuarmos o carácter popular da personagem que as profere e do meio sociocultural em que se insere. A mesma justificação vale para a manutenção de certos arcaísmos como, por exemplo, o Imperativo “ouvide” ou “abride”.
- Mantivemos todos os sublinhados e notas do texto original.
- Palavras, sílabas ou letras que não existem no manuscrito, mas que a coerência sintáctica ou a actualização ortográfica nos obrigam a acrescentar, surgem entre [...].
- Palavras, sílabas ou letras que existem no original e que a actualização ortográfica ou a coerência sintáctica nos obrigam a ocultar, mas que, a título de curiosidade, resolvemos manter, surgem entre (...) no texto, ou em nota de rodapé, em itálico.

A dificuldade de leitura de certas secções do manuscrito, quer pelos estragos provocados pelo tempo, quer pela caligrafia de Arnaldo Gama, a estranheza de certos vocábulos que hoje estão fora de uso, e a necessidade de actualizarmos a ortografia deste inédito, obrigaram-nos a recorrer a vários dicionários de Língua Portuguesa, começando pelo famoso *Elucidário* de Viterbo, de que o próprio autor fazia uso frequentemente. Os títulos destas obras são indicados na Bibliografia. Nasceram, assim, as notas de rodapé necessárias ao esclarecimento de palavras ou expressões pouco usadas hoje em dia, tendo também em vista uma futura publicação do romance.

No entanto, apesar do trabalho minucioso de comparação de letras, as tentativas de “decifração” de algumas palavras não obtiveram o resultado mais desejado; por isso,

esses vocábulos surgem em itálico no texto, sublinhando-se, assim, alguma dúvida em relação à sua correcta transcrição.

Não poderíamos deixar de agradecer, mais uma vez, ao escritor Mário Cláudio a valiosa sugestão de que nasceu este trabalho e a possibilidade de o publicarmos.

Aproveitamos também esta nota para agradecer à Professora Doutora Maria de Fátima Marinho a leitura atenta desta transcrição e as sugestões que nos permitiram melhorá-la. Agradecemos igualmente aos técnicos da Biblioteca Municipal do Porto, nomeadamente da secção de Reservados, a solicitude com que nos ajudaram a tornar este trabalho possível. Finalmente, deixamos uma palavra de gratidão para a Carla, que suportou estoicamente algumas sessões de “decifração” e dactilografia verdadeiramente entorpecedoras!

O SATANÁS DE COURA

Introdução

“ O Satanás de Coura!”

Mas que quer dizer “O Satanás de Coura” ? – exclama o leitor, posto em confusão, e até quase que enguiçado pela esquisitice do título.

“ O Satanás de Coura!” – balbucio eu, de súbito empanzinado pela revelação de uma obscuridade, de que, nem ao de leve, suspeitava a existência.

Mas leia e sabê-lo-á. No seguinte parágrafo já há-de achar luz suficiente para lhe esclarecer a dúvida. O resto terá de completá-lo com a leitura de toda a novela.

Coura, meu caro leitor, é concelho dos melhores do alto da província do Minho. Aí pelos fins do ano de 1867, deixou de o ser, em nome, segundo então se dizia, de uma melhor divisão municipal do país. Ainda hoje não sei bem se o sacrifício era ou não útil para a causa. O que é, porém, certo é que, sem murmurar, rezei então por alma do pobre do velho, e que tive a ingenuidade de chorar uma lágrima sobre a lousa tumular, para debaixo da qual atiravam com ele... para sempre, segundo então se afigurava aos cordatos. Não sucedeu, porém, assim. Passaram meses – meses apenas –, suspiram aí umas certas nigromancias reformadoras, que berravam que iam esconjurar um certo avejão, que filara o país pelas orelhas, ameaçando com o peso afundá-lo na ruína total; e eis Coura outra vez de pé, eis Coura concelho de novo!

E assim está pelo entretanto. O que se seguirá não sei. Em vista deste andar para trás e para diante, deste movimento de pêndulo, cuja perfeição atingiram em Portugal as medidas governamentais, só Deus é que pode saber se Coura continuará a ser concelho ou se deixará de o ser no futuro. Ele o tenha de sua mão.

Quem é que não tem ouvido falar no antiquíssimo concelho de Coura?

Quem, ao menos uma vez na vida, não ouviu contar maravilhas de fertilidade daqueles formosíssimos vales, salpicados de colinas verdejantes e encravados entre

alpestres e nevosas serranias, que, regados pelo pequeno rio Coura, se estendem desde a rechã¹ da serra do mesmo nome até às pitorescas margens do Minho?

Mas de onde é que vem aquele nome de Coura?

Foi a serra que o deu ao rio, foi o rio que o deu ao concelho, ou foi o concelho que o deu a ambos eles?

Discordam os autores. O que é certo é que o rio, a serra e o concelho, todos eles se apelidam de Coura.

E Coura e aquelas serras e alcantis, que o rodeiam, compõem um panorama formosamente majestoso e rudemente elegante e inspirador. Há aí gente, bem o sei, que lhe torce o nariz e benze-se dele como de terra selvagem, só habitada por ursos ou lobos. Mas Coura é tal qual o apregoo; digam embora o contrário aqueles, a quem só apraz o ribeirinho de margens enfestoadas² de flores e de pompons que desliza docemente por entre campinas cor de esmeralda, ou o ribeirinho perfumado pelo odor de milhares de boninas, e obumbrado³ pela espessa folhagem de copados carvalhos, a cuja sombra pode cantar comodamente qualquer Virgiliozinho transformado em *Tytiro*, ou passar a lua-de-mel qualquer dos alfenados⁴ peralvilhos da actualidade.

Oh! Coura e os seus cerros alcantilados e montanhas alpestres é mil vezes mais admirável do que isso. Aquele rude encordoadão de montes, de serras, de colinas, de cerros e de cordilheiras, cobertas de picos e de cabeços, de cima de cujos píncaros a águia pode avistar metade do mundo; e sobre os quais a neve se amontoa de Inverno, e, de Verão, o vento oriental faz ramalhar as florestas, rebramando por entre elas tão estríulos e enormes lamentos, que parece andar a gemer por ali saudades dos heróis de Homero; oh! esses montes e essas cordilheiras são mil vezes mais sublimes e majestosamente formosos, do que as mais delicadas suavidades, que a natureza inventou para felicitar neste mundo a meiga e doce alma da mulher. Ali sente um homem que é homem; sente que nasceu para alguma cousa mais do que viver e morrer sempre debaixo de uma folha de rosa. Com aquele panorama sublime só há outro que se possa comparar – é o da imensidão grandiosa do mar, quer ele tumultue em vagalhões tempestuosos, quer repouse, majestoso leviatã⁵, só com a fronte encrespada pela brisa.

¹ Planalto.

² Enfestoar – o mesmo que afestoar: engrinaldar.

³ Coberto de sombra.

⁴ Efeminados.

⁵ Leviatã ou Leviatão: grande monstro marinho de que fala a *Bíblia*.

Ora aqui tem o leitor explicada metade do título. Coura é isto. Da outra metade, dessa, a explicação é muito longa, precisa de todo o volume. Recorra, pois, a ele, e por fim chegará a saber o que querem dizer aquelas palavras, “O Satanás de Coura”.

O que, porém, desde já lhe posso informar é que o enredo desta novela tem por fundamento uma história verdadeira. É um facto tradicional, recebido com fé viva entre os, por mil partes, dispersos descendentes de uma das mais antigas famílias do alto Minho. Afigurou-se ao autor que vivia na tradição uma certa originalidade romanesca, que não se devia desaproveitar; e, em razão disso, tomou-a para ponto de apoio de um período histórico, que pretendia descrever, mas sem a alterar nem mesmo ao de leve.

É verdade que a recordação tradicional coloca o facto bem quarenta ou cinquenta anos mais tarde do que a época que o autor empreendeu retratar. Mas que importa isso? Aqui não se pretende escrever a história de uma família; visa-se a reproduzir o modo de ser de uma época. Além disso que são cinquenta anos na grande vida da humanidade? Se mesmo hoje os homens e os costumes não mudam radicalmente em tão limitado espaço de tempo, muito menos mudavam há dois séculos, sobretudo nos vales do Coura, na velha província do Minho, tão aferrada e tão amante das suas tradições e das suas usanças.

O autor não hesitou, portanto, diante da verdade cronológica da tradição. Desejava descrever uma época da nossa vida íntima nacional; agradava-lhe o facto; servia-lhe ele para núcleo da história que pretendia escrever, e, além disso, ansiava, por mais de um motivo, por atirar com ele aos quatro ventos da publicidade.

Em razão disso tomou-o, agrupou em torno dele o modo de ser, os costumes típicos daquela época ... e aí vai a novela.

Conseguiu, porventura, realizar a intenção que o inspirou?

Que o decidam os entendedores, mas os verdadeiros entendedores, aqueles que estudam e que sabem. Desses, e só desses, é que ele respeita a opinião em assuntos, para apreciar os quais é preciso mais alguma cousa do que ter a coragem de se pôr para aí a discretear a ratione.⁶ A esses, porém, assevera ele que trabalhou conscientemente por alcançar o seu fim. Se mais não fez, foi porque mais não pôde. Em cousas de história não costuma escrever de orelha nem ao palpite.

Aí vai, pois, a novela. É história de tempos antigos, e, por ser tal, é provável que haja por aí algum antiquário, que embique com ela ser escrita em linguagem, que não

⁶ Sublinhado do Autor. Todos os sublinhados serão mantidos de acordo com o original.

cheira ao mofo das nossas velhas crónicas. Não o fez, porém, o autor por uma razão muito comezinha, mas também muito sensata e muito racional. O romance de hoje, como criação totalmente moderna, destoa de todo o ponto com o estilo da crónica de frades. O romance histórico exige, em verdade, o bom senso de arredar palavras, brotadas de costumes ou de factos intelectuais posteriores à época que ele desenha; mas também apenas tolera no diálogo o ligeiro colorido, o leve sabor antigo, que é suficiente para nos transportar pela imaginação para o meio dos nossos antepassados.

Eis aqui a razão por que o autor evitou o estilo antigo e o uso de palavras desenterradas, às vezes à força, do bolor das crónicas e de entre as *dormideiras*⁷ dos velhos sermonários. Nós vivemos no século XIX, e a nossa missão é caminhar para o século XX e não retrogradar para o século XVI. É por isso que o grande romancista escocês, a águia e o verdadeiro fundador do romance histórico, aconselha, no prólogo de um dos seus inimitáveis romances e abona com o exemplo de todos eles, que se fuja cuidadosamente das velharias deste género; e o autor deste livro, por experiência própria e pelo que tem observado nos outros, convenceu-se, por fim, que o não seguir as regras que o ver claro do génio revelou ao admirável autor do Ivanhoe, descamba invariavelmente em produzir esquisitices, que o bom senso e a boa crítica condenam, e que até fazem arrepiar os nervos daqueles que as querem por força admirar.

O que, portanto, sobre este ponto o autor deste livro assevera aos críticos de lei, é que tratou de escrevê-lo em linguagem e estilo português e gramatical. E que o conseguiu está de todo o ponto convencido, embora se afigure o contrário a certos ratos sábios das letras, que com dois dedos de mais latim, e duas léguas coimbrãs de tola inchação assoprada por lisonjas mal cabidas, desandaram para aí a escrever críticas ratinhas⁸, em que só há para admirar a audácia com que os pobretes despautereiam⁹ ex cathedra acerca do que totalmente ignoram ou que apenas conhecem de ouvido e muito pela rama. Destes besouros impertinentes anda, ainda mal! içado¹⁰ desde tempos o mundo das letras; e prometem medrar e multiplicar-se, se não aparecer por aí alguém, como algum dia é natural que apareça, que lhes dê de rijo para baixo nas audácia, e faça meter nas encilhas¹¹ estes sábios anões, que se metem a falar do que não sabem

⁷ Dormideira: espécie de papoila que provoca o sono.

⁸ Mesquinhas.

⁹ De despautério: disparate.

¹⁰ O autor devia querer dizer *inçado* (infestado), mas por lapso terá escrito *içado*.

¹¹ De encilhar: colocar os arreios num animal de carga; enfaixar.

com tão audaciosa desfaçatez, que chegam a empanzinar com o atrevimento até os caracteres menos sofridos e mais capazes de os fustigarem bem fustigados.

Perdoa, leitor de boa alma, perdoa pelo amor de Deus esta tirada de mau génio ao até hoje tão paciente autor desta novela. Mas é que ele já não pode mais. Chegou por fim ao ponto de arrebentar ou falar. Atende tu.

Há vinte e dois anos que ele teve a desgraça de atirar consigo para o mundo da publicidade. Nunca nele fez mal a ninguém, nunca empeceu à reputação dos outros, nem tratou de levantar de cima dos fatos alheios o manto de misericórdia, com que a ignorância do vulgo imperito as cobre sem a saber. [sic]

Pois, apesar disso, ninguém mais do que ele tem sido zargunchado¹² pelos *satíricos* da crítica.

As razões sabe-as ele. Conserva o pobre no carácter um pouco de rudeza da serra de Coura, de que é oriundo. Deu-lhe Deus um maldito génio indomável e, portanto, incapaz de dizer ao público que o preto é branco, de lhe vender gato por lebre em assuntos literários. Iudi irae!...

Mas, senhores, depois de vinte e dois anos de tratos sobre os prelos; depois de mais alguns passados a volver os livros e os documentos, em que se estudam a nossa língua, a nossa história e os nossos costumes; depois de ter apresentado em público uns poucos de volumes, em razão dos quais o autor, ao menos naqueles três pontos, tem merecido aos homens verdadeiramente sabedores a opinião de escritor consciencioso; depois de tudo isto sentir-se a gente perseguida cada vez mais a parvoiçadas pelos janotas das letras!

Seja bem vinda a boa crítica; abençoada seja a censura erudita e que ensina, apontando os defeitos em nome da ciência e dos grandes modelos. Mas a ignorância de moto próprio arvorada em juiz; mas a tolice de contínuo a arremeter para a gente com audácia e com trombas de superioridade!... Arredo vão! Não há paciência que tanto ature. Por fim de contas chega um homem a reconhecer que a indignação pode fazer nervos; chega a convencer-se de que tem obrigação de soprar os poejos¹³ sobre estas burlescas pulguinhas industriosas, que se vão aproximando dele, animadas pela convicção de que a pachorrenta indiferença com que ele as tem sofrido até hoje, significa estúpida mansidão de cordeiro pascal.

¹² Zargunchar ou zagunchar: molestar, ferir com remoques, censurar.

¹³ O pó mais fino da farinha.

Leitor, de novo te rogo que me releves esta expansão da minha justíssima zanga. Para ressarcir-te, vou desde já refocilar-te o espírito, narrando-te uma cena misteriosa passada, alta noite, à luz das estrelas, a qual tem imediata conexão com o enredo da novela, mas que também só poderás entender cabalmente se a leres desde a primeira até à derradeira palavra.

Corria o ano de 1666.

A batalha de Montes Claros, pelejada nos meados do ano antecedente¹⁴, havia decidido, em última instância e a nosso favor, o sanguinolento pleito, em que, desde 1640, disputávamos a nossa independência à Espanha.

Esta nação deixara desde [há] muito de ser a poderosa e dilatada monarquia, cuja grandeza, nos fins do século XVI, havia chegado a ponto de assombrar a independência da Europa. O belicoso e vasto império, que, à morte de Filipe II, dominava metade do mundo, tinha-se ido pouco e pouco esfarrapando ao impulso de milhares de revezes, consequências, na máxima parte, da admirável imperícia política dos homens, que o governaram.

Em 1665, a Espanha, de novo em guerra com a França por causa do dote de Maria Teresa de Áustria e em luta com as dissensões intestinas, que, em razão das ambições palacianas, rebentaram logo no dia seguinte ao da morte de Filipe IV, já não pôde com os resultados da sua derrota de Montes Claros. Convenceu-se então de que podíamos ser nação; e a orgulhosa potência, [que,] apesar do Montijo e do Ameixial, havia repelido, em 1660, a honrosa transacção que lhe fora proposta pelo governo da rainha D. Luísa de Gusmão, mandou-nos oferecer a paz por intermédio da Inglaterra. Esta nação desde muito que trabalhava surdamente por ela, porque não podia ver com bons olhos a influência, que a política francesa exercia sobre nós, desde que o cardeal de Richelieu pusera à nossa disposição o dinheiro da França, para, com a nossa revolução de 1640 o auxiliarmos a esmagar a poderosa monarquia de Carlos V e de Filipe II.

A França, porém, estava de novo em guerra com a Espanha. Convinham-lhe as nossas armas na retaguarda da sua inimiga; e ao mesmo tempo, ciava-se dos rodeios

¹⁴ A 17 de Junho de 1665. A batalha de Montes Claros é conhecida, entre espanhóis e franceses, pelo nome de batalha de Vila Viçosa.(Nota do Autor).

pertinazes, com que a Inglaterra procurava velhacamente substituir sobre nós a sua influência à influência francesa. Por estas razões o governo de Versailles, que seis anos antes, sob o império de Mazarino, nos tinha *vilamente* sacrificado ao tratado de paz dos Pirinéus e ao casamento de Luís XIV com a filha de Filipe IV, acolheu agora vivamente irritado a notícia, que lhe demos, das propostas que nos eram feitas por Lord Fanshaw em nome do governo do Escurial. O desgosto subiu a tal ponto que o célebre marechal de Turenne, a cuja valia o governo francês simuladamente atribuía a protecção que nos dava, chegou a desconcertar-se em queixas e azedumes pouco diplomáticos em conferência que teve sobre o assunto com Francisco de Melo e Torres, primeiro conde da Ponte, e marquês de Sande, em sua vida, nosso embaixador em Paris.

Estas demonstrações conseguiram o efeito desejado. Apoiavam-nos por um lado os clamores do partido militar português, que protestava contra a paz em nome de esperanças grandiosas, que abonava com as nossas passadas vitórias; por outro lado davam-lhes calor os receios do próprio governo de Lisboa, que não queria descontentar o marechal, que nessa ocasião se achava empenhado em nos alcançar o favor e a honra de casar o nosso louco Afonso VI com a famosa Maria Isabel de Sabóia. Venceu, pois, temporariamente a política francesa. Espaçou-se a paz, e a guerra continuou nas fronteiras das duas nações, sem que a Espanha, desde essa ocasião tivesse a registar nos anais dela senão revezes e desgostos.

Havia seis anos que governava as armas da província de Entre Douro e Minho D. Francisco de Sousa, terceiro conde do Prado e, mais tarde, primeiro marquês das Minas; e servia com ele, já no elevado posto de sargento-mor de batalha, seu filho D. António Luís de Sousa, quarto conde e segundo marquês dos mesmos títulos, que, anos depois, se tornou tão famoso na guerra da sucessão de Espanha.

Na província do Minho a guerra nunca se internara muito para aquém das fronteiras. Os espanhóis ou esbarravam nas nossas praças de Valença, Monção e Melgaço, ou, se pretendiam atravessar a montanha, paravam ao chegar a qualquer das portelas ou gargantas dela, espécie de *thermopylas* ladeadas de fortes e de baluartes, à boca das quais ou os esperava o nosso exército, ou, às vezes, turmas de serranos colossais e meio selvagens, que, como bandos de ferozes javardos, se arrojavam dos altos da serra, eles e os seus terríveis mastins, ao encontro dos castelhanos. A estas invasões respondíamos nós com outras mais eficazes e mais destruidoras, penetrando pela Galiza dentro e assolando as aldeias e talando as campinas daquela província, muitas vezes por mais de oito ou dez léguas para além da fronteira. O conde do Prado

fora sempre felicíssimo nestas entradas, e por mais de uma vez recuaram diante dele exércitos numerosos comandados por capitães de nome, escolhidos acinte para vingarem as afrontas por ele feitas às armas de Espanha. Ainda em Junho deste ano de 1666, o conde havia escorraçado um exército de catorze mil infantes e setecentos cavalos, com que o condestável de Castela, D. Inigo Fernandes de Velasco tentara invadir pelos montes a província do Minho; e castigara-lhe o arrojo da tentativa assolando até Redondella os fertilíssimos vales da Galiza.

Era esta a guerra que se fazia no Minho. Renhidas escaramuças entre troços de tropas colocadas aqui e ali nos extremos das respectivas fronteiras; brigas pertinazes e sanguinolentas de povos fronteiriços uns com os outros; e invasões inopinadas, rápidas e assoladoras dos dois exércitos, a isto se reduzia no Minho a guerra, que no Alentejo se pelejava em batalhas campais e decisivas.

Esta maneira de guerrear era, porém, mais assustadora para o sossego dos habitantes do território fronteiriço do que a guerra dos grandes exércitos e das grandes batalhas. Nas aldeias e em todas as povoações abertas e indefesas não havia segurança alguma. Os moradores destes lugares, quer de um quer de outro lado do Minho, ao deitarem-se à noite nas camas, não podiam dizer ao certo se despertariam nelas no dia seguinte ou se os primeiros arreboís da aurora já os encontrariam prisioneiros dentro de algum do sem número de fortés, que defendiam as duas margens inimigas do rio.

Nas estradas e nos caminhos ainda a segurança era menor. Nelas não havia só a temer as partidas de audazes aventureiros, que, de noite e desapercebidos, atravessavam por aqui e por ali ou o rio ou os montes, e vinham prear, às vezes a quatro e cinco léguas distantes da fronteira, desaparecendo como por encanto no dia seguinte pelos vaus do rio ou pelos desvios das montanhas, que conheciam a palmos. Neles havia a recear sobretudo os bandos de salteadores, compostos na máxima parte de desertores, de criminosos e de lavradores arruinados pelo rigor das invasões, os quais, à sombra da guerra, infestavam toda a província do Minho até quase que aos muros do Porto.

Tal era o estado da província nos meados de Agosto de 1666, um mês pouco mais ou menos depois que o conde do Prado voltara da sua última e assoladora entrada na Galiza. Foi por este tempo que teve lugar o episódio, que prometi contar ao leitor.

Aconteceu, pois, o caso num dos montes nos meados de Agosto deste ano de 1666, e aconteceu a pouco mais de um quarto de légua ao sul de Ponte do Lima, vila naquele tempo fortemente murada, e distante cinco léguas da praça de Valença, isto é da extrema fronteira do Minho.

Já passava da uma hora. A noite estava tão escura que se não distinguia a dois passos de distância; e tão calmosa e abafada que mal se podia respirar. O trovão roncava ao longe no horizonte, e o vento suão, tão ardente como o bafo de uma grande fornalha, soprava em lufadas violentas para cima da vila montanhas e montanhas de nuvens negras retintas e prenhes de electricidade.

A esta hora uma cavalgada de homens armados passou a trote largo por junto das muralhas de Ponte do Lima, pela banda de leste, e, em seguida, endireitou para a Correlhã, freguesia a pouco mais de um quarto de légua da vila.

A cavalgada era composta de quinze homens, a cuja frente, caminhava um outro que, pelo traje e pela distância a que ia, mostrava ser o chefe do bando.

Os quinze cavalgavam possantes cavalos e mulas. Traziam vestidas cossóletes¹⁵ com avambraços¹⁶ apenas, nas pernas coxotes¹⁷ que sobre os joelhos desapareciam dentro dos canos de enormes botas de montar, de saltos de prateleira, armados de rijas esporas de ferro. Calçavam luvas de pele de anta, cujos canos lhes subiam pelos braços acima, cobertos de pequenas lâminas de aço sobrepostas umas às outras, e iguais às que defendiam as costas das mãos. Na cabeça traziam chapéus de feltro com grandes abas, e cintados por fitas pretas. Das cintas pendiam-lhes de largos cinturões de couro amarelo, abrochados com fechos de ferro, da esquerda compridas e largas espadas com bainhas de couro e pontas de metal, e da direita adagas de punhos cobertos por fio de latão com maçãs de aço oitavadas¹⁸. A tiracolo caíam-lhes dos ombros, em bandoleiras de couro, bacamartes de boca de sino, assim chamados vulgarmente por as terem mais largas do que o resto dos canos. Traziam-nos atravessados da esquerda para a direita, e com as bocas para baixo, para facilitarem, a quem os trazia, o podê-los puxar rapidamente por debaixo do braço direito, e fazer imediatamente uso deles. Nos arções traseiros viam-se-lhes os capotes emalados e presos a eles por loros¹⁹ de couro.

O cavaleiro, que capitaneava estes homens, cavalgava um magnífico e fogoso cavalo murzelo sem mancha, ao lado do qual trotava bizarramente um daqueles gigantescos e valentes cães de Castro Laboreiro, igualmente preto retinto, cuja grandeza faz apavorar os que pela primeira vez os vêem.

¹⁵ Cossólete, cossóleto ou corselete: ligeira armadura para o peito.

¹⁶ Peças da armadura destinadas a defender os golpes nos braços.

¹⁷ Parte da armadura que cobria as coxas.

¹⁸ Octogonais.

¹⁹ Correia dupla que sustenta os estribos.

O cavaleiro montava airosa e galhardamente à brida, sistema de cavalgar, que naquele tempo começava a levar à *bóia*²⁰ o até então mais usado de cavalgar à gineta, segundo o qual um cavaleiro, por mais garboso que se quisesse apresentar parecia sempre que ia de cócoras sobre a sela. Trazia na cabeça um chapéu preto de abas largas, ao cairel do qual flutuava presa uma comprida e magnífica pluma branca. Vestia gibão e calças de veludo preto. Calçava luvas de fina camurça, cujas empunhaduras eram açoutadas pelas fartas rendas dos punhos da camisa, que saíam de debaixo das mangas bordadas do gibão. Nos pés trazia umas elegantes botas de canos a chegar até pouco abaixo do joelho, com as embocaduras franjadas de rendas e os saltos armados de fortes esporas de oiro. Por cima do gibão vestia uma simples couraça de prova, sem braços nem coxotes. Da cinta pendia-lhe de um cinturão de couro envernizado e abrochado com fechos de prata uma comprida e larga espada de copos e punho também de prata; e da direita uma adaga, cuja empunhadura de oiro tinha por maçã uma safira. No arção dianteiro trazia presos nos passadores uns coldres e neles duas magníficas pistolas de adorno superior ao de quaisquer das maiores pistolas de hoje; atravessado sobre elas um capote ou antes um comprido manto, de cabeção e bandas de veludo cor de púrpura.

Tal era a cavalgada e o chefe que a comandava.

Ao passar além das muralhas de Ponte do Lima, o cavaleiro rasgou de tal forma o trote do seu magnífico cavalo, que os outros precisaram de lançar-se a meio galope para o poderem seguir.

Dez minutos depois a cavalgada chegou a Correlhã.

- Alto! — bradou o cavaleiro, fazendo parar de golpe o cavalo — Baltazar Rodrigues! — chamou em seguida em voz seca e de entoação de quem estava acostumado a ser imediatamente obedecido.

Um dos homens de armas esporeou o cavalo, e parou a distância do amo, perfilando-se respeitosamente.

- Aproxima-te — disse este.

O homem de armas prolongou então o seu cavalo pela direita do cavaleiro. Este atirou-lhe com as rédeas para a mão, curvou-se para ele, disse-lhe rapidamente algumas palavras, e, em seguida, tomando o manto de cima do arção, descavalgou desembaraçadamente.

²⁰ O autor tinha escrito “de vencida”, mas depois corrigiu para “à bóia”.

O cavalo, sentindo-se desapresado do amo, empinou-se de súbito com tão violento galão, que o homem de armas, que o subjugava pela rédea, esteve por momentos a ser levado fora da sela.

Ao ruído, que ele fez, o cavaleiro voltou-se rapidamente.

- Satanás! – bradou então em voz terrível, e prostrando-se em frente do fogoso animal.

Neste momento uma enorme nuvem negra, que se ia aproximando, rasgou-se de súbito em coruscante e prolongado relâmpago, e à luz dele via-se o cavaleiro aprumado ameaçadoramente diante do cavalo e fitando-o com os olhos brilhantes como carvões acesos. O cavalo estava com a cabeça humildemente derrubada, e assoprava com violência e estrepitosamente, escavando com rapidez a terra com a mão.

Passado um minuto, o cavaleiro voltou as costas e dirigiu-se para uma espessa mata de sobreiros e carvalhos, que ladeava a direita da estrada. Passou-se em seguida para dentro de um pequeno muro de pedra solta, que a circundava, e logo desapareceu entre as árvores.

Sigamos nós após ele.

Apesar da escuridão inteiramente caótica, que reinava debaixo da espessa folhagem das árvores da mata, o cavaleiro seguiu por entre elas sem hesitar e como quem sabia com perfeição o trilho que ia pisando.

A mata, depois de alguns minutos de caminho, desfechava em extensa e vasta campina, ao fundo da qual se via, ao longe por entre a cerração da escuridade, um enorme vulto quadrado, que se destacava no meio dela como um gigante vestido de luto.

O cavaleiro dirigiu-se para ele. O vulto nada mais era, ao perto, que um vasto quadrilongo²¹ cercado de um alto muro de cantaria lavrada, para dentro do qual se entrava por entre duas magníficas colunas de granito, que serviam de ombreiras a um enorme portão de ferro, que se achava fechado.

O cavaleiro puxou de uma chave, que trazia consigo, e abriu uma porta falsa, que havia no lado direito do grande portão de ferro. O enorme cão de Castro Laboreiro, que o tinha acompanhado, lançou-se de um salto para dentro. O cavaleiro entrou após ele, tirou a chave da porta, e afincou esta em seguida hermeticamente no batente.

²¹ Que tem quatro lados paralelos dois a dois, sendo dois deles maiores.

Depois seguiu a andar pela formosa e larga carreira, que cortava em dois um bem ordenado jardim, ao fundo do qual se via um elegante palacete.

O cavaleiro ladeou para a direita, e, seguindo por aquela fachada lateral da casa, foi parar em frente de um terraço, que saía cousa de quinze ou vinte palmos para fora del[a].

Neste intervalo a trovoada havia-se aproximado. A lestada sibilava ferozmente por entre as árvores de um pomar fronteiro, e nos ângulos e grade do terraço. As nuvens estalejavam em trovões estridentes e prolongados; e os relâmpagos fendiam nelas longos sulcos caprichosos que iluminavam pavorosamente o espaço.

- Belzebu, aqui! – disse então o cavaleiro, em voz surda e dominadora, ao cão, que olhava intelligentemente ora para ele ora para o terraço.

O gigantesco animal lambeu com humildade e afecto a mão, que imperiosamente apontava para a terra, e, em seguida, deitou-se de barriga e estendeu o focinho sobre as mãos, cravando ao mesmo tempo no amo um olhar cheio de tino e de intrepidez.

Este encolheu-se então um pouco sobre si, e de um salto aferrou com as mãos a grade de ferro, que circundava o terraço. De outro ímpeto lançou-se dentro dela. Parou então como que enlevado por intenso pensamento, que lhe trazia enrugada a fronte espaçosa. Depois dirigiu-se a passos rápidos para uma das portas envidraçadas, que abriam sobre o terraço.

Ao chegar junto dela pareceu-lhe ouvir dentro da casa gemidos surdos e abafados. O cavaleiro estendeu com ânsia a cabeça, como a apurar o ouvido para verificar por entre o estampido dos trovões, aquela manifestação de uma dor, que devia pungir tanto mais que, segundo o que parecia, não lhe era lícito desabafar livremente. Estalou então um trovão pavoroso e uma lufada violenta de leste passou sibilando por ele. Por entre a surda calmaria que o estampido deixou após de si o cavaleiro sentiu novos ais e novos gemidos, cada vez mais reprimidos e abafados por ser maior a luta com a violência da agonia.

Encostou-se então com desalento à ombreira da janela, e cobriu o rosto com as mãos. Assim esteve cousa de um minuto. Ao cabo dele aprumou-se, como que envergonhado daquela fraqueza, e bateu com os nós dos dedos duas pancadas seguidas na janela e logo uma terceira mais espaçada.

Minutos depois a janela abriu-se cautelosamente e ele entrou para dentro. A porta fechou-se-lhe logo em seguida nas costas.

Passou-se uma hora ou pouco mais. Durante os primeiros três quartos continuaram a ouvir-se os mesmos gemidos e ais abafados. Depois tudo ficou em silêncio. Por fim a porta de vidros abriu-se de novo com a mesma cautela de há pouco, e o cavaleiro tornou a sair.

Vinha agora embuçado no seu amplo manto, com o qual agasalhava cuidadosamente um objecto avultado que debaixo dele segurava com o braço esquerdo. Chegando à varanda do terraço, passou-se para o lado de fora com cuidados e vigilância de que nem sequer dera sinais ao entrar. Depois esteve um momento a escolher o lugar para onde devia saltar, e, em seguida, pendurou-se da varanda pelo braço direito e deixou-se cair a prumo junto do cão. A trovoada tinha chegado ao seu auge. Os trovões atroavam sucessivamente, de horizonte a horizonte, o espaço. Os relâmpagos fuzilavam por toda a parte, em mil direcções encontradas sobre um céu cada vez mais escuro e mais tenebroso. A chuva principiava a cair a grandes gotas, que batiam no solo como pequenos pelouros de chumbo.

O cavaleiro seguiu a passos rápidos pelo caminho, por que tinha vindo até ali. Ao chegar perto dos seus homens a chuva caía a torrentes. Estes haviam-se resguardado contra ela com os capotes, que tinham desemalados antes de ele chegar. Ao avistá-lo, aquele que ele apelidara Baltazar Rodrigues desmontou, e aproximou-se com o cavalo pela rédea. O cavaleiro pôs agora o pé no estribo e saltou rapidamente para cima da sela. Nesta ocasião saiu-lhe de debaixo do manto um como que vagido infantil.

- Oh!... oh!... – disse então em voz baixa e maliciosa um dos homens para o companheiro que estava junto dele – ouviste?

- É o segundo neste ano e meio de Deus – replicou o outro na mesma voz e em tom misterioso.

- A galope – bradou então o cavaleiro.

E dando de esporas ao seu fogoso cavalo, partiu como o vento, desaparecendo num relancear de olhos pelo caminho de Ponte do Lima fora.

- E digam lá que o diabo não vive nele – observou em voz baixa para o companheiro o homem que primeiro falara.

- Caluda, que o alma danada está com os olhos em nós – balbuciou dissimuladamente o outro.

Como o denominado Baltazar Rodrigues, atraído pelo ruído surdo da conversa, os estava fitando naquela ocasião, é lícito acreditar que era ele a pessoa designada pelo pouco lisonjeiro epíteto de alma danada.

Baltazar Rodrigues, ao fazer aquele movimento, estava recorrendo às cilhas do aparelho do seu possante cavalo. O primeiro interlocutor daquela conversação à sorrelfa, que, pelo visto era de carácter teimoso e casmurro, não pode conter-se que não resmungasse em voz surda ao ouvido do companheiro:

- Será deveras o diabo; mas se tal é, eu te fio que em breve vos livrarei dele. Irei a Ponte fazer benzer uma bala por aquele bento fr. António das Chagas, e depois...

- Céus! – balbuciou o outro sem ousar sequer mexer a cabeça.

- A galope! – bradou então Baltazar Rodrigues, que acabara por fim de compor-se a prumo na sela.

A cavalgada arrancou a toda a brida pelo caminho que o cavaleiro havia seguido, e, passando outra vez por junto das muralhas da vila, foi atravessar o rio a um vau a distância da ponte. Quando chegou ao outro lado, a chuva havia cessado, e ela continuou a trote largo pelo caminho de Brandara e em direcção à serra de Coura.

Aí tem o leitor o episódio que prometo historiar desde já.

É natural que aos mais entendidos e até àqueles que fingem que o são, a cena pareça romântica demais. O que, porém, lhes posso asseverar é que o facto, a acreditar na tradição, é verdadeiro, o que tem natural e muito comezinha explicação, como o virão a saber se se derem ao trabalho de ler a novela.

Dezanove meses depois do acontecimento acima narrado, isto é a 10 de Março de 1668, publicou-se em Lisboa e Madrid a paz entre Portugal e Espanha.

Durante este longo espaço de tempo, a guerra na fronteira do Minho tinha-se reduzido cada vez mais a simples escaramuças de estremenos. No decorrer destes quase dois anos o conde do Prado apenas invadiu uma só vez a Galiza, e esta invasão não só foi o único mas também o derradeiro feito de armas importante, que teve lugar por este lado do país.

Vencera, portanto, a política inglesa. A França ainda tentou embaraçar-lhe a vitória; mas grave circunstância, que de súbito apareceu a ameaçá-la pelo lado das suas fronteiras do norte, esfriou-lhe sensivelmente os esforços. A rapidez, com que os exércitos franceses haviam conquistado à Espanha o Franche-Comté e parte da Flandres, fez estremecer a Holanda, que desta forma se via desguarnecida contra a crescente ambição de Luís XIV. A Inglaterra aproveitou-se habilmente destes receios. A Holanda declarou-se francamente a favor da Espanha. A Inglaterra e a Suécia, por ela

arrastada, apoiaram energicamente esta declaração. Diante desta tempestade, a França teve o bom senso de reconhecer que lhe convinha contemporizar, adiando para mais tarde a realização dos seus projectos ambiciosos. Consentiu pois no tratado de paz de Aix-la-Chapelle, em razão do qual largou de novo o Franche-Comté à Espanha. Feita assim a paz com esta potência, a continuação da nossa guerra com ela, era de pequena ou de nenhuma conveniência para o governo de Versailles.

Fez-se pois a paz, aplanando a Inglaterra todas as dificuldades, que para ela havia, por meio do célebre Eduardo Montague, conde de Sandwich, que para esse fim tinha sido enviado por embaixador a Madrid.

Notável coincidência! Quem mais trabalhou para se concluir a para nós tão honrosa paz de Lisboa de 13 de Fevereiro de 1668 foi D. Gaspar de Haro y Guzman, marquês de Eliche e conde-duque de Olivares, descendente e representante de aquele outro D. Gaspar de Haro e Gusmão, conde-duque de Olivares, ministro e valido de Filipe IV, cuja política leviana e caprichosa lançou fogo aos nossos brios nacionais, e provocou a patriótica revolução do para sempre nos nossos feitos memorável Sábado 1 de Dezembro de 1640. O marquês de Eliche havia ficado prisioneiro na batalha do Ameixial; e desde esse dia, ou porque a corte de Lisboa, onde tinha numerosos parentes, lhe captara fundamentalmente as afeições; ou porque da fraqueza da Espanha tirara por conclusão a impossibilidade em que ela se achava de lutar vantajosamente com a nossa patriótica resolução, auxiliada como era pelos reconhecidos interesses de toda a Europa; desde pois esse dia nunca deixaria de trabalhar energicamente para que o governo do Escorial reconhecesse a nossa independência, fizesse connosco a paz. Ainda nos últimos tempos foi ele que lutou abertamente com as astúcias contra ela empregadas pelo famoso intriguista Belchior de Harod, abade de Saint-Romain, por quem a França fizera preceder a vinda do conde de Sandwich a Lisboa, apenas soubra da partida dele de Londres para Madrid.

Fez-se, pois, a paz tão desejada por Espanha, já então de todo decaída da antiga grandeza e enfraquecida pelas longas e sanguinolentas guerras que sustentara contra a Europa quase inteira; como por nós que, apesar de todas as nossas vitórias, nem por isso precisávamos menos de paz para repararmos os graves danos, que nos havia causado uma guerra assoladora, que durara nada menos que vinte e sete anos.

Como disse acima, foi ela oficialmente publicada a 10 de Março de 1668 – ano de notar nos anais portugueses não só por esta importantíssima circunstância, mas por nele se ter consumado a monstruosa revolução, pela qual o infante D. Pedro, filho

segundo de D. João IV, se substituiu no trono e no tálamo a Afonso VI, seu irmão primogénito.

Apesar destes dois notáveis acontecimentos, a tranquilidade pública não se havia alterado. É bem verdade que a falta de segurança, que anteriormente havia no território vizinho às fronteiras, se espalhou então por todo o reino. Mal a paz foi causa decidida no ânimo das duas cortes, de Lisboa e Madrid, principiou-se desde logo a licenciar indefinidamente o nosso exército, e este facto, deitando à margem a maior parte dos bravos veteranos, que, durante vinte e sete anos de guerra, se haviam tornado inúteis para todo o trabalho que não fosse afiar as espadas para acutilar castelhanos, engrossou as quadrilhas dos salteadores que já então empestavam o país, e fez aparecer de novo outras muitas porventura mais temerosas do que as primeiras.

A não ser este inconveniente, de que as alçadas e os corregedores se incumbiam de libertar a nação, enforcando pelas aldeias nos ramos das árvores e pelas vilas nos pelourinhos, muitos valentes, que teriam sido mais felizes se tivessem morrido no Ameixial ou em Montes-Claros, a conclusão da paz, depois de tão dilatada guerra, nenhum outro abalo produziu no país que a jubilosa curiosidade provocada pelos *Te Deum*, pelas cavalhadas²² e pelos demais regozijos públicos, com que foi solenizada. A razão é simples. A paz estava no espírito de todos, era por todos ardenteamente desejada, e o partido militar, desamparado da França e esmagado pela opinião pública e pela inabalável resolução da corte, não teve remédio senão resignar-se.

Isto pelo que toca à conclusão da paz; mas o destronamento de Afonso VI e os escândalos ominosos praticados pelo irmão dele e pela famosa Maria Isabel de Sabóia, esposa do desgraçado monarca, afiguram-se, à primeira vista, não poder *aceitar* explicação igualmente natural e fácil.

A audaciosa revolução, promovida pelo infante D. Pedro, depois el-rei D. Pedro II, significava nada menos que a substituição de um rei por outro rei, de um partido por outro partido; e factos destes, sobretudo quando implicam tão apetitosos lugares, costumam ensanguentar as nações, fazendo-as redemoinhar ferozmente em sanguinolentas guerras civis. Não se larga assim de boa mente uma coroa; e aqueles, cujos interesses estão essencialmente ligados com ela, não soltam da mão o poder que os garante, sem o defenderem linha por linha, embora sacrificuem ao empenho a felicidade, e até a existência de uma nação.

²² Espécie de jogo popular em que homens montados em burros ou, às vezes, a pé tentam tocar prémios suspensos de cordas, utilizando paus ou canas.

Desta vez, porém, nada disso aconteceu.

Portugal viu Afonso VI resvalar do trono para o cárcere, e do cárcere para o túmulo com a mais supina indiferença. Foi preso o rei; foi deposto; o infante casou com a rainha ainda em vida do irmão; e tudo isso, a não ser em Lisboa e muito ao de leve no Porto, passou quase desapercebidamente e sem causar abalo de maior.

Foi como que um longo drama soporífero, cuja representação o país presenciou em sonolência.²³

Porquê tão singular indiferença?

Seria porque o povo português tivesse de tal sorte perdido o pundonor e a dignidade; que assim consentisse que meia dúzia de ambiciosos dispusessem da coroa, que tantos sacrifícios lhe havia custado?

Seria porque o rei deposto fosse um déspota tão cioso do seu poder e tão senhor das suas acções, que não tivesse por si um só homem de valia, que impusesse pela sua posição ao espírito popular?

Seria porque as nações, que nos favoreceram a independência, exigissem, por seus interesses, a substituição de um irmão por outro irmão, e Portugal tivesse de curvar a cabeça para não perder a nação pelo homem?

Nada disso.

A razão era outra, a razão era a menor qualidade da vítima.

Afonso VI era um quase idiota e quase louco furioso, que o acaso da primogenitura sentara no trono da revolução de 1640. Sem vislumbre sequer do bom senso, era de todo o ponto dominado pelos instintos brutais e grosseiros, que são essencial apanágio das naturezas superiormente estúpidas.

Dizem que ficara assim depois de uma hemiplegia²⁴, que sofreu ainda menino. Mais lhe valera que tivesse morrido então! O que é certo é que entretanto que os portugueses defendiam nas fronteiras a independência da pátria, Afonso VI, que se sentava no trono, que só por essa independência podia existir, matava o tempo a percorrer de noite as ruas de Lisboa à frente de uma matilha de vilões ruins, divertindo-se a espancar e a apavorar os pacíficos habitantes da capital do seu reino.

Forte rei deveras, para, à conta dele, se levantar uma guerra civil!

Com chefes assim não há partido que preste uma hora. Era preciso que a nação fosse tão louca e insensata como o rei para dar ouvidos aos brados interessados daqueles

²³ Solemnência no manuscrito.

²⁴ Paralisia de um dos lados do corpo.

que para ela apelassem em nome do direito da primogenitura do desgraçado mentecapto.

Afonso VI foi, pois, deposto, e morreu, anos depois, encerrado num cárcere quase que sem a nação dar por isso. Nunca Portugal mostrou tanto juízo. A história, em paga da felicidade, que seguiu, como que acinte, as nossas armas, durante os anos [em] que ele reinou, em lugar de lhe chamar o Maluco, chamou-lhe o Vitorioso. Era pagar mais que generosamente um acaso. Estava mais que bem recompensado o pobre rei insensato. Que a terra lhe fosse leve portanto.

Aqui tem o leitor como se explica muito naturalmente o como desta vez Portugal assistiu de todo o ponto indiferente a um acontecimento que nas outras nações, e entre nós igualmente, tem provocado por mais de uma vez dilatadas e sanguinolentas perturbações da ordem pública.

Ao fechar pois a paz de 13 de Fevereiro de 1668, as duas únicas circunstâncias notáveis por anormais, que variaram o habitual modo de ser de Portugal, eram as gerais manifestações de júbilo público e o maior número de audazes quadrilhas de salteadores, que infestavam toda a superfície do reino. No demais ia tudo em bonna vita como dantes, ia tudo ao som d'água como sempre.

Muitas leis, muitos alvarás e muitas cartas régias, e ao mesmo tempo pouca polícia e sempre justiça arbitrária, de cera para os poderosos e de ferro para os pequenos e desvalidos.

Os capitães mores continuavam a ser os mesmos capitães mores, que tinham sido sempre desde que el-rei D. Sebastião regulou a ordenança; agora porém um pouco mais déspotas, depois que lhes tinha sido incumbido o encargo de arranjar soldados para a guerra.

Os frades eram sempre os mesmos frades; associações de madraços ambiciosos que passavam a vida de perna estendida à sombra da supina ignorância, em que traziam mergulhado o pobre do povo; e que, para *desenfadarem* o tempo de que não sabiam como dar cabo, se entretinham a fazer a asneira de lutar uns com os outros para ver quais deles haviam de dominar a nação por meio da influência que exercessem sobre o espírito niniamente fanático dos grandes.

Os fidalgos das províncias continuavam os mesmos, que tinham ficado depois que el-rei D. João II lhes açaimou as soberbas rebeldes nas pessoas dos principais

fidalgos da corte: sempre roncadores²⁵ defesos de independência senhorial, mas sempre com o olho medroso enviesado para o rei; sempre emproados com os regedores e juizes do povo, mas sempre recebendo-os com bons modos nos solares, embora, quando eles saíam, lhes fizessem chover sobre as costas milhares de desprezos e de altaneiras fanfarronadas; sempre olhando os vilões como seres de natureza infinitamente inferior à deles, mas sempre apelando para a dedicação, para a generosidade e para a coragem dos vilões, todas as vezes que se viam em lances de apertado apuro com o rei.

Que homens aqueles, Deus de misericórdia!

Enquanto ao povo, esse, continuava a ser o pobre leão mentecapto, que olhava para o rei e para os grandes, verdadeiros ratos que até a pele lhe roíam, como seus naturais e legítimos senhores. Vivia sossegadamente e de bico calado, obedecia como um borrego, sem consciência da força que possuía, sem consciência de que o todo pode mais do que a parte, sobretudo quando a parte se reduzia, como neste caso, a pequeníssimo e insignificante naco do todo. Era causa para fazer pasmar os homens pensadores, da mesma forma que se vissem o globo saltar para fora dos eixos ao ridículo embate de um átomo.

Agora andava o tal povo muito satisfeito e contente.

As antigas cortes eram para assim dizer os canais respiratórios, por onde ele desabafava as suas queixas contra as demasias do clero e dos grandes, e contra a avara sofrerida do erário régio. Ora o snr. infante D. Pedro parecia muito amigo de chamar a nação a cortes. Desde que era regente, isto é em menos de três meses, já as havia reunido uma vez, e dizia-se que de novo as ia reunir brevemente. É verdade que estas reuniões eram para interesses particulares da usurpação por ele cometida. Mas isso que importava? Sempre eram cortes.

Assim ia indo a vida interna nacional nesta paz podre, nesta anarquia mansa, ainda hoje tão admirada pelos que suspiram pelo antigo regime, mas em que o rei fazia tudo o que lhe vinha à cabeça; os nobres outro tanto; a justiça jogava a cabra cega com a lei; e o pobre do povo, como asno que foi sempre, sofria calado todas as poucas vergonhas, vivia resignado e sem se queixar, e ainda por cima era obrigado a querer bem e a agradecer àquele paternal governo.

²⁵ Fanfarrões.

Ora se todos estes pesados abusos não eram bastantes para despertar o borrego desta desesperadora pasmaceira, como é que a conclusão da paz, que ele almejava, e o destronamento de Afonso VI, que ele desprezava, o haviam de fazer?

Exposto assim em resumo, o estado em que se achava Portugal nos primeiros meses do ano de 1668, damos por finda esta Introdução, e passamos, no capítulo que se segue, a principiar a novela.

I

O capitão Pantaleão Rodrigues de Coura

O Inverno de 1667 para 1668 foi inconstante e frigidíssimo.

Firmara-se o vento, ao findar o Outono, no quadrante do norte, e daí soprara rijo e permanente dentre leste e nordeste, arrefecendo glacialmente a atmosfera. Nos últimos dias de Novembro, desde as alpestres planuras das montanhas do Coura até aos píncaros graníticos da serra da Gavieira tudo estava coberto de neve.

O vento saltou então para sudeste, depois para sul, depois para oeste. Espessíssimo nevoeiro, que realizava o sonhado por Ossian nos fabulosos vales do *Loda*, cobriu as montanhas, que ficaram, por dias, literalmente abafadas por outras ainda mais gigantescas de nuvens, que do espaço tombaram sobre elas. Dias depois, o nevoeiro principiou a dissipar-se em chuva miúda, que caía irregularmente; em seguida o vento tornou a lançar-se na casa do norte, trazendo de novo consigo o bom tempo e o leste frigidíssimo. Assim foi andando o Inverno, ora chovendo, ora escurecendo com a neblina, ora limpando totalmente o espaço e deixando aparecer um sol esplêndido, mas cujos raios, apesar de todo o seu fogo meridional, não eram bastantes para suavizar os rigores congelados do vento oriental.

O dia 1 de Janeiro de 1668 foi dia de frio medonho. O céu estava claro e transparente, o sol estava radioso e sem mancha, mas o nordeste soprava rijo e incessante, e tão frio e gelado, que não havia poder aturá-lo. Soprou assim quatro dias a fio. Ao cabo deles, as majestosas cabeleiras de neve, que cobriam os píncaros das montanhas, deixaram de mostrar, flutuando ao vento, as brancas e enormes madeixas, que o tufão do levante sacudia e a espaços arrancava delas; e transformaram-se em gigantes redomas de rijo e transparente cristal, em cujos seios se abrigavam os cerros. Os robustos e rudes serranos manifestavam o excesso nunca visto daquele frio, aconchegando para as orelhas as suas gualteiras²⁶ de peles, e ajustando mais para os corpos os seus grosseiros mas quentes calções e pelicos²⁷.

Depois veio a chuva, e abrandou aquele maior rigor de temperatura. E o Inverno assim foi até o mês de Março, ora chovendo ora aparecendo o sol, mas sempre nevando e sempre fazendo frio mais do que era natural.

²⁶ Carapuças de pastor.

²⁷ Fatos de pastor, feitos de peles de carneiro.

²⁸O dia 12 de Abril de 1668 caiu numa quinta-feira, doze dias depois do Domingo de Páscoa, que naquele ano se solenizou no 1º de Abril.

Amanhecer aquele dia escurecido por uma névoa compacta e cor de chumbo, que emantilhava o espaço. Não fazia um só bafejo de vento, e a atmosfera estava fria, mas deste frio que parece que dorme, que mal se sente quando se está parado, que para se sentir verdadeiramente é preciso despertá-lo, andando.

Neste dia, pois, das duas para as três horas da tarde, um homem de aparência e vestuário totalmente militar entrou para dentro dos muros de Ponte do Lima, montado num possante cavalo amame²⁹, já velho e, ao parecer, bastante cansado.

O cavaleiro, pelo que demonstrava, era homem para mais de cinquenta anos de idade, apessoado e de estatura acima do vulgar, espadaúdo e com aparência de mais que regularmente forçoso. Tinha o rosto, cuja pele era rija, sulcada e cortada pelo tempo, arrazoadamente magro e comprido; os olhos pequenos e graves encovavam-se-lhe para debaixo de umas espessas e bastas sobrancelhas de cor preta com bastantes brancas; o nariz era comprido e grosso; o enorme bigode que lhe ocultava a boca e a igualmente enorme e farta pêra, que lhe descia do queixo inferior, eram também cabelos pretos rareados de muitas brancas. O cabelo da cabeça, que trazia cortado curto, era da mesma cor.

As armas defensivas eram pouco mais ou menos iguais às que usavam os homens da cavalgada, de que falei no episódio, que na Introdução contei ao leitor. As diferenças, porém, eram para melhor. O capacete, que lhe cobria a cabeça, era um verdadeiro bacinete³⁰ de prova dos feitos em Milão. Não tinha gorjal³¹, mas na parte superior via-se-lhe uma penacheira, onde em outros tempos tinham flutuado plumas, de que hoje restavam só os pés. Trazia ao pescoço uma pequena golilha de canudos de linho já muito amarrrotada. Vestia uma couraça brunida e luzente; e os coxotes, que trazia, em lugar de jogarem soltos dela, jogavam enlaçados ao comprido tonelete³². Esta armadura não era em verdade das mais modernas, porque nos últimos tempos tinham-se principiado a pôr de parte o tonelete e os coxotes; mas isso demonstrava apenas que o honrado veterano tomara posse da sua armadura em época [em] que ela ainda se usava

²⁸ Tem início neste parágrafo o excerto do romance publicado na revista dirigida por Augusto Gama, *Sombra e Luz*, Porto, Typographia a Vapor Seculo XX de Silva & Silva, 3^a série, Janeiro (pp.132-140) e Fevereiro de 1901 (pp.164-174).

²⁹ Aname ou fouveiro: malhado de branco e preto.

³⁰ Peça da armadura usada por baixo do capacete.

³¹ Parte da armadura que servia para defender a garganta.

³² Parte da armadura que vai da cinta ao joelho.

daquela forma. Os braçais da couraça chegavam até o cotovelo e daí para baixo seguiam-se umas grandes luvas de pele de gamo, cobertas pela parte superior de lâminas de ferro sobrepostas.

Por armas ofensivas trazia espada e adaga à cinta; em bandoleira uma clavina, no arção dianteiro uns coldres com pistolas, e do lado direito paralelo com a perna uma espécie de machado, instrumento que não consta que fizesse parte do armamento de nenhum cavaleiro daquela época, mas que o nosso trazia efectivamente.

O cavalo vinha arreado com toda a perfeição necessária para o manejo da cavalaria da brida³³. Sela de quatro borrainas³⁴ tão perfeitamente espaçadas umas das outras, que as pernas se justavam bem entre elas, sem contudo deixarem de se poder revolver à vontade. O arção dianteiro era um pouco mais alto do que o traseiro, e o coxim tão calculadamente estofado junto da maçaneta, que o corpo caía perfeitamente na sela. Esta estava segura por três boas cilhas de pano com fortes guarnições de couro, das quais a do meio, chamada cilha mestra, abraçava toda a sela em derredor, por cima dos suadouros³⁵ e das chapas que os prendiam, ficando só com o coxim por cima de si. Pela parte de diante ficavam os loros fortes e dobrados, com fivelas seguras, passadas em ferdilhões pregados bem ao meio das borrainas, e cujas chapas descaíam um tanto para os suadouros. Os estribos eram de argola, os mais próprios para selas de campanha, com o lastro interpolado de sacabocados³⁶ para o pé se poder firmar nele sem escorregar. O peitoral segurava bem a sela, pegando nela por quatro partes, na parte superior em duas fivelas, e pela parte de baixo nas cilhas; aos lados do peito tinha duas fivelas que facilitavam o poder-se apertar ou alargar de qualquer dos lados. O rabicho³⁷ era pregado com dois látegos à sela, e alargado em tal proporção que nem molestava o cavalo nem deixava correr o aparelho. O xairel³⁸ era de pano, que em tempos fora azul, avivado de fitas de lã que tinham sido amarelas, e adornado de duas grandes borlas nos cantos posteriores, das quais apenas existia a do canto direito e essa já bem magra e esfarrapada. A cabeçada era leve e estreita, mas com todas as condições de segurar bem o cavalo, sem contudo o magoar. Na garupa trazia por cima do coxim do rabicho uns alforjes de couro com as bolsas solidamente afiveladas, e sobre elas uma maleta, tudo preso por dois robustos loros às argolas do arção traseiro.

³³ Sistema de equitação em que o cavaleiro montava com os estribos compridos.

³⁴ Almosada nos arções da sela.

³⁵ Parte do lombo da montada correspondente à sela.

³⁶ Lâminas.

³⁷ Parte dos arreios da cavalgadura que passa por baixo da cauda e prende à sela.

³⁸ Cobertura sobre a qual se coloca o selim ou a albarda.

Tal era o cavaleiro e o cavalo.

Eram, pois, duas para as três horas da tarde do dia 15 de Março de 1668, quando ele entrou para dentro dos muros de Ponte do Lima, vindo do lado do sul, e, sem parar, mas também sem apressar o passo grave e cansado do cavalo, foi andando sempre através da vila, com aspecto imperturbável e de quem não dava importância ao que o rodeava, e para que se não dignava de voltar a cabeça, apesar de nada lhe escapar aos indagadores olhares de viés, com que ia examinando tudo.

Assim foi até junto da ponte. Aí parou, tirou de uma escarcela, que trazia a tiracolo para o lado esquerdo, um livrinho ou memoranda de capa de pergaminho, molhou na língua o dedo polegar da mão direita, e depois, sem fazer caso dos curiosos, que, atraídos pela gravidade daquela fleuma, paravam a olhar embasbacados para ele, pôs-se a volver gravemente as folhas do livro. Por fim encontrou a que procurava, abanou pausadamente a cabeça em sinal de a ter reconhecido, e um instante depois resmoneou em voz grossa e profunda:

- Marcos Palha, rua de além da ponte... Dois Alcides na tabuleta. É isso mesmo. Mas... Potz tausend alle Henker!³⁹ como diz o grande Schomberg, levar-me-á até lá o cavalo? – acrescentou em seguida, levantando a voz e alongando os olhos pela extensa ponte fora.

Depois cobriu rapidamente o cansado animal com um olhar profundamente apreciador da possibilidade da jornada, e exclamou, dando às rédeas:

- Vamos, Invencível, um veterano das Dunas e de Montes Claros, que ademais teve a honra de ser montado pelo grande Schomberg, mordblei! não fraqueja a dois passos do fim da jornada como qualquer perro castelhano tinhoso. Com Deus e avante. Marcha!

Assim dizendo, fez sobre a sela um balanço para a frente, roçando, ao mesmo tempo, ao de leve com as esporas na barriga do cavalo. Este deu um arranco profundo, fitou a meio pau as orelhas, e lançou-se briosamente a trote pela ponte fora. Mas, a poucos passos andados, as orelhas tornaram a descair-lhe, e o pobre animal continuou caminhando sempre, mas no passo cansado e trôpego, em que viera até ali, fazendo enormes esforços para tirar forças da sua fraqueza.

Vinte minutos depois, o nosso viandante, não sem rosnar algumas pragas em alemão e em francês contra o cansaço do cavalo, chegou à Torre velha na outra margem

³⁹ Com um milhão de carrascos! (Nota do Autor)

do rio, e dela, pela ponte do arrabalde, entrou na rua chamada de além da ponte, que se segue imediatamente a ela, já na freguesia de Santa Marinha de Arcozelo.

A meio da rua e entre as demais casas, todas de construção irregular, havia então uma casa térrea, com águas furtadas a toda a largura, cuja frente compreendia, a partir da direita para a esquerda, uma grande loja⁴⁰ transformada em taverna, que tinha por pavimento a terra, e que abria para a rua por duas portas de tamanhos e larguras desiguais, tendo ao meio uma janela pequena e esguia, quase postigo. À taverna seguia-se um vasto curral, que o taverneiro perfidamente chamava cavalariça, para dentro da qual se entrava, por uma porta enorme, e quase tão alta como larga. No espaço, que mediava entre a porta da taverna e a da cavalariça, pendia de um gancho de ferro soldado à parede um tosco retábulo móvel, em que se viam pintados dois monstros guedeludos e de figuras quase indecifráveis, cada um com sua cacheira⁴¹ ao ombro, os quais (dois monstros) a velhacaria do pintor tinha impingido à velhacaria do taverneiro como a dupla representação do afamado e valoroso filho de Alcmena.

Apesar de ser aquela hora do dia, a rua e a taverna estavam quase desertas e silenciosas. Viam-se nela apenas dois fôlegos vivos: no janelo da taverna um homem de meia idade, gordo e corado, calvo desde a fronte até à nuca, e de cara de bonacheirão e velhaco, o qual se achava debruçado nele pelo meio do peito, tomado-o de ombreira a ombreira com a enorme largura dos ombros e com os gordaludos e alentados braços, que se cruzavam recortados sobre o peitoril. O outro fôlego vivo era um enorme e anafado gato maltês, de cara mais viva e inteligente do que a do homem, o qual, acocorado no beiral do telhado, mesmo a prumo sobre o janelo, de orelha fita com aquela expressão de viveza e finura, que obrigaram Casti a despachar o gato intendente geral da polícia da corte dos seus Animali parlanti, vigiava o taverneiro com cara de quem cometera grave crime de guloseima, para castigar o qual o outro se viera acaçapar entre as padieiras do janelo, cuidando, o lorpa! que ali não podia ser bispado pelo esperto criminoso.

O nosso viajante, mal lobrigou os dois indivíduos, cuja atenção já há mais tempo se voltara para ele em razão do tropejar do cavalo, soltou uma gargalhada homérica, e, já a dez passos de distância, bradou em voz grossa e avinhada, e em tom de pronunciado escárnio:

⁴⁰ *Logea* no manuscrito. Rés-do-chão.

⁴¹ Cacete.

- Bem aviado estais com a toca, micer. Mordblei! Cuidado; que o malcatrefe está com cara de tentação, e a vossa respeitável calva fica-lhe mesmo a prumo do rabicho.

E dizendo, apontava rindo para o telhado.

O taverneiro revirou a cabeça, e ainda pôde ver a ponta do rabo do seu inimigo, no acto, em que este, apavorado pela gargalhada bovina do soldado, partia de esfuziada pelo telhado fora.

- O manganaz! O assolador da minha salgadeira! – bradou o bom do homem por entre os dentes cerrados, e torcendo-se sobre o peitoril do estreito janelo, para de lá estender para o telhado o braço hercúleo e o monstruoso punho cerrado.

Mas como o soldado, apenas verificara pelos dois monos do retábulo que era aquela a estalagem que demandava, enfiara sem mais cerimónia o cavalo pela porta do curral dentro, o taverneiro desapareceu também do janelo para vir receber o seu hospedado.

Quando chegou, principiava este a desaparelhar com toda a arte e com todo o cuidado o cavalo. O taverneiro correu a ele, e ofereceu-se com solicitude a substituí-lo naquele serviço plebeu ou pelo menos a auxiliá-lo nele.

Mas o soldado não lho consentiu, arredando-o com o braço e dizendo:

- Não, não, meimigo, não. Invencível é um velho e ilustre guerreiro, de quem só eu posso ter a honra de tratar. Tal qual o vedes, tem pisado, como o amo, muitos campos de batalha, e tomado parte em muitos feitos gloriosos. Atendei bem à sua prosápia. Foi-me oferecido pelo grande Schomberg, quando tive a honra de lhe salvar a vida na batalha das Dunas; e ao grande cabo de guerra foi ele dado pelo grande Henrique de Orange em troca honrosíssima do que lhe fora morto por uma bala de artilharia, na ocasião em que reconhecia as linhas da praça de Hulst. Agora fazei mercê de atentar para esse R maiúsculo que tem marcado a fogo na anca esquerda. Sabeis o que essa letra quer dizer? Eu vo-lo direi. Desbarretai-vos. Quer dizer que este ilustre bicho pertenceu, na mocidade, ao grande Rantzau, lustre e glória da Alemanha e da França, de quem o alcançou o grande Henrique de Orange, que assim pretendia comemorar, com jóia preciosa, a memória da sua amizade com aquele grande homem e grande capitão do nosso século.

Aqui o soldado fez pausa para se ocupar a desprender dos loros da maleta uma velha manta de lã, que a ela trazia presa.

O taverneiro escutava-o de queixo caído.

A nenhum dos centenares de soldados, que tinham pernoitado na sua estalagem, portugueses, holandeses, ingleses, italianos e franceses, que de tudo o revolver da guerra fizera passar por ali durante os longos anos dela, ouvira ele falar em tantos nomes arrevesados, em tantos grandes feitos e em tantos varões ilustres.

Depois, quem dizia aquilo era um português, e conquanto, anos antes, fosse cousa vulgar entre nós a presença dos aventureiros, que de soldados recrutados à força e à força levados pela Espanha para a guerra da Flandres, tinham, por ódio da nação, desertado para os inimigos dela e contra ela combatido na França, na Alemanha, na Itália e na Catalunha, esses homens tinham ido desaparecendo pouco a pouco, e, sobretudo, nenhum deles havia contado os seus feitos com tão grave desplante, com tão autorizada fleuma nem com voz tão grossa e tanto a soar [a] acampamento.

O taverneiro escutara pois o veterano de queixo caído e como que de todo embasbacado. Ele, apenas desprendeu a manta, lançou-a com amor e arranjou-a com arte sobre o lombo do cavalo, e em seguida continuou, conduzindo este à manjedoura:

- Depois de ter pertencido a estes grandes homens, meimigo, veio ter a meu poder pelo modo que sabeis. Desde então até agora não tem ele vivido vida menos gloriosa e de batalhador. Nada vos direi dos meus feitos. Mordblei! A fama fala mais alto do que a minha própria voz; mas para que desde já formeis de mim o devido conceito, dir-vos-ei, que em Montes Claros, foram eles tais que o grande Schomberg, a quem tive a honra de salvar ainda outra vez nessa batalha, livrando-o das mãos dos castelhanos, sobre os quais me arrojei como um leão à frente da minha companhia de couraças franceses, quis que dali por diante eu juntasse ao meu nome e apelido o nome da minha querida pátria, para honrar esta minha única e derradeira afeição com a sem-par glória do filho que havia produzido. Gott straff mein Zel!⁴² – bradou aqui de repente o capitão, soltando um berro temeroso, e atirando um murro hercúleo ao pescoço do heróico Invencível.

Como em seguida o soube o taverneiro, esta interrupção fora motivada por ter o cavalo aplicado os crescidos dentes com menos que a devida moderação ao braço do veterano, quando este, depois de descalçar o guante⁴³ da mão esquerda, se lhe pôs a remexer com o braço indefeso a ração na manjedoura.

- Não cuideis, porém – continuou o veterano depois de ter informado o taverneiro acerca da causa daquele berro inesperado – que este defeito, se é defeito, é

⁴² Deus condene a minha alma.(Nota do Autor)

⁴³ Luva de ferro.

desairoso para Invencível. Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg. Antes é glorioso e glorioso mil vezes. Esta manha de morder, que nele é tal, que até no próprio dono morde, vem-lhe dos trabalhos que passou no cerco de Lens, em que o heróico bicho se afez a roer a manjedoura para matar a fome e afiar os dentes afim de morder, nas sortidas, os castelhanos e os tudoscos⁴⁴, que às ordens do arquiduque Leopoldo cercavam a praça. Mas acerca disto basta. E ora, se vos praz, entraremos na vossa taverna, onde me mandareis dar de comer, e que farte, que grande necessidade tenho dele, como quem não comeu há quatro horas, e lá chantrearemos acerca de negócio, que a ambos nós importa muito deveras.

Assim dizendo, arranjou a clavina na bandoleira, tomou sopesado na mão direita o machado, lançou sobre o ombro esquerdo o capote, enfiou em dois dedos dessa mão a aselha⁴⁵ da maleta, e com este aparato deu a andar em direcção à porta que da cavalaria levava, pela cozinha, para a taverna.

O taverneiro carregou os alforges às costas, e foi-se atrás dele, cada vez com os olhos mais abertos, não só em razão das últimas palavras que o veterano proferira, mas também por causa do perfeito conhecimento que ele mostrava ter da casa, ao atravessar os diferentes repartimentos dela.

O veterano passou por todos eles sem parar, e nem mesmo se dignou fazê-lo na cozinha, onde se achava à lareira a gorda e anafada dona da casa, vigiando um enorme panelão que nela fervia ao majestoso fogo de uma gigantesca raiz de carvalho.

Chegando por fim à taverna, acompanhado pelo taverneiro que o seguia com os alforges, a coisa de sete ou oito passos de distância, o soldado dirigiu-se para uma das mesas de pinho, que se enfileiravam aos lados das paredes, arredadas delas só o espaço suficiente para da parte de dentro caberem as pessoas que se sentassem nos bancos que lá se achavam. Chegando junto de uma delas, o nosso herói pousou a maleta e o machado, sacudiu de si o capote com o ombro, e em seguida tirou de tiracolo a clavina. Depois encostou o punho direito à mesa, e, sem se voltar para o taverneiro, disse, procurando dar à voz um tom aflautado:

- Marcos Palha, eu não sei o que Deus ou o diabo fará de nós; mas eu te fio que se livrar dos quadrilheiros do corregedor, que é o mesmo que livrar da forca, te darei notícias minhas, do cabo do mundo que seja.

⁴⁴ Alemães.

⁴⁵ Pequena asa.

Ao ouvir estas palavras o taverneiro soltou um grito de pasmo, deixou cair os alforjes, e fitou espantado o veterano, que, acabando de as dizer, se voltara para ele a sorrir com um rude sorriso de alegria.

- Estas palavras! – balbuciou o taverneiro sem o desfitar e avançando lentamente dois passos para ele – Estas palavras...

- Estas palavras disse-tas eu em Évora, no tempo do grande tumulto, quando o corregedor Diogo Fernandes Salema andava em nossa cata para de nós fazer presente à força, como fez de tantos outros. Portanto...

- Pantaleão Rodrigues!

- Marcos Palha!

A estas vozes os dois lançaram-se nos braços um do outro, estreitaram-se vigorosamente neles, e assim permaneceram alguns segundos, mostrando no violento arfar, que lhes solevantava os peitos, a profunda e grata comoção que sentiam.

Ao cabo de alguns instantes Pantaleão Rodrigues arredou subitamente de si o taverneiro a todo o comprimento dos braços, e, aferrando-o pelos ombros, assim o esteve contemplando algum tempo com a cara toda sorrisos.

- Sim, sou eu... eu mesmo – exclamou por fim, sacudindo-o rijamente – sou eu, o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura... de Coura, entendes, Marcos Palha? de Coura, que assim me ordenou o grande Schomberg que me apelidasse, para honra da nossa pátria, e para glória...

- Joana, Joana, mulher – atalhou de súbito o taverneiro, desaferrando-se das mãos do seu hóspede e partindo a correr para a porta do interior da casa – Joana, mulher, acode cá. Prestes, corre; teu irmão é chegado; ei-lo aqui, o nosso Pantaleão Rodrigues...

- De Coura, de Coura, amigo Marcos – acudiu logo o capitão, estendendo após ele os olhos e o braço – Pantaleão Rodrigues de Coura... de Coura. Que não esqueça o apelido glorioso. De Coura... de Coura... mordblei!

II

Em que o capitão Pantaleão Rodrigues diz o que fez e ao que vem

Apenas Marcos Palha desapareceu, gritando pela mulher, sentiu-se logo grande reboliço no interior da casa, e a anafada taverneira, esguedelhada e vermelha como um pimentão, assomou no limiar da porta seguida pelo marido.

- Ei-lo ali – gritou este, apontando para o capitão.

A taverneira, como que duvidosa do que ouvia, muito mais que a figura que tinha diante de si não abonava a veracidade do dito, depois de estar um momento parada, pôs-se a caminhar a passos lentos e quase maquinais para Pantaleão Rodrigues, sem desfilar dele os olhos, com ansiosa curiosidade.

O tolo do marido, que não compreendia este sentimento de dúvida, e que a via caminhar com aqueles vagares para o irmão, indignou-se com semelhante falta de sensibilidade e de amor fraterno, e, tomando-a por um braço, empurrou-a para ele, gritando:

- Anda para diante, abantesma; abraça-o, diabo!

- Alto lá, Marcos Palha, alto lá – bradou o capitão, com autorizada gravidade, e franzindo carregadamente o sobrolho – Lembra-te que tua mulher é irmã do capitão Pantaleão Rodrigues de Coura... de Coura, mordblei!

Depois, aproximando-se da taverneira, continuou:

- Joana, olha bem para mim. Não me reconheces? E contudo sou eu... eu mesmo: sou teu irmão Pantaleão...

Aqui vendo que ela, apesar da crescente ansiedade em que ofegava cada vez mais, ainda assim não acabava de vencer a dúvida, acrescentou em voz triste e melancólica, como que falando mais para si do que para ela:

- É verdade, tens razão. Quando te deixei, ainda não tinha dezoito anos cumpridos, e volto com cinquenta já fartos às costas. Grande mudança devo ter feito deveras! Isto cada vez mais mo está dizendo. E contudo, Joana, minha boa Joana, sou deveras teu irmão, filho do mesmo pai e da mesma mãe: sou deveras Pantaleão Rodrigues... de Coura, sã[o] e rijo como um pêro, glorioso como Roldão⁴⁶ e Carlos

⁴⁶ Roland.

Magno, e capitão em França, em Itália, em Flandres, em Inglaterra, em Portugal, capitão em toda a parte...

Chegando aqui, interrompeu-se de golpe, e arregaçando de um ímpeto a manga esquerda do gibão, sobre que ainda não calçara o guante, estendeu o braço nu para a taverneira, e exclamou, apontando para uma enorme e profunda cicatriz, que nele havia:

- Lembras-te quem me fez isto?

Ao ver o braço estendido para ela, a taverneira aferrou-o com ansiedade, fitou por um momento o lugar denotado, soltou em seguida um grito, e, dando dois ou três beijos rapidamente na cicatriz, lançou-se a soluçar histericamente nos braços do irmão.

Marcos Palha, para que o não esquecessem no meio daquelas vivas comoções, dependurou-se, também a chorar, do pescoço do cunhado.

- Sus – exclamou ao cabo de alguns minutos Pantaleão Rodrigues, arredando os dois docemente de cima de si, e limpando depois com as costas da mão duas grandes lágrimas, que lhe deslizavam pelas faces abaixo – Sus, acabemos com tamanhos prantos, ou poderá ser que se renove o dilúvio. Vamos ao que cumpre. Joana, irmã, tu bem sabes que eu sempre tive bom apetite; mas o que não sabes é que não há nada melhor para o aguçar do que são trinta anos de guerras seguidas. Devo, pois, ter a honra de te informar, que sou hoje à mesa de jantar o mesmo que num campo de batalha; um leão. O apetite de um bom soldado é sempre proporcionado com a glória que ele é capaz de granjear. Figura-te, pois, o que não é capaz de comer teu irmão, o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura, ...de Coura, mordblei! como o grande Schomberg quis que eu me chamasse para honrar a terra, que me viu nascer. Assim, parte, vai arranjar-me jantar que seja digno do meu valor e do meu estômago.

- Tu o verás, Pantaleão, tu o verás – exclamou a taverneira.

E depois de dar dois estrepitosos beijos nos rudes bigodes do irmão, partiu de esfuziada para o interior da casa.

Depois que viu partir a irmã, o capitão Pantaleão Rodrigues sentou-se à mesa que estava mais próxima daquela em que poisara a bagagem, e convidou o cunhado a sentar-se defronte dele. Em seguida tirou da escarcela um pequeno cachimbo de barro holandês, resguardado numa caixinha de pau, e carregou-o de tabaco, que trazia numa farta saca de couro, que tirou do fundo de uma das bolsas do alforge. Depois petiscou lume num fuzil de forma grosseira e esquisita, e pôs-se a cachimbar gravemente e como qualquer marinheiro de hoje.

Ao ver fumar o cunhado, Marcos Palha não arregalou os olhos, como decerto o fará o leitor, que estiver persuadido que em 1668 não se fumava em Portugal. Marcos Palha sabia muito bem que o uso do tabaco de fumo, desde muito introduzido entre nós, havia sido generalizado no nosso exército pelos regimentos estrangeiros, sobretudo ingleses, que serviram em Portugal durante o longo espaço de vinte e sete anos, que durou a guerra da independência; e sabia também que para a generalização deste uso contribuíra não pouco o grande número de soldados portugueses, que a Espanha havia levado à força para as guerras da Flandres, da Alemanha e da França, e que a revolução de 1640 convidara a desertar para vir defender a independência do solo natal.

Marcos Palha não se admirou, pois, de ver um cachimbo dependurado dos lábios de um capitão de couraças. Se pasmou nele os olhos muito abertos, foi porque nunca se lembrara da possibilidade de ver fumar Pantaleão Rodrigues, seu companheiro de infância, seu cunhado e como ele natural de S. Pedro de Rubiães, na serra de Coura, terra onde, no tempo em que os dois eram rapazes, nem mesmo se sabia que havia neste mundo uma coisa chamada tabaco. Mas aquele pasmo transformou-se, instantes depois, em orgulho de família e de campanário. O cachimbo na boca de Pantaleão Rodrigues era assim a modo de condecoração que provava irrecusavelmente as suas longas e arriscadas peregrinações e diuturna assistência na guerra. E factos destes, aos olhos de pobres diabos como Marcos Palha, sempre honram inchadamente a geração e a pátria.

Era deveras um pasmo e orgulho lorpa; mas é preciso confessar que era natural, como natural era também o não dar Pantaleão Rodrigues por ele. Que diabo! Pois o velho capitão de couraças, para quem o fumar era hábito trivial, e que fumava havia trinta anos como verdadeiro tarimbeiro⁴⁷ que era, podia lá desconfiar sequer que o cunhado havia de ficar de boca aberta por ver um cachimbo dependurado da dele? Assim, mal teve o cachimbo bem aceso e capaz de funcionar sem interrupção nem suspiros, rompeu sem mais explicações a conversa sobre o passado dos dois, e a pouco espaço estava a falar só de si. E deveras, de quem se podia falar senão dele, do herói do dia, da ocasião e daquela casa?

O diálogo descambou, pois, muito naturalmente para a narração dos sucessos por que tinha passado, depois que os dois se haviam separado em Évora, fugindo às forças do corregedor Salema. Era uma verdadeira epopeia a vida do magnânimo capitão. De Évora havia fugido por montes e vales para Setúbal, de onde partiu numa caravela

⁴⁷ Militar.

inglesa para a Flandres espanhola, inspirado pela prudente razão de que era melhor viver entre os castelhanos ao longe, onde era desconhecido, do que na pátria onde o procuravam para ser enforcado. Em Flandres o patriotismo e o ódio que tinha aos opressores de Portugal aconselhavam-no a sequestrar-se inteiramente deles; mas o estômago, órgão poderosíssimo sobre os mais ilustres catões⁴⁸ e que sobre ele exercera sempre influência omnipotente, obrigou-o a servir os inimigos da pátria, alistando-se num regimento de guardas walonas.

Em 1635, a França, ou antes Richelieu, que dominava a França e Luís XIII, declarando guerra à Espanha, deu-lhe ensejo de fazer em pedaços a negregada braga⁴⁹, a que a fome o trazia acorrentado. O regimento de Pantaleão Rodrigues estava em Bruxelas precisamente na ocasião, em que João Gratiolet, rei de armas de Alençon, se atreveu, com cabeçuda intrepidez, a fazer a declaração de guerra em plena praça de Sablon, a despeito de todos os esforços que fizeram os espanhóis para lho embaraçarem. Pantaleão Rodrigues meteu-se de gorra⁵⁰ com Gratiolet, fugiu com ele para França e aí alistou-se num regimento de cavalaria, onde, graças à protecção do rei de armas, alcançou desde logo um posto inferior. Depois esteve com Chatillon na tomada de Gravellines; com o famoso Condé em Rocroi, em Thionville, em Fribourg, em Nordlingen, em Dunkerque e em Lens, e em seguida com o ilustre Turenne em Stenás e La Chapelle, em Arras e na famosa batalhas das Dunas.

Em 1660 fez-se a paz dos Pirinéus, em que o cardeal Mazarino, para facilitar o casamento de Luís XIV com Maria Teresa de Áustria, nos abandonou com traiçoeira deslealdade aos ressentimentos da Espanha. Mas se a política aconselhou ao astuto italiano este acto de vilania, que enodouu naquele tempo o nome francês, aconselhou-lhe também que, visto ser prejudicial aos interesses da França que Portugal fizesse parte da Espanha, convinha não lhe embaraçar os meios de se defender da sua poderosa vizinha. Em razão disto fez que não viu, e a coberto desta falta de vista, D. João da Costa, conde de Soure, e nosso embaixador em Paris, pôde contratar, para virem servir em Portugal, alguns regimentos franceses, e, por indicação do marechal de Turenne, o célebre general Frederico Armando, conde de Schomberg, naquele tempo o primeiro capitão da Europa, como lhe chama Lord Macaulay⁵¹.

⁴⁸ De Catão: pessoa austera, rígida, rigorosa, severa.

⁴⁹ Grilheta.

⁵⁰ Meter-se de gorra: insinuar-se.

⁵¹ Macaulay, Hist. of England: chap. XVI. (Nota do Autor)

Schomberg veio, pois, para Portugal com o posto de mestre de campo general, e com quatrocentos mil reis de soldo por mês. Acompanharam-no os seus dois filhos, o mais velho dos quais se tornou depois notável em Inglaterra com o título de duque de Leinster. Além deles D. João da Costa trouxe também quatro mil soldados e seiscentos oficiais de todas as armas. Entre estes veio num regimento de couraças e já no posto de capitão, o valoroso Pantaleão Rodrigues, a quem Schomberg era particularmente afeiçoados, depois que ele lhe salvava a vida na sanguinolenta batalha das Dunas.

Decorreram ainda sete anos de guerra, e durante eles sucederam-se numerosos e brilhantes feitos de armas, sobreexcedendo a todos a famosa batalha de Montes Claros, comandada nominalmente pelo marquês de Marialva, mas de facto pelo conde de Schomberg.

Seguiu-se a paz.

- A paz! – exclamou aqui o capitão de Coura – o enlevo dos covardes, a ruína e o inferno de todos os verdadeiros soldados! A paz! A desgraça e a vergonha de Portugal, a mácula indelével da honra e da glória portuguesa! A paz! Condene Deus quem a aconselhou ao príncipe regente. Ao inferno vá parar, com o Judas traidor, o português desleal e infame que deu tão inglório alvitre. Mas basta acerca desta vergonha. E aqui tens a minha vida até hoje, Marcos Palha. Além de um sem número de escaramuças, de recontros e de emboscadas, achei-me em quarenta e dois cercos e vinte e três batalhas campais. De tudo isto resta-me apenas a vida e a glória... a glória, Marcos Palha; e com ela oito balas e vinte [e] duas cutiladas no corpo. A respeito de *chelpa*⁵² não falemos. Bem sabes, Marcos irmão, que eu desprezei-me sempre de ter o sestro⁵³ da acumulação. Não me lembra de, na infância, ter mealheiro, que não fizesse em cacos, apenas ouvia cantar dentro dele um ceitil⁵⁴.

A esta notícia, que tanto lhe ameaçava a bolsa, Marcos Palha abriu e fitou no cunhado uns olhos redondos como os de uma coruja.

- E que intentas fazer agora? – tartamudeou, apenas o susto lhe consentiu que respirasse.

- Que intento fazer! – exclamou Pantaleão Rodrigues – Essa é boa, mordblei! Por quem me tomas tu, Marcos Palha? Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg. Pois que hei-de eu intentar, homem, senão continuar a vida heróica, que

⁵² Dinheiro.

⁵³ Mania, vício.

⁵⁴ Do Árabe *cebt*. Antiga moeda portuguesa que equivalia a um sexto do real.

tenho vivido até aqui? O grande Schomberg sai dentro em três meses de Portugal. Parte não sei para onde, mas parte decerto para onde houver guerra. Convidou-me para que o acompanhasse. Aceitei; mas como desejava saber o que restava da minha família e das minhas montanhas, e se Marcos Palha tinha ou não sido enforcado, pedi dois meses de licença, e parti. E aqui estou. Ao cabo deles, dir-vos-ei adeus, e adeus para todo o sempre, e partirei para onde... Mordblei! que me importa a mim para onde? Para onde houver necessidade de um valente, para onde houver cercos e batalhas, a fim de, quando chegar a hora, morrer como deve morrer o capitão Pantaleão Fernandes⁵⁵ de Coura.

Ao ouvir estas palavras, Marcos Palha solevantou o arcabouço com um suspiro, que parecia de quem arrojava de cima de si uma montanha.

Ao mesmo tempo, Joana entrou na taverna, acompanhada de uma moçoila de rabucha e pé e perna [sic]; e, depois de estender diante do capitão uma toalha que, apesar de ter sido lavada, tinha cara de suja, pôs sobre ela uma alentada boroa, dois moletes e uma monstruosa tigela de caldo, e em seguida um enorme prato redondo, onde, sobre uma montanha de couve galega, vinha fumegando meio presunto cozido e rodeado de batatas, o qual tomou de cima de um tabuleiro de pau que a moça trazia. Além de este façanhudo naco de porco, capaz de fartar as tremendas de todos os bernardos conhecidos⁵⁶, pôs mais na mesa uma enorme fritada de chouriços e ovos, e um alguidar de arroz de forno, para fora do qual furavam as pernas e a rabadilha de uma galinha.

Marcos Palha, ao ver diante de si aquele espectáculo, ficou como tonto, com olhos lastimosos fitos nos comestíveis por ele destinados para uns quantos fregueses de Ponte do Lima, que haviam aprazado vir ribaldear essa noite a casa dele.

Daquele enlevo doloroso tirou-o a voz da mulher que bradava:

- Marcos, sus, homem, vai buscar um canjirão de vinho para o mano. E que seja do melhor, do de Beiral, que este ano é de fazer estalejar a língua na boca.

O taverneiro fez das tripas coração e partiu para uma das pipas que estava na taverna, da qual tomou um pouco de vinho numa borracha⁵⁷. Entretanto Pantaleão Rodrigues, com as mãos cruzadas sobre a barriga, olhava todo sorrisos o abastecimento que tinha diante de si; e Joana parecia querer arrojar de alegria a alma pelos olhos fora ao contemplar aquelas inequívocas demonstrações da satisfação do irmão.

⁵⁵ Obviamente um lapso do autor. O apelido seria Rodrigues.

⁵⁶ *Bernardo* é sinónimo de estúpido e glutão.

⁵⁷ Vaso de couro bojudo, com bocal de madeira para líquidos.

Marcos Palha pôs por fim a borracha em cima da mesa. Mal a viu a par de si, o capitão pareceu despertar e exclamou em tom de inspirado:

- Ó santa abundância! Ó patriarcal fartura da minha terra! Que valem a par de vós os alfitetes⁵⁸ e mirrastes⁵⁹ da corte, ou as galinhas de recheio e os acepipes de conserva, que tive a honra de comer à mesa do grande Schomberg? Salve, três vezes salve, ó salgadeira abençoada! Eu te honrarei como ainda ninguém ousou honrar-te em dias de vida. A ela, Pantaleão Rodrigues de Coura, a ela; e carregar como em Rocroi e Nordlinguen, como nas Dunas e Montes Claros. Trombeta, tange uma carga. Avança; com Deus e avante.

E dizendo, empinou a alentada borracha que esvaziou de um só fôlego.

- Corne et tonerre! – exclamou em seguida com o rosto aceso em furor, e batendo com o fundo da borracha violenta pancada na mesa – Marcos Palha, onde aprendeste a cortesia de receber um hóspede com a borracha apenas cheia até meio? Ou a borracha é uma ladra, ou tu estás tolo, cunhado. Mordblei! – acrescentou, arremessando a borracha ao meio da casa – traz o canjirão, ou, pelo umbigo do diabo, eu fiador que vá beber mesmo pela torneira da pipa.

Marcos Palha deu um salto, apanhou a borracha, e exclamou com cara de alarve, olhando para ela:

- Diacho da borracha! Como engana!

O capitão lançou-lhe um olhar iracundo, e de quem se não deixava comer por tolo, e o taverneiro trouxe por fim o vinho na vasilha requerida.

Três quartos de hora depois toda aquela matalotagem⁶⁰ que fartaria quatro homens, havia desaparecido, e com ela perto de meio almude de vinho de Beiral. Ele, o meio presunto, o arroz de forno e a galinha, o pastelão de chouriço e ovos, os moletes e a meia boroa, tudo tinha afundado para todo o sempre no voracíssimo abismo do estômago do capitão de Coura.

Depois de dar um longo e último beijo na borracha, e lançar um derradeiro olhar de despedida para os pratos enlambuzados e vazios, Pantaleão Rodrigues encheu o cachimbo, recostou-se para trás, e perguntou por entre o fumo do tabaco, com os olhos meio cerrados:

- Nossa paí?

⁵⁸ Doce cuja massa é composta de farinha com ovos, açúcar, manteiga, vinho e cominhos.

⁵⁹ Molho da amêndoas pisadas.

⁶⁰ Provisão de mantimentos de um navio ou de uma praça sitiada.

- Morreu de velho – respondeu Joana.
- Nossa mãe?
- Morreu de uma dor de levadigas⁶¹.
- Nosso irmão?
- Morreu afogado no Lima.
- Nosso tio?
- Morreu de uma arcabuzada no forte do Capote vermelho.
- O fidalgo de Rubiães?
- Foi morto com o capitão La Barthe, carregando os dois junto a Aytona os castelhanos, no ano de 53.

- Mas, então... mordblei! que ficou fora dessa mortandade, Marcos Palha? – exclamou aqui o capitão, tirando o cachimbo da boca, e batendo com o punho direito rija punhada sobre a mesa.

Marcos Palha abanou melancolicamente a cabeça, como que assentindo a toda a força da triste verdade que aquela exclamação encerrava, e respondeu em voz plangente:

- Da tua família resto eu, tua irmã e teu sobrinho Baltazar Rodrigues; do velho senhor de Rubiães resta apenas Brás de Barbosa, seu filho e sucessor.

Ao ouvir estas palavras, o veterano desceu sombriamente os sobrolhos, e ficou alguns momentos como que enlevado nas melancólicas realidades, por onde se lhe esvaíam os sonhos, em que, durante mais de trinta anos de ausência, havia sonhado com os seus afectos da mocidade e com a sua terra natal. Por fim ergueu os olhos, e perguntou em voz dura e triste:

- E o rapaz?
- É mordomo do paço de Rubiães, como o foram teu avô, teu pai e teu irmão.

Os olhos de Pantaleão Rodrigues lampejaram um momento com íntima e profunda satisfação.

- E Brás de Barbosa? – perguntou em seguida.

Marcos Palha empalideceu, lançou derredor de si um olhar cheio de medo e de ansiedade, depois, estendeu-se por sobre a mesa aproximando o mais possível a cara à cara do cunhado, e disse em voz sumida e rodeando sempre os olhos com inquietação para os lados.

⁶¹ Tumores fungosos e malignos, que nasciam nos sovacos e outras partes do corpo.

- Caluda! Que nos não vá ele ouvir. Brás de Barbosa tem pacto com o diabo. Dizem que o fez quando andou correndo as sete partidas do mundo. Ouve tudo... sabe tudo... e depois... Santa Marinha, minha advogada! Que até das paredes hei medo. Deus lhe perdoe ao pai...

- Gott straff mein Zeel! – exclamou furioso o capitão, empurrando de si o cunhado. – De que pacto ou que diabo estás tu a falar, alarve? De que avejões estás tu com esses medos, Marcos Palha?

O taverneiro apertou a cabeça entre as mãos, como se sentisse estalar o raio sobre ela.

- Fala baixo, Pantaleão, fala baixo – balbuciou em voz medonha de ansiedade e de terror.

- Qual baixo nem qual diabo – bradou cada vez mais furioso o veterano – o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura nem de todo o inferno tem medo. Fala... fala ou por satanás!...

- Santa Marinha, minha advogada! – balbuciou o taverneiro. Depois curvando-se sobre a mesa, continuou em voz sumida – Saberás que Brás de Barbosa é homem sem alma e sem temor de Deus, que nem a hóstia respeita no sacrário. Fala para todos com soberba de carrasco. Casou com a filha do morgado de Alarcão, e quatro anos depois, um bom dia de Deus, desapareceu a pobre da fidalga, sem se saber o que foi feito dela, nem o marido o dizer, e nem consentir que de tal se fale. O pai e os irmãos dela foram a Coura com grande poder para vingar aquela falsa maldade; mas Brás de Barbosa saiu-lhes ao encontro, houve aí grande peleja junto de S. Paio de Água Longa, e por fim de contas os de Alarcão foram derrotados, escapando da morte só o mais novo que dizem que vive hoje em Lisboa, onde anda requerendo justiça contra o senhor de Rubiães.

O taverneiro parou aqui um momento para limpar o suor, que a aflição e o medo lhe faziam correr da fronte. Em seguida continuou:

- Santa Marinha, minha advogada! Depois daquele cruel feito ninguém ousa abrir o bico acerca dele. A justiça não se atreve a persegui-lo, porque oficial ou quadrilheiros que lá vão não escapam de mortos ou de voltar decepados ou desorelhados. Até o próprio conde do Prado parece que lhe tem medo, porque nunca consentiu lá mandar corpo da tropa a prendê-lo, como por mais de uma vez lho têm requerido os parentes dos de Alarcão. Depois, Santa Marinha, ora pro nobis!, sabe tudo, até parece que as paredes vigiam para ele. Por ter falado mal dele, já mais de um triste

tem aparecido ou morto de tiro por esses caminhos ou na própria cama tisnado e negro como se das mãos do diabo houvesse recebido a morte! Santa Marinha, valei-me! Ai, Pantaleão, que homem! Agora anda embrulhado em amores com uma filha do fidalgo da casa do Pilar em Ponte, que é tão boa como ele, até dizem que de uma bruxa recebeu os novelos, e faz tudo quanto quer. E ainda não queres crer que aquilo seja pacto! Tanto o é que traz sempre consigo um cavalo e um canzarrão, negros ambos como o pecado, com os quais faz coisas que só almas penadas são capazes de fazer. Dizem que são dois diabos encarnados. E assim deve ser, e tanto assim, que ao cavalo chama ele Satanás e ao cão Belzebu. Vê tu que homem aquele! Vê em que parou a santidade da casa dos senhores de Rubiães!

O taverneiro pôs aqui ponto à sua narração com grandes esgares e reparos de medo para os lados. O veterano ouvira-o com um sorriso de ironia e de escárnio nos lábios. Por fim ergueu-se.

- Vou-me lá – disse ele com a sua heróica gravidade.
- Vais lá! – exclamou pondo as mãos o taverneiro – Pois tu queres ir a Rubiães!
Pois queres ir meter-te nas garras daquela alma perdida!

O capitão olhou-o um momento com um olhar e um sorriso de escárnio e de compaixão.

- Marcos Palha – disse por fim – tu foste sempre mais do que meio alarve, mas a idade e a total carência da minha companhia por tantos anos fizeram de ti mais do que alarve inteiro. Pois cuidas que o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura teve a honra de servir às ordens do grande Condé e do grande Turenne, e de salvar a vida ao grande Schomberg nas Dunas e Montes Claros para por fim acreditar nas parvoíces que tens estado a alanzoar? Mordblei! Tudo o que tens estado a dizer, Marcos Palha, não passa decerto de uma súcia de tolices só dignas de uma cabeça como a tua. Os senhores de Rubiães foram sempre uma nobre raça de valentes e de homens de bem, da qual é de todo o ponto impossível que saísse um bargante como esse que aí tens estado a pintar. Aí há coisa que não podes compreender, meu pobre tolo. Desde já te digo, porém, que o que se me afigura de tudo isso é que Brás de Barbosa, como digno filho dos senhores de Rubiães, não é homem que consinta que ergam diante dele com arrogância ameaçadora a cabeça, que é um valente numa palavra; e (em) quanto ao tal desaparecimento da fidalga... Vou-me lá, vou saber o que tudo isso vem a ser.

Assim dizendo, pôs-se a entrouxar com toda a fleuma a bagagem, apesar dos rogos do cunhado, e dos gritos e lágrimas da irmã, que, havendo entrado naquela

ocasião na taverna, tentava comovê-lo a ficar, gritando e chorando que não o tornava a ver.

Para despartir de todo aquela burlesca contenda, que já principiava a incomodá-lo, o capitão voltou-se para eles e disse-lhes com o sobrolho carregado e em tom que não admitia réplica:

- Ora sus; disse que não, não. O capitão Pantaleão Rodrigues de Coura nunca tornou atrás com o que disse uma vez, ainda que dissesse que o preto era branco e o branco era preto. Disse que partia, hei-de partir; disse que partia já, e já há-de ser. E portanto basta, que já me amofino com tanto porfiar. Joana – continuou em voz mais branda – não sejas tola. Para que estás aí a dizer que me não tornas a ver? De que diabo te arreceias à conta de quem esteve em Rocroi e Nordlinguen, nas Dunas e em Montes Claros? Mordblei! Não me tornas a ver! Ora vede a sandice da perra! Tenho dois meses para vadear por essas terras de Cristo, e juro a Deus, potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg, que passarei a maior parte deles em tua casa. O capitão Pantaleão Rodrigues de Coura nunca faltou ao que prometeu; mas quando assim não fosse, tenho a honra de vos informar que a tua salgadeira, Joana, é de sobejo deliciosa, e o teu vinho de Beiral, Marcos Palha, de sobejo excelente para que eu ousasse faltar desta vez à promessa que acabo de ter a honra de fazer-vos. Portanto, cunhado, ajuda-me a conduzir a bagagem para a cavalaria. Vou-me a aparelhar o cavalo, que a noite está aí connosco, e quero que ela me tome pelo menos já a metade do caminho, e como sabes são duas boas léguas e meia da porta daqui até S. Pedro de Rubiães.

Depois deste discurso Marcos e Joana conheceram que não havia que profiar com o capitão. Deixaram-no pois fazer desafrontadamente a sua vontade.

Meia hora mais tarde, o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura despedia-se da irmã e do cunhado e seguia corajosamente pela estrada que de Ponte do Lima vai quase linha recta até à serra de Coura.⁶²

⁶² Termina aqui o excerto publicado na revista *Sombra e Luz*.

III

Desiguais frutos da mesma árvore

Quando o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura saiu da estalagem dos dois Alcides, eram perto das seis horas da tarde.

À medida que fora descaiendo o dia, o manto pardacento de neblina, que de horizonte a horizonte encobria uniformemente o espaço, fora-se avolumando por igual, dificultando cada vez mais a passagem da luz. Assim a noite ameaçava antecipar-se nesse dia numa longa meia hora, ao que naturalmente devia ser.

Ao mesmo passo que a noite se ia aproximando, a atmosfera ia-se também congelando gradualmente. Tudo fazia acreditar que, depois dela fechada o frio havia de ser verdadeiramente polar. A calma era completa, e, de quando em quando, da espessa camada de neve, que emantilhava o espaço, caíam grandes gotas de chuva, que, se acertavam na cara ou nas mãos de algum passeante, deixavam o sítio cor de lírio.

Apesar, porém, do gelo e do adiantado do dia, o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura arremeteu denoda[da]mente pela estrada de Coura fora. Tinha por prevenção lançado o seu grande capote aos ombros, e coberto com as fraldas dele a maleta, os alforjes e a anca do cavalo.

O frio era deveras para desesperar. Pantaleão Rodrigues, que vivera muitos anos na Holanda, chegou, em presença dele, a convencer-se de que a sua querida terra natal era deveras mais fria do que a pátria dos flamengos, que ele por esta razão dera por mais de uma vez ao diabo. Mas o espectáculo da serra de Labrufe⁶³, que principiou a avistar logo a pouca distância de Ponte do Lima, e sobretudo o das cumeadas da serra de Coura, que se elevavam por detrás dela, aqueceu-lhe de [tal] modo o sangue com o santo fogo das saudades da pátria, que estou em dizer que, naquele momento, o honrado Pantaleão não trocaria, pela mais quente lareira do mundo, o perigo que corria de morrer regelado, se lhe pusessem por condição o perder de diante dos olhos aquela vista e a esperança de pôr, em poucas horas, os pés sobre a sua montanha querida.

O ilustre Invencível é que parecia não ser da mesma opinião. E não há que admirar nisso; porque além de bruto, era estrangeiro, e para se consolar daquele frio não tinha outra cousa mais do que as esperanças de mais frio ainda, uma péssima e horrível estrada, e sobre si todo o peso do alentado capitão, da sua armadura e da sua bagagem.

⁶³ Ou Serra da Labruja, como o autor escreve noutro passo. Pinho Leal também apresenta as duas formas (*Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, vol.IV, 1874, p.5).

Assim o heróico bicho, que saíra dos dois Alcides trotando garbosamente, graças à farta ração de milho que o capitão lhe lançara na manjedoura, e à abundante sopa de vinho com que o regalara ao partir, a pouco mais de um quarto de légua principiou a fraquejar e a dar provas evidentes de que na idade em que estava nem mesmo as lembranças dos ilustres varões, (a) que tinha servido, eram motivo suficiente para lhe darem alentos de resistir às fadigosas aventuras, em que as pátrias saudades do amo o metiam.

Quando o capitão de Coura chegou a Brandara, meia légua pouco mais ou menos de Ponte do Lima, a noite cerrara de todo, e o formoso espectáculo da serra de Coura desaparecera totalmente no horizonte cor de pez⁶⁴, em que se transformara o espaço. Para cúmulo da desgraça, a neblina começou a desfazer-se em grossa chuva de farrapos de neve, a que no Minho chamam fuleca⁶⁵.

Apesar de todos estes contratemplos, Pantaleão Rodrigues foi avante, regougado fleumaticamente pragas e observações contra a intempérie da estação invernosa. De quando em quando cavalo e cavaleiro apareciam literalmente brancos de neve, e viam-se obrigados a sacudirem-se, para se aliviarem do peso que o gelo por esta forma lhes carregava sobre as costas.

A meio quarto de légua para além de Brandara a estrada principiou a tornar-se cada vez mais intransitável, e o passo do cavalo cada vez mais tardo e mais trôpego. A grossa descarga de fuleca, que caía havia meia hora, tinha ido adelgaçando pouco a pouco a atmosfera, e esclarecido o espaço. Mas esta vantagem, que fora utilíssima se o cavalo estivesse em melhores condições de validez, não podia ser agora para o capitão senão motivo de desgosto, porque lhe deixava ver claramente o péssimo estado do solo da estrada, e portanto as probabilidades cada vez a maior [sic] de ter de fazer a jornada a pé e ademais carregado com a bagagem, se não preferisse abandoná-la, a ela e a Invencível, no meio do caminho.

Apesar de todos estes inconvenientes, o capitão de Coura, fiel à sua teima, nem sequer pensava em descavalgar para aliviar o cavalo, e com ele de rédea retroceder para procurar onde se hospedasse em Brandara.

Mas todos os grandes esforços têm um termo. Ao cabo de muito lutar, Invencível embicou numa pedra das muitas que adentavam o caminho, estrebuchou um momento procurando briosamente equilibrar-se, e por fim caiu estatelado no meio da estrada.

⁶⁴ Negro.

⁶⁵ Ou folheca: flocos de neve.

- Gott straff mein Zeel! Nunca me fez isto! – bradou Pantaleão Rodrigues dando ligeiramente um salto para fora da sela.

Em seguida tratou de ver se fazia levantar o animal, primeiro puxando-lhe pela rédea, e depois levantando-o quase em peso pelo meio do corpo. O brioso Invencível fazia, pela sua parte, todos os esforços possíveis para se aproveitar do auxílio do amo. Mas a idade era muita e o cansaço extremo. Apenas o capitão o deixava de amparar, o pobre animal tombava de novo, soltando um gemido profundo em que parecia despedir a vida e voltando ao mesmo tempo os melancólicos olhos para o amo, como que a desculpar-se daquela sua fraqueza involuntária.

Diante deste lúgubre espectáculo, Pantaleão Rodrigues sentiu apertar-se-lhe o coração. Não se lembrou de si, não se lhe antolhou a necessidade de continuar a pé a jornada carregado com toda a bagagem; lembrou-se só, e pela primeira vez, de que Invencível ia morrer, que ia separar-se para sempre do seu velho companheiro de tantos trabalhos e de tantos combates.

Apesar do frio, o suor da aflição borbulhou-lhe na fronte. Tirou o capote, cobriu com ele o pobre animal, depois ajoelhou junto da cabeça dele, e, levantando-lha nos braços, começou a dizer com voz visivelmente aflita e comovida:

- Invencível, meu valente, então que é isto? Assim me queres deixar só neste mundo, depois de tantos anos de combates e de glórias, que juntos alcançámos? Mordblei! Que fraqueza é esta? Pois um herói das Dunas e de Montes Claros, o companheiro das glórias do grande Rantzan, do grande Schomberg e do grande Pantaleão Rodrigues de Coura, há-de assim deixar-se morrer como qualquer sendeiro vilão sobre o piso infernal de uma estrada, que o diabo confunda, entre duas aldeias minhotas! Vamos, meu bravo, coragem! Não desmintas o nome que por tantos feitos gloriosos tens merecido até hoje. Ânimo, Invencível! Isso passa. Iremos morrer depois com o grande Schomberg num campo de batalha...

Aqui o capitão interrompeu-se de golpe, e aplicou com atenção o ouvido. Afigurou-se-lhe ter apercebido tropejar de cavalgadura do outro lado da encosta, a pouca distância do alto da qual Invencível tropeçara e caíra.

Os passos tornaram-se por fim mais distintos e como de trote rápido de cavalgadura alentada e possante.

O capitão de Coura poisou então com amor a cabeça do cavalo no chão, mas ainda o não tinha acabado de fazer, quando um homem montado numa reforçada mula, com um chapéu de grandes abas na cabeça e o corpo coberto por um amplo capote,

cujas fraldas cobriam igualmente a garupa da cavalgadura, assomou de repente no alto da encosta, e chegou ligeiro como um relâmpago até oito ou dez passos a distância dele.

O capitão de Coura deu um salto para a frente da cabeça do derribado Invencível, e empunhou a clavina, que aferrou num relance.

O recém-vindo, ao ver erguer-se inesperadamente diante de si, a apessoada figura de Pantaleão Rodrigues, fez parar a mula de golpe, e bradou em voz de trovão, mas um pouco alterada em razão da surpresa, que de improviso o tomara:

- Quem vive?

- Isso digo eu, mordblei! – replicou num brado estertório Pantaleão Rodrigues – Quem vive? Por Satanás! Respondei ou vos mando de presente ao diabo.

- Viva el-rei D. Afonso VI, nosso senhor! Viva Portugal! – respondeu o outro – E vós por quem sois? – acrescentou, atirando ao mesmo tempo o capote para fora dos ombros, e apontando para o capitão uma pistola que aferrou num instante.

- Viva Deus, meimigo – replicou este gravemente, e derrubando a boca da clavina para o chão – vejo que nos entendemos. Ora andai; recolhei aos coldres a vossa peça de fogo, que estais com gente de segurança; e, se sois homem de prol, como vos afigurais, descei-vos e ajudai-me a erguer o meu Invencível, que aí jaz derribado e rendido a cansaço a que nunca cavaleiro sujeitou cavalo no mundo, de outra forma jamais o nobre e valente animal que teve a honra de ser cavalgado pelo grande Rantzan, pelo grande Henrique de Orange, pelo grande Schomberg, e que hoje tem a glória de pertencer ...

- Mas, pelo grão diabo do inferno! – bradou o outro, a quem o palavreado do capitão principiava a incutir graves desconfianças – Mas quem sois vós e por quem sois? Pelo sangue de Cristo! Viva Portugal! Viva el-rei D. Afonso VI!

- Hei-lá, meimigo – volveu fleumaticamente o capitão – tenho a honra de vos fazer saber que me pareceis medroso demais para jornadear por estas serras a tais desoras. Mordblei! Pois por quem diabo me tomais vós, vendo-me abaixar a clavina ao viva que acabais de dar? Mas é preciso perdoar alguma coisa à ignorância. Se tivésseis sido soldado, não desconheceríeis assim os estilos dos encontros dos amigos nas escutas e mais postos avançados. Mas enfim seja. Nem todos podem ter a honra de ter sido comandados pelo grande Condé, pelo grande Turenne, e pelo grande Schomberg. Portanto para satisfazer e assegurar o vosso grande medo e a vossa grande ignorância, direi convosco Viva Portugal! e viva mil vezes. Foi este o grito glorioso, ao som do qual vencemos na famosa batalha de Montes Claros. (Em) quanto, porém, ao Viva el-rei

Afonso VI, tenho a honra de convidar-vos a dar o seguinte grito que é o que reina actualmente: Viva o príncipe regente nosso senhor!

O recém-vindo ficou um momento assombrado por esta novidade; por fim exclamou:

-Ah! dom falso, agora vos comprehendo – E arremessando a mula para o capitão, acrescentou – Mentis como perro castelhano que sois.

- Gott straff mein Zeel! E quem sois vós, dom manganaz marinelo, para apelidar de castelhano (a)o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura? Mordblei! – bradou em voz de bombarda o capitão.

E num relance, aferrou a clavina e desfechou sobre o viajante.

- Parai, parai – exclamou este, em quem não acertara o tiro, ao ver Pantaleão Rodrigues meter rapidamente mão à espada – parai, capitão, parai, que nos valera a nós ambos parar.

Depois tirando cortesmente o chapéu, acrescentou:

- Perdoai, capitão, se vos ofendo, mas fazei-me mercê de acreditar que o não fazia se soubesse que éreis tão bom português como pelo vosso nome se me afigura que sois. Assim dizeis que vos chamais ...

- O capitão Pantaleão Rodrigues de Coura. Mordblei!

- Pantaleão Rodrigues ... de Coura! De Coura, dizeis vós?

- De Coura, sim, de Coura, mordblei! que assim, depois de Montes Claros, me ordenou o grande Schomberg que me chamasse para honrar a minha pátria com a glória dos meus feitos...

- Pantaleão Rodrigues... Pantaleão Rodrigues – seguiu o outro, falando vagarosamente como para alongar o tempo a fim de ver se podia descobrir bem as feições do capitão – Pantaleão Rodrigues...

- De Coura, mordblei! de Coura – emendou o capitão em voz levantada.

- Dizei-me, capitão, – perguntou aqui o outro resolutamente, – porventura sereis vós Pantaleão Rodrigues, irmão de Fernão Rodrigues, mordomo do paço de Rubiães, o qual de Évora fugiu para as nações estrangeiras perseguido pelos castelhanos, depois do que jamais houve novas dele?

- Eu mesmo... esse sou – replicou Pantaleão Rodrigues – esse sou, mordblei!

Mas que tendes vós com isso?

- Que tenho com isso? – replicou o outro em voz de cada vez mais surpreendido – é que se vós sois Pantaleão Rodrigues, irmão de Fernão Rodrigues...

- Gott straff mein Zeel! – atalhou o capitão – Mas que quereis dizer com isso? Acabai, por satanás!...

- É que então – volveu o outro, cada vez mais atrapalhado – É que então... sim, se sois esse que dizeis, vós sois meu tio.

A estas palavras Pantaleão Rodrigues deu um salto para trás, e ficou por alguns segundos com os olhos fitados no viandante, que, pela sua parte, estava a três passos dele, imóvel em cima da mula, e como que tolhido por aquela surpresa.

- Vosso tio! – disse por fim o capitão – Vosso tio! Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg, pois dar-se-á o caso que sejais meu sobrinho Baltazar Rodrigues, filho de meu irmão Fernão Rodrigues, que morreu afogado no rio Lima...

- Viva Deus! – bradou o viajante, atirando-se da mula abaixo – Não há já que duvidar. Este é meu tio Pantaleão. Meu tio, meu senhor tio!...

E dizendo, lançou-se nos braços do capitão, que o recebeu neles, soltando uma praga alemã, meio abafada pelo excesso da comoção, que dele se assenhoreara de golpe.

Estiveram assim abraçados por alguns minutos. Ao cabo deles, o capitão desviou de si o sobrinho, e exclamou:

- Ora te digo, sobrinho, que é esta a mais estranha aventura de quantas me sucederam durante todos os gloriosos trabalhos da minha trabalhosa vida. Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg. Ainda agora estávamos para nos matar um ao outro: chamaste-me castelhano, e sangue de Cristo! eu não trocava pelas riquezas de Prestes João o direito de te meter a minha espada no corpo. E agora ... mordblei! És meu sobrinho! Caso como este! Quem tal diria!

Depois de mais algumas amabilidades trocadas entre os dois para solenizar aquele encontro tão inesperado como agradável, Baltazar Rodrigues informou o tio que ia por ordem de seu amo, o senhor de Rubiães, a Brandara, a uma quinta que ele ali possuía, e cujos muros o honrado veterano havia deixado a pouca distância ao fim da encosta; e informado igualmente por ele do fim da sua jornada e do desastre do pobre Invencível, disse em tom decidido e de quem não desdizia do espírito casmurro da família:

- Com que ides a Coura, e aí jaz o vosso cavalo derribado pelo cansaço. Às mil maravilhas! Pois, senhor tio, a mim se me afigura, que à vista do tempo que faz, do

nosso encontro e da fraqueza da vossa cavalgadura, aqui não há que considerar. É desaparelhar Invencível e tirar-lhe de riba dos lombos toda a vossa matalotagem, para ver se o glorioso bicho se poderá por fim ter nos quatro pés; depois carregá-la-emos a ela e a vós na minha mula, se é que vós não achais *de gesto* de ir a pé até ao portão da quinta, que fica ali no baixo da encosta. E andar para o fogo da lareira de Mateus Manuel, que o frio vai rijo, e lá chantrearemos de pichel em punho, de melhor feição do que nesta condenada estrada, a que, por sobrenome não perca, chamam real.

Ao ouvir estas palavras Pantaleão Rodrigues abriu um pouco as pernas, fincou o punho esquerdo na cinta, curvou a cabeça, derrubou o sobrolho, e estendendo o dedo indicador da mão direita em posição vertical sobre a boca e nariz, meditou profundamente alguns segundos. Ao cabo deles, rompeu o silêncio, dizendo com autorizada gravidade:

- Sobrinho, tenho a honra de te informar que o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura nunca voltou atrás com o que disse uma vez. Mordblei! Nunca! Mas atendendo a que metade do propósito que me fazia apressar esta jornada, se gorou em razão do nosso encontro, e que a outra metade não pesa tanto de afogadilho no meu desejo, que seja mister faltar ao respeito e veneração devida aos serviços e aos merecimentos do meu glorioso Invencível, que ali jaz derribado pelo cansaço; entendo que desta vez devo espaçar para melhor maré a realização do meu intento. E este espaçamento, digo, não importa quebra nem desautorização da minha palavra, e sobre isso me matarei em desafio um por um ou tantos por tantos com quem ousar dizer o contrário; porque o fim, para que a mim mesmo a empenhei, está por metade cumprido, e a outra metade deve ceder diante de considerações de maior tomo e de maior respeito. E nisto, que faço, sigo o exemplo dos maiores cabos de guerra da Europa. O grande Turenne, depois da derrota de Mariendal, teve de retirar um bom par de léguas para a retaguarda, apesar de ter protestado diante do exército que jamais retiraria um só passo. O grande Condé teve de abandonar a Catalunha, que prometera conquistar, para ir salvar a Flandres na famosa batalha de Lens. O grande Rantzan...

- Eia pois, senhor meu tio, toca a desaparelhar a besta – atalhou Baltazar Rodrigues, vendo que o capitão não levava jeito de acabar tão cedo o discurso – Vamos, que o heróico Invencível corre risco de apanhar alguma pulmoeira⁶⁶ ou olivas⁶⁷

⁶⁶ Doença nos pulmões dos solípedes.

⁶⁷ As regiões laterais da goela ou garganta do cavalo.

malignas, se assim, em sua grande idade, o deixarmos a pernear por mais tempo com o arcabouço enterrado no gelo. Ademais deveis saber que Mateus Manuel...

- Quem é Mateus Manuel? – perguntou gravemente o capitão.

- É o caseiro do fidalgo em Brandara – respondeu Baltazar Rodrigues – um selvagem em todos os sentidos, que bebe e come por dez homens, e não tem a despensa tão bem provida, que não seja para recear, que a acharemos vazia, se nos demoramos, sobretudo estando com ele, aquele bruto de Belchior Mendo, procurador do fidalgo em Ponte, que lá está aguardando por mim. São os dois capazes de esvaziarem a despensa de Tibães num só dia...

- Ui! Tais são eles, mordblei! – atalhou o capitão, arregalando os olhos para o sobrinho – pois então, prestes, a desaparelhar e logo com Deus, a caminho.

Invencível foi então desaparelhado e posto de pé em poucos minutos. A bagagem que ele trazia foi carregada às costas da mula de Baltazar Rodrigues, e, em seguida, tio e sobrinho puseram-se a caminhar, levando Baltazar a mula pela rédea, e seguida esta pelo capitão com o capote lançado sobre o ombro esquerdo, e na mão direita sopesado o ponderoso machado, e enroscada a rédea com que ia puxando pelo derreado cavalo.

Durante os dez ou doze minutos que gastaram no caminho, Pantaleão Rodrigues falou duzentas vezes no grande Rantzan, no grande Condé, no grande Turenne, jurou pelo menos vinte pela jura do grande Schomberg, e contou os feitos gloriosos do grande número das suas heróicas campanhas. Baltazar Rodrigues não deu nem palavra.

Chegaram por fim ao portão da quinta do senhor de Rubiães, formado por duas magníficas padieiras de granito com os capitéis lanceolados⁶⁸, e ligadas uma à outra por uma vasta *cuisseira* semicircular, na qual se via enquadrado um escudo de armas, cujas divisas eram em campo vermelho seis lisonjas⁶⁹ de prata em cruz, sendo as quatro em pala. Sobre o elmo aberto e ladeado por um paquife⁷⁰ de prata e vermelho via-se por timbre uma anta da sua cor.

Baltazar pegou então de um enorme batente, que havia na porta, figurando uma mão segurando um globo, partido em dois hemisférios, e com o hemisfério superior que era o que a mão aferrava, bateu rijamente sobre o outro que estava pregado na porta.

⁶⁸ Parecido, no feitio, com a ponta da lança.

⁶⁹ Losangos.

⁷⁰ Folhagem que, saindo do elmo, serve de ornato ao escudo.

Ergueu-se logo, da parte de dentro, infernal matinada de cães, que imediatamente arremeteram com a porta ladrando enraivecidos e alguns deles metendo os focinhos, arregaçados de cólera, por entre os buracos, que o tempo e as enxurradas tinham aberto nela junto da soleira.

Baltazar Rodrigues falou-lhes, e apenas levantou a voz, aquela terrível matinada de raiva transformou-se em latidos de alegria, e alguns partiram, ladrando assim, para a casa como que a dar parte de ser chegado um amigo da família, ao mesmo tempo que outros permaneciam latindo e arranhando apressada e violentamente na porta, como que procurando dar pronta entrada ao tão festejado recém-vindo.

- Quem bate? – bradaram por fim lá do fundo do pátio em voz grossa e de tom estentório.

- Abride, Mateus Manuel, abride – respondeu Baltazar, levantando a plenos pulmões a voz para poder ser ouvido por cima da canzoada – Abride. Sou eu, Baltazar Rodrigues.

- Baltazar Rodrigues? Esse sois?

- Esse. Abride e prestes, que já me amofino com tanto perguntar.

Esta resposta não foi decerto percebida em razão do alarido da cainçalha, e como naqueles tempos revoltos ninguém abria a sua porta sem estar bem certo da pessoa a quem a patenteava, ouviu-se logo uma praga sibilada em voz de despeito, e logo um alarido infernal de latidos lamentosos, soltados pela canzoada sobre a qual o caseiro caíra à paulada.

Levou bem cinco minutos a apaziguar as esganiçadas lamentações, com que os cães atordoavam infernalmente o espaço; por fim ouviu-se a voz de Mateus já pegado com a porta:

- Esse sois, Baltazar Rodrigues?

- Esse, por satanás! Abrireis todavia? Já estou cansado de esperar, e atordoado dos latidos da matilha. Pelo inferno! abride – acrescentou, ao ver que o caseiro levava tempo a desaferrrolhar a porta e a dar-lhe entrada para dentro de casa.

- É que os cães conheceram-vos... – disse de dentro o caseiro; e acabando por fim de correr os ferrolhos à porta, abriu-a de par em par – Ora salve-vos Deus, compadre(s), e sede bem-vindo a esta vossa casa, que eu e Belchior Mendo, que aí é chegado desde a tardinha, já estávamos suspeitosos de que estas desoras não quisessem porventura dizer algum desaguisado, que vos tivesse acontecido.

Quem isto dizia era um gigantesco aldeão, de pouco mais ou menos quarenta anos de idade, de olhos tortos, cara estúpida e facinorosa, cabelo hirsuto e estopetado⁷¹, o qual trazia por único vestuário um enorme colete de grosso baetão⁷², vestido por cima de uma camisa de estopa, que, a despeito do frio, estava desabotoada no pescoço, deixando a descoberto o peito cabeludo, e que tinha as mangas arregaçadas até os sangradouros⁷³ dos braços, os quais eram dignos do mais felpudo Esaú. Completava este vestuário uns calções também de estopa, apertados na cinta por uma velha faixa de lã vermelha, e que junto dos joelhos, até onde apenas chegavam, deixando a descoberto o resto das pernas, se abriam numa pequena carcuela, de que pendiam duas sujas fitas de algodão. Estava descalço, deixando ver uns pés enormes, e capazes de servir de pedestal a qualquer selvagem da maior grandeza tal como o bruto, que abriu a porta da quinta do fidalgo de Rubiães ao capitão de Coura e a seu sobrinho Baltazar Rodrigues. Este selvagem tinha na mão esquerda uma pouca de palha atada na extremidade superior, que ardia à laia de archote, e a que no Minho chamam chumieira, e na direita um enorme pau de carvalho argolado e com choupa⁷⁴. Na cinta tinha metido, entre a faixa e a camisa, uma grosseira faca de mato de cabo de chifre. Quando o caseiro do senhor de Rubiães, abrindo a porta, deu cópia da sua pessoa aos recém-vindos, neste aparelho, alumiado pela chumieira que empunhava e ladeado por dois monstruosos cães de Castro Laboreiro, era a perfeita estampa daqueles salteadores homéricos, que inspiraram aos antigos poetas as brutas figuras dos Antheus⁷⁵, dos Geryoens⁷⁶, dos Cacos⁷⁷ e de outros figurões desta laia.

Mal a porta deu aberta suficiente, Baltazar Rodrigues entrou, de mau humor, para dentro do pátio anterior do palácio, conduzindo de rédea a mula carregada com a bagagem do tio, e seguido por este que puxava amorosamente pelo heróico Invencível, o qual, apesar de totalmente aliviado de todos os pesos, ainda assim mal podia arrancar passada.

O selvagem recebeu Baltazar com mil amabilidades e proflaças⁷⁸ de aldeia, e o capitão com um olhar enviesado e de desconfiança. Este, porém, nem sequer deu por

⁷¹ Despenteado, desgrenhado.

⁷² Tecido de lã felpudo e grosso.

⁷³ A parte do braço, oposta ao cotovelo, onde geralmente se fazia a sangria.

⁷⁴ Ponta de ferro ou aço com que se armam garrochas, chuços, etc.

⁷⁵ Anteu: gigante morto por Héracles. Era filho de Posídon e da Terra.

⁷⁶ Gérion ou Geríones: gigante formidável com três cabeças que vivia na ilha de Eriteia.

⁷⁷ Caco: gigante que vivia numa caverna do monte Aventino. Uma versão da lenda, que o considera filho de Vulcano, descreve-o com três cabeças e deitando fogo pelas suas três bocas.

⁷⁸ Congratulações.

isso. Ia todo absorvido no lamentoso estado em que via o seu Invencível, pelo qual só deu naquele momento, em razão de ter ido até ali entretido com a entusiástica narração das suas glórias e dos elogios dos grandes cabos de guerra, a cujos comandos havia militado.

- Mateus Manuel – disse então o mordomo do senhor de Rubiães, em voz dura e carregando imperiosamente o sobrolho – nunca ouvistes falar em Pantaleão Rodrigues meu tio?

- Pantaleão Rodrigues de Coura, o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura, mordblei! – emendou voz em grito o capitão, despertado das suas profundas e tristes cogitações pelo facto de ter ouvido pronunciar o seu nome sem o respeito devido às suas glórias passadas.

- Abofê⁷⁹, que sim, comadre, – respondeu o selvagem – Um que morreu há muitos anos lá por essas terras de Cristo...

- Ei-lo aqui, é este – atalhou Baltazar interrompendo o caseiro.

- Este é! – exclamou Mateus, – Com que não morreu! Ah! senhor, bom prol vos faça a tornada a vossa terra. Beijo-vos as mãos, e seja por muitos anos. Ora fazei-me mercê de me entregardes a rédea da besta, que eu a levarei à cavalaria...

- Escusai tantas cortesias, bom homem – atalhou Pantaleão Rodrigues, arredando-o com o braço estendido – Dou-vos as graças, mas escusai tamanhas cerimónias. Tenho a honra de vos informar, que este meu cavalo é de tantos e tamanhos merecimentos e glórias, que só o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura pode ter direito a tratar dele. E não vos faça peso ovê-lo assim tão cansado e de cara de tamanho moimento⁸⁰. Este cavalo teve a honra de servir ao grande Rantzan...

Não seguiremos Pantaleão Rodrigues no longo discurso, que foi fazendo sobre os seus consabidos temas favoritos, durante o tempo que durou o trajecto do pátio anterior do palácio até o posterior, para onde seguiu o sobrinho que caminhava adiante dele sem dar palavra. Chegados aí, entraram na grande cavalaria da quinta, e depois de cuidadosamente estabelecer, cobrir e pensar o pobre Invencível, seguiram a par o caseiro para a cozinha, que ficava ao nível do andar térreo do edifício.

Entremos nós antes deles.

A cozinha do palácio, que os senhores de Rubiães tinham em Brandara, estendia-se para fora de uma das extremidades do edifício, ao sopé de uma velha torre

⁷⁹ Realmente, na verdade.

⁸⁰ Quebrantamento do corpo.

solarenga, a que ele por esse lado estava unido, e em cuja frontaria ainda se viam as armas primitivas dos Bacelares, de quem os senhores de Rubiães o tinham havido em razão de um deles ter casado nessa família.

Era a cozinha um vasto repartimento quadrado, a meio do qual se via uma enorme mesa de carvalho, ladeada de toscas bancadas de pinho. Do lado da torre, e pegando com a muralha dela, que por esta banda servia de parede ao edifício moderno, via-se uma espaçosíssima lareira, coberta por uma chaminé gigantesca, cuja enorme boca descia sobre a lareira, a pouco menos da altura de um homem regular arredada do solo. De harmonia com estas duas peças viam-se as demais minudências das cozinhas da aldeia, que não vem para o caso referir.

Uma das cabeceiras da mesa estava coberta por uma toalha de estopa, arrazoadamente lavrada; e sobre ela via-se um gigante velador, de que pendia uma enorme candeia de dois bicos, e a pouca distância dele uma boroa de alqueire⁸¹, uma infusa de vinho e duas pequenas tigelas brancas que no Minho serviam, e ainda hoje servem, de copos a todos os lavradores.

Sentada à mesa, estava fiando à luz da candeia uma mulher dos seus quarenta anos de idade, gorda e de cara bonacheirona, vestida em puro vestuário minhoto, e com o peito e costas resguardadas do frio por uma capucha de pano, que dez ou doze anos antes tinha sido de vivo escarlate.

À esquerda dela, com a cabeça poeada no braço, que recostava dobrado sobre a mesa, dormia profundamente um rapaz de pouco mais ou menos dezasseis anos de idade, trajado à semelhança do selvagem Mateus Manuel. Sobre a mesa, a direito da boca dele, via-se um bocado de boroa mordida e um sem número de migalhas, prova evidente de que havia adormecido a comer. Era o décimo terceiro filho, com que a gorda matrona acima mencionada, para não faltar a proverbial fecundidade minhota, havia felicitado o leito conjugal do honrado Mateus, de quem era esposa.

Na cabeceira da mesa, ao lado da mulher e em conversação com ela, estava um personagem, cujo vestuário desconformava do modo de trajar da gente daquela casa.

Imagine o leitor um homem baixinho e frouxinho, com os cabelos brancos de neve mesclados de muitas madeixas pretas retintas, que aqui e ali destacavam profundamente do branco, dando assim à cabeça do homem o mais desagradável aspecto que se pode imaginar. A pele do rosto era de um branco cor de cal, tingido de

⁸¹ Antiga medida de capacidade para secos, variável de região para região, entre aproximadamente 13 a 20 litros (do árabe *al-kail*).

um leve rubor cor de rosa, que se avivava consideravelmente nas faces, com a curiosa particularidade de que as duas cores não betavam por forma alguma, antes [se] destacavam totalmente uma da outra. As sobrancelhas eram brancas, os olhos pequenitos e pardos, as pálpebras sem pestanas e rodeadas por uma vermelhidão oftálmica, que os assemelhava aos olhos de uma perdiz; o nariz comprido e afilado com o dorso coberto de um sem número de pequeninas varizes encarnadas; a boca rasgada e de lábios estreitos e de bordo para fora, e o queixo inferior curto e acavacado. Este era o retrato do indivíduo, que tinha além disso grandes orelhas, e mãos enormes e pés monstruosos; e que não usava de barba alguma, mas que, como estava barbeado de dias, apresentava a cara coberta de uma penugem de um preto e branco deslavado, que a distância (a) afigurava ligeira camada de cinza de carvão de pedra, a mais ruim e a mais feia de todas as cinzas. Esta cara que o leitor não pode chamar bonita, e que era adornada por uma fronte achatada e de dois dedos apenas de altura, tinha também uma expressão de parvoíce, que fazia benzer do demo, e que contrastava singularmente com a dissimulação, velhacaria e amabilidade de sabujo que se lhe reflectia dos olhos. Era numa palavra um destes tipos repelentes, mistos de velhacaria e de ignorância, aos quais, apesar de abundarem também nas cidades, dão vulgarmente o nome de velhacos da aldeia.

Este sujeito chamava-se Belchior Mendo, e era, em Ponte do Lima, procurador da casa do senhor de Rubiães.

Tinha ao pescoço uma pequena balona⁸² de pano de linho, que poisava sobre o cabeção raso de um gibão de saragoça⁸³, cujas abas curtas caíam sobre o cós de uns calções da mesma fazenda, que bojavam algum tanto abaixo do joelho, atados por fitas sobre umas meias de lã, cor de rapé. Calçava sapatos de couro brancos abrochados por atilhos também de couro.

Ao calor da enorme fogueira, que ardia sobre a lareira, viu-se sentado numa das preguiceiras, ou bancos, que a ladeavam, um outro personagem. Era uma velha octogenária, como o demonstravam o escabroso da pele, o encovado dos olhos e a forma recurvada com que a barba e o adunco nariz tendi[am] um para o outro. Vestia uma saia de baeta crepe, que de curta deixava a descoberto os pés que resguardava do frio com umas grossas meias de lã, e tinha metidos nuns tamancos. Cobria a parte

⁸² Colarinho caído sobre os ombros.

⁸³ Tecido de lã escura.

superior do corpo com umas roupinhas⁸⁴, espécie de jaqueta, de pano azul, por cima da qual tinha uma capucha, enorme capotilho⁸⁵ de grandes pontas, que apertavam na cintura atrás das costas, vestuário ainda hoje muito favorito das aldeãs do alto Minho para se agasalharem contra o frio do Inverno. Na cabeça tinha um lenço de algodão vermelho com barras amarelas, atado em forma de barrete, de trás para diante.

Esta velha, que era sogra de Mateus Manuel, estava balouçando permanentemente o corpo, cantarolando e rosnando, sem cessar e com gestos de idiota, orações e pedaços truncados de cantigas e romances populares ou de profecias e versos acerca de el-rei D. Sebastião, tudo baralhado uma cousa com a outra.

Tais eram os personagens que se achavam na cozinha do paço de Brandara, quando Baltazar Rodrigues e seu tio o capitão de Coura assomaram à porta dela, precedidos por Mateus Manuel.

- Belchior Mendo – exclamou este entrando para dentro – chegou finalmente com Deus o nosso amigo Baltazar Rodrigues, por quem temos estado em tamanha canseira. Vede-o aqui e com ele seu tio o grande capitão Pantaleão Rodrigues de Coura, que há tantos anos é tido por morto cá pelas aldeias.

Estas palavras foram ditas com velhacaria não tão dissimulada, que não fizessem aparecer um sorrizinho de entendedor nos lábios do procurador Mendo, e no rosto de Baltazar uma carranca de pouco satisfeito. Pelo visto o tolo do Mateus não acreditava naquele parentesco, no qual a sua alarve finura se afigurava descobrir alguma tensão oculta do mordomo do senhor de Rubiães. Mas a carranca deste advertiu-o de quanto era mal recebida a gracinha, pelo que, para a disfarçar, o alarve bradou logo em seguida à mulher, que se não mexera:

- Mari-Joana, mulher, então ergues-te ou não, avejão?

A estas palavras, todos os circunstantes cortejaram respeitosamente e segundo os usos do Minho o capitão Rodrigues de Coura, o qual, lisonjeado por se ver introduzido tão consoante com o respeito devido à sua categoria e à fama que mereciam as suas glórias passadas, recebeu com autorizada gravidade as cortesias de punhos fincados nos quadris e aprumado majestosamente no meio da cozinha.

Então a velha idiota, espicaçada pelo reboliço, ergueu a cabeça e, fitando no capitão um olhar encanzinado, pôs-se a cantar com violência e em voz esganizada:

A que vens, o que procuras,

⁸⁴ Casaco curto e justo usado pelas mulheres do campo.

⁸⁵ Cobertura para os ombros.

Falso conde Miramar?
Como após o sucedido
Ousas minha casa entrar?
[Onde] jaz a minha filha
Diz, dom infame sem par,
Que criei com tanto mimo,
Tua esposa p'ra seu mal?
Saltearam-te na praia
Os moiros d'além do mar,
E tu fugiste, covarde,
E deixaste-a ficar!
Tinhas armas e cavalo,
Não quiseste pelejar!
Tinhas uma espada à cinta,
Não a quiseste puxar!
Tinhas criados que farte,
Nenhum quiseste chamar!
Antes quiseste fugir,
E tua esposa deixar
No poder de perros mouros
Que logo a foram matar!
Maldiga-te Deus, amen,
E a corte celestial;
Que teu nome d'ora avante
Seja nome de infamar.
Arredo, falso traidor,
Não te ouses aproximar.
Acorrei aqui, meus servos,
Vinde o covarde expulsar,
Este vil desvergonçado
Que ousa em minha casa entrar...

Padre nosso pequenino, sete anjinhos vão comigo – continuou a idiota, atalhando aqui de golpe a cantiga.

E, deixando outra vez descair a cabeça e pondo de novo o corpo em baloiço, seguiu rosnando quase ininteligivelmente a oração popular.

- Gott straff mein Zeel! – exclamou então Pantaleão Rodrigues de Coura, fitando na velha, que assim o apostrofava, um olhar furioso.

- Não faça caso, é doida – acudiu o sobrinho, puxando por ele por um braço para a mesa, sobre a qual já se viam a fumegar enormes malgas de caldo, e sobre um imenso prato redondo dois quartos de javali cozido sobre quase uma horta de couves galegas e batatas.

Sentaram-se os convivas.

Baltazar Rodrigues, que tomara lugar ao lado do procurador, aproveitou o reboliço do acto para se dobrar para ele, e dizer em voz sumida:

- Trazeis a resposta?

- Sim e não – respondeu no mesmo tom e dissimuladamente o Mendo sem se desaprumar.

- Todavia o fidalgo quer tê-la amanhã pela noite. Entendeis? – volveu o mordomo, carregando duramente o sobrolho.

- Tê-la-á – replicou o outro sem se voltar e encolhendo desdenhosamente os ombros.

IV

Novas da terra

- Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg; então, com que a fidalguia desta fronteira intenta solenizar com touros e cavalhadas esta desonrosa paz que Deus maldiga! E estes se dizem fidalgos, e estes se dizem portugueses! Mordblei!

Assim, hora e meia depois, gritava com temerosa ironia o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura, encarnado até à raiz dos cabelos, o olho envinagrado e em brasa e a mão direita convulsivamente apertada na asa da infusa, que Mateus Manuel fora encher de vinho pela décima terceira vez e acabava de colocar diante dele.

Correra a ceia alegremente e com grande pasmo dos convivas ao verem a destreza, com que o capitão se apropriava [de] um dos quartos do javali, e a naturalidade com que lançava mão da infusa do vinho, apenas Mateus Manuel a punha cheia sobre a mesa, e a esvaziava de um só fôlego, de forma que o caseiro se vira na necessidade de abandonar a que ali estava ao uso exclusivo dele, e fora buscar outra para o resto dos convivas.

Durante a ceia havia entrado o cura de Brandara, velho e bondoso sacerdote, que inteiramente dependente do senhor de Rubiães, acudira a visitar o procurador e o mordomo dele, apenas soubra que tinham chegado ao paço. O capitão havia durante ela entretido a companhia relatando heroicamente as suas façanhas, narrando prodígios que presenciara e entremetendo jovialmente aventuras da sua mocidade tempestuosa, passada a roubar aldeias depois das vitórias, a saquear praças e cidades, e a galantear damas e fregonas⁸⁶ com mais ou menos brutalidade de acampamento segundo a ocasião e as circunstâncias.

No correr da conversação vieram a palco os heróicos azares por que, nos últimos anos, havia passado a guerra em que se discutiu a nossa independência nacional, e para corolário da memória daqueles perigos, que, ainda depois de passados, faziam estremecer, foi vitoriada expansivamente a paz e elogiado o contento dos fidalgos de Ponte do Lima, que haviam decidido solenizá-la com grandes festas, que em breve haviam de ter lugar.

⁸⁶ Criadas de cozinha.

Pantaleão Rodrigues de Coura recebeu esta notícia ao sentir sumir-se-lhe por entre os gorgomilos a derradeira gota de vinho da duodécima infusada, que empinara. Ao ouvi-la, levantou-se-lhe uma tal revolução lá por dentro, que o vinho, em lugar de seguir o caminho que da garganta leva directamente ao estômago, arremeteu-lhe traiçoeiramente à laringe, entrando no goto como vulgarmente se diz, de forma que o honrado capitão principiou a escabujar num furioso ataque de tosse espasmódica, que o fez espirrar vinho às golfadas pela boca e pelo nariz. Cada vez mais encanzinado por este contratempo, mal se pôde assenhorear, bradou, como acima se disse:

- Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg; então, com que a fidalguia desta fronteira intenta solenizar com touros e cavalhadas esta desonrosa paz que Deus maldiga! E estes se dizem fidalgos! E estes se dizem portugueses! Mordblei!

- E que outra cousa queréis vós, senhor capitão – replicou o velho cura – depois de vinte [e] sete anos de guerra? Deus amerceou-se finalmente de nós, e não é só com festas e cavalhadas que se deve solenizar o fim dela, mas com Te Deum de muitas graças ao Altíssimo, a quem aprouve conceder-nos por fim a tão necessária e almejada paz.

- Gott straff mein Zeel, senhor cura! – atalhou o capitão de Coura, incitado pelas palavras do padre a tão furioso acesso de raiva, que, caso nele raro, suspendera a meio do caminho a infusa que havia empinado pela décima terceira vez, apenas acabara de falar – Gott straff mein Zeel, senhor cura! Vós sois um sotaina sandeu e covarde, e não sabeis o que dizeis. Que entendéis vós de paz ou de guerra, mordblei! Ora, por satanás! metei-vos lá com o ripanço⁸⁷ e com o cantochão⁸⁸, e deixai-vos de falar em cousas que só aos grandes cabos de guerra é dado decidir.

Aqui, aproveitando o espanto em que o seu destempero fizera entrar todos os circunstantes, levou de improviso a infusa outra vez à boca e esvaziou-a num relance:

- A paz! – disse por fim poisando de arremesso a infusa sobre a mesa e limpando os bigodes com as costas da mão – A paz! Sabeis vós o que quer dizer a paz, senhor cura? Quer dizer a nossa desonra e a nossa desgraça; quer dizer a nossa perdição e a nossa ruína. Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg, que dizeis vós à batalha do Montijo, à das linhas de Elvas, à do Ameixial, e à sem par gloriosa de Montes Claros, onde já tive a honra de vos informar que salvei pela segunda vez a vida ao grande Schomberg? Direis que foram casos perigosos e prejudiciais? Não vos entrará

⁸⁷ Breviário dos ofícios da Semana Santa.

⁸⁸ Canto gregoriano.

lá dentro dos cascós consagrados que foram estas outras tantas brechas abertas no poder dos castelhanos, pelos quais lhes tomariamos em breve de assalto a Estremadura e a Galiza? Vós não sabeis da missa a metade, snr. padre; não sabeis, digo-vos eu Pantaleão Rodrigues de Coura... de Coura, mordblei! como quis o grande Schomberg que me chamasse, depois que presenciei os feitos heróicos que tive a honra de praticar na Batalha das Dunas e de Montes Claros.

Aqui interrompeu-se um minuto, que gastou a passar por sobre os circunstantes os olhos esgazeados e como que a lançar labaredas de fogo; e em seguida rompeu de golpe e cada vez mais encanzinado:

- Juro a Deus, mordblei! que só covardes traidores e sandeus é que dirão que a paz é cousa proveitosa e útil, e ousarão acoimar o nobre mister da guerra de cousa indigna de espíritos verdadeiramente fidalgos. Gott straff mein Zeel! Eu fiador que não há aí capitão nem soldado de brio que ouse sustentar que devíamos fazer a paz com Castela; que ouse defender que esta infernal paz, que Deus confunda, não foi um acto de desonra e de vergonha para todos os bons portugueses. E sobre isto – irrompeu de súbito voz em grito, pondo-se de pé e esgrimindo para os quatro ventos o ponderoso punho cerrado – e sobre isto me matarei com quem ousar defender o contrário, um por um, ou um contra todos como melhor convier aos *gomachas* e sotainas covardes, que levaram o príncipe regente a cometer uma tamanha vergonha. Baltazar Rodrigues, tu que tens a honra de ser sobrinho do capitão Pantaleão Rodrigues de Coura, podes ser merecidamente consultado sobre pontos de brio e cousas de valor. Que diz o valoroso conde do Prado acerca do alvitre que acabas de ver elogiado por este covarde sotaina, que, eu fiador, não passara de ser algum perro castelhano vilão e traidor encoberto. Fala, mordblei! fala, por satanás!

A estas palavras Mateus Manuel que, desde que vira insultar o cura, descera os olhos para o chão com a fronte carregada e descontente, acudiu dizendo em voz de pouco satisfeito:

- A modo, senhor capitão, que lá por essas terras dos flamengos, por onde andastes, não se aprende cortesia que possa contentar gente honrada e cristã.
- Enfer et tonerre! – exclamou Pantaleão Rodrigues, soltando um brado temeroso, e levando ao mesmo tempo a mão à espada.

Esteve assim um momento sem desfitar a vista incendiada de cima dos olhos do apessoado selvagem, que não desviava dele o olhar enviesado e de touro enfurecido.

- Prezado hóspede – disse por fim o capitão com temível serenidade – tenho a honra de vos informar que se ousardes de novo abrir o bico, sem serdes por mim interrogado, vos cortarei cerces⁸⁹ as orelhas com esta que trago à cinta.

A esta provocação Mateus Manuel passou de luzido a verde e cravou no capitão um olhar negro e de tigre que mede enfuriado a presa; mas encontrando casualmente os olhos de Baltazar Rodrigues, que o fitava com um olhar verdadeiramente satânico, e que tinha a mão sobre a coronha de uma das pistolas que por precaução metia sempre no cinto, desviou os dele para o chão, sorriu-se, e encolheu desdenhosamente os ombros.

Nisto a velha levantou de novo a voz estridente, e rompeu a cantarolar a compasso do balouço do corpo:

El-rei D. Sebastião
Vinde a este povo vosso,
E todos vos chamarão
Padre nosso.
Bem se vê, sois encoberto
Por ordem do mesmo Deus,
E muitos aporfiando
Que estais nos céus.
Vós fostes àquela guerra
Porque estava decretado
Por deixar de Cristo o nome
Santificado.
Suposto qu' inda porfiam
Que já a terra vos come,
E dizem estais em Belém,
Seja o vosso nome.
Agora estamos clamando
O vosso povo a uma voz,
Vossas obras e pessoa
Venha a nós.
Ora vinde já, senhor,
Não sejais sempre estrangeiro,

⁸⁹ Pela raiz.

Vinde fazer quinto império
O vosso reino.
Pois que Deus tem prometido
A vós como à sua igreja
De fazeres esta obra,
Seja feita.
Grande alegria será
A de vossa majestade
Pois tudo se há-de fazer
À vossa vontade.
De Deus tereis tal poder
Quando andares ...

Que estais aí a refertar⁹⁰, homens? – exclamou aqui, interrompendo de golpe o padre nosso dos sebastianistas que estava cantando – Que estais aí a refertar? Escutai. Não ouvides, soar a hora em que deve chegar o Encoberto? Preparai em paz rosas e flores com que lhe alastreis o caminho. Confessai-vos e comungai para receber o reformador que Deus vos tem aparelhado, e encoberto desde aquela grande batalha em que, segundo a profecia, se atenuou a décima sexta geração dos nossos reis. Bendito seja Deus que me concedeu vida para ver tamanha ventura!

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal⁹¹ aponta;
Já se cerram os quarenta,
Que se ementa
Por um doutor já passado.
O rei novo é levantado,
Já dá brado,
Já assoma a sua bandeira
Contra a grifa⁹² parideira,
Lá *gomeira*
Que tais *jorados* tem gastado.

⁹⁰ Contender, disputar.

⁹¹ Sinet com chancela.

⁹² Animal fabuloso, metade águia, metade leão.

Tudo nos é supraganho,
Montes, vales e pastores,
E *refranham* os bailadores
Que não entre aqui estranho.
Bem vindo sejais, senhor,
À vossa coroa real,
De sete pedras...

Mateus, filho, sai aí fora, e olha para a parte do ponente. Vê se fusalha no horizonte a neblina cor da prata, que deve suar de sua pele o mágico cavalo branco, que há-de trazer por cima de mares e mares o nosso rei encoberto. Só os ares da sua terra é que dissiparão aquele denso nevoeiro, e então o valoroso rei... Ó que (de) tangeres e cantares não irão agora nos paços dos nossos reis! Ó que (de) alegrias e folguedos não haverá agora em Lisboa! Soou a hora. O encoberto é chegado! – acrescentou, batendo as palmas com desvairada alegria. E logo continuou cantando:

Depois de nove juntarás
Um três a quatro,
Tira sete de barato;
Se houver quem to reprove
É insensato.
Muito antes do sucedido
Terás ouvido,
Porém maus entendedores
Ou aduladores
Tudo verão às avessas.
Quando troarem as peças,
E cantar Diana,
Que com três caras engana,
Virá chegando.
Se me perguntas o quando,
Não tenhas canseira:
Olha bem para a figueira,
Se tem botão,
Já vem chegando
O verão.

Se vires o gavião
Deixar o ninho,
Sair do mar o golfinho
A buscar flores;
Ouvirás muitos tambores,
A grifa sem fruto,
A serpe brotando muito,
Canta o galo, treme o leão;
A galinha mete a mão
Mas nada obra;
Agora aparece a cobra,
Que da pele se remoça,
Já se engrossa.
Todo o mundo se inquieta,
Porque a seta
Aos da sesta
Fere e mata.
A cativa se reputa,
E do filho da cativa
Não há quem não diga viva.
Mas tu não me queres crer,
Assim não podes saber
O que te digo.
Porém guarte⁹³ de perigo,
Que está perto,
E o bem com capa de mal
Tudo encoberto.

Padre nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome – perorou aqui a octogenária, e seguiu dizendo a oração dominical em voz sumida e diminuindo sempre, até que se esvaiu num cicio.

Reinava profundo silêncio enquanto⁹⁴ ela falava.

⁹³ Guarda-te.

⁹⁴ Entretanto que no manuscrito.

O febril entusiasmo de sibila, com que ela enfiara umas após outras aquelas palavras, o clarão que de súbito lhe iluminara os olhos, o robusto aprumo com que erguera o corpo derrubado pelos anos, e momentaneamente rejuvenescido pelo fervor da viva fé sebastianista, em que se alentara toda a vida com o pleno vigor, com que a arraia miúda tem fé no que acredita, impressionara vivamente os circunstantes apesar da maior parte deles estarem afeitos àquelas crises, em que a tontice da pobre velha se iluminava sobrenaturalmente ao fogo da recordação das suas amadas crenças de outrora. Até o próprio capitão de Coura, a despeito de não crer em Deus nem no Diabo, e apesar de todo o seu materialismo de acampamento, ficou suspenso, e nada mais pôde fazer do que passear os olhos pasmados pelos circunstantes, a ver se lhes lia no rosto uma explicação daquela inesperada anomalia.

O silêncio reinou ainda alguns segundos, depois que a voz da idiota de todo se sumiu num cicio.

- Gott straff mein Zeel! – disse por fim Pantaleão Rodrigues – A velha é o diabo!

- Quem sabe se é Deus que fala nela, senhor capitão? Quem sabe o que a estas horas estará sucedendo em Lisboa? – disse, abanando gravemente a cabeça, Belchior Mendo, meio crédulo e meio incrédulo em cousas de sebastianismo, como verdadeiro representante que era daquela classe de gente que, por falta de energia de espírito, costuma pender entre o entusiasmo da fé viva de uns e as gargalhadas irónicas de scepticismo de outros.

- Pois acreditais naquelas visões, Belchior Mendo! – disse sorrindo bondosamente o cura.

- Eu sei lá, senhor cura – volveu Belchior gravemente – O que vejo é que o doutor Bragança, do Porto, e mais é grande sabedor e letrado, acredita tanto naquelas cousas como esta boa mulher, e prova-as com lugares das Santas Escrituras, dos profetas, dos santos padres, de varões sábios e doutos e com profecias e casos notáveis, que ouvi-los é mesmo para um homem ficar em suspensão e com o cabelo eriçado de pasmo.

- E ademais, a velha é uma santa – rosnou Mateus Manuel, abanando a cabeça com todo o fervor da sua alarve convicção.

- Uma santa! – exclamou aqui o capitão de Coura, batendo rija punhada sobre a mesa, e cascalhando estrepitosas gargalhadas – Uma santa! Potz tausend alle Henker!, como diz Schomberg, se alguém ousasse dizer tais disparates entre os meus compadres da Holanda e da Itália, corria risco de ser morto à gargalhada.

- Herege! – rosnou Mateus Manuel relanceando sobre o capitão um olhar de colérica e desprezadora reprovação.

- Senhor tio, que novas da corte – acudiu Baltazar Rodrigues, com o fim de abafar o fogo que daqui ameaçava atear-se.

Pantaleão Rodrigues franziu gravemente as sobrancelhas e pôs-se a alisar com os dedos lentamente os bigodes. Depois empinou por alguns segundos a infusa do vinho, chupou os bigodes com os beiços, e acabando de enxugar estes com as costas da mão esquerda, disse gravemente, espalmando a direita sobre a boca da infusa:

- Grandes novas, sobrinho. Sabereis que segunda-feira 2 de Abril, primeira oitava da Páscoa, o senhor infante regente que Deus guarde, saiu do paço pelas três horas da tarde, acompanhado por toda a corte, e foi ao convento da Esperança, e aí, apeando-se, meteu consigo na carroça a rainha e senhora D. Maria Francisca, que já por ele estava aguardando na portaria do convento, e com ela passou à quinta de Alcântara, onde, no oratório, os recebeu o bispo de *Targe* como marido e mulher...

- Jesus! Na vida de el-rei! – exclamou Mari-Joana, fulminada pelo pasmo.

- El-rei é um asno, mordblei!...

- Herege! – rosnou em voz sumida Mateus Manuel.

- Castelhano! – acrescentou em tom menos prudente Belchior Mendo, que não olhava com bons olhos o capitão.

- Gott straff mein Zeel! – bradou este de súbito, pondo a mão nos copos da espada e rodeando os olhos em brasa pelos circunstantes – Quem foi aqui que me ousou apelidar [de] castelhano?

- Ninguém, senhor tio. Quem é que ousaria apelidar-vos de castelhano? – acudiu Baltazar Rodrigues relanceando um olhar severo para o procurador, que se tornara *luzido* de medo.

Pantaleão Rodrigues ficou um momento pensativo.

- Seria possível! – exclamou por fim gravemente – Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg. Pois os ouvidos do capitão Pantaleão Rodrigues de Coura... de Coura, mordblei! enganá-lo-iam pela primeira vez na sua vida? Mas não pode deixar de ser! – acrescentou com um suspiro – Quem ousaria chamar castelhano a um soldado das Dunas e de Montes Claros, de Rocroi...

Atalhou-o aqui a velha erguendo a voz e cantando com extraordinária velocidade a seguinte cantiga, de mistura com bocados de profecias e de um romance popular:

Quebrem-me estas cadeias,
Tirem-me desta prisão;
Que eu não vivo muito tempo
Longe de ti, coração.

Ah! Portugal, Portugal
Fiel na divina lei,
Verás o Encoberto rei
Com coroa imperial.

Verás aquele senhor
Que com S se começa,
A quem o mundo obedeça
Por absoluto senhor.

Anda cá, ó minha filha,
Diz-me, ó filha bem amada,
Se foi o perro cristão
Que assim te fez desgraçada.
Senhor pai, deixa o cristão
Que ele não me deve nada,
Leva a flor do meu corpo,
Mas de vontade foi dada.

Padre nosso, que estais nos céus – perorou segundo o seu costume a idiota.

- Maldita velha! – rosnou por entre os dentes cerrados o capitão de Coura. – Digo – continuou levantando a voz – el-rei é um asno, incapaz de dar geração à coroa, e que passa a vida a espancar de noite os cidadãos de Lisboa, acompanhado de rufiões e de homens de baixa esfera, que o preso de Castelo Melhor...

- Por Deus! Que dizeis, senhor capitão! – exclamou o cura cheio de espanto – Pois el-rei era tal?

- É como tenho a honra de vos informar – explicou gravemente Pantaleão Rodrigues – e por ser tal, lá jaz engaiolado em Sintra, de onde se me afigura que não sairá mais em dias de vida. Em quanto ao casamento do príncipe com a rainha tenho a honra de noticiar-vos que se não fez senão depois que chegou dispensa do papa de

Roma, que o cardeal de Vendome alcançou do núncio em França e de lá a enviou por Luís de Verjus, criado da rainha.

- E diga agora, senhor capitão, que não haja festas, ainda que não sejam senão por esses sucessos – acudiu Belchior Mendo, desejoso de aproveitar todas as ocasiões de contrariar Pantaleão Rodrigues.

- Festas por isto hajam e que farte, mordblei! – exclamou este meio encanzinado – mas pela infame paz, não; Gott straff mein Zel! não, e tenho dito. Mas que qualidade de festas são estas[,] sobrinho? – acrescentou, voltando-se para Baltazar Rodrigues.

- Dizem que serão como nunca se viram Entre Douro e Minho - respondeu este – Haverá touros e justas reais; correr-se-ão lanças de brida à sortilha; haverá escaramuças de um e dois fios; correr-se-ão parelhas e jogar-se-ão canas e alcanzias⁹⁵, assim singelas como dobradas e de quadrilhas; lançar-se-ão muitos foguetes vistosos e outro muito fogo de ar, e correrá vinho na fonte do Pinheiro para o povo beber de noite à vontade. Virão grandes poetas de Lisboa e do Porto e haverá muitos saraus e outras festas...

- E o conde do Prado que diz a isso? – interrompeu Pantaleão Rodrigues com o sobrolho carregado.

- O conde do Prado faz como os demais. É ele quem convida os cavalheiros e os poetas...

- Mordblei! – atalhou rudemente o capitão. E depois de alguns instantes de silêncio, acrescentou:

- E Brás de Barbosa de Rubiães vem à festa?

- Pode ser que venha, e pode ser que não venha – tartamudeou Baltazar Rodrigues.

- Potz tausend alle Henker! como diz o grande Schomberg. Eis aí um bom e leal português e um grande soldado...

- Não é por isso, mas é que...

- Pois será verdade o que se diz por aí da morte da mulher? Pois a consciência acusá-lo-á... mordblei! – disse em voz rude o capitão de Coura.

Baltazar Rodrigues ficou alguns segundos calado, depois disse, balbuciando:

- Não é por isso, senhor tio. Nem com toda a fome à arca, nem com toda a sede ao cântaro, diz o ditado. Mas é que o snr. Brás de Barbosa...

⁹⁵ Alcanzia: bola de barro, oca, que se atirava cheia de flores e outros mimos nas cavalhadas.

- Quem fala aqui em Brás de Barbosa de Rubiães? – exclamou de súbito a idiota, voltando-se juvenilmente aprumada e com os olhos luzentes de brilho sobrenatural – Quem fala aqui em desfavor de Brás de Rubiães?

Cavaleiro como o meu
Ainda não o viu ninguém,
Cavaleiro mais honrado
Toda a Espanha não o tem,
Mais guapo e mais valente
Do que o meu não viu ninguém.

Quem fala aqui em desfavor de Brás de Rubiães? Respondei, Baltazar Rodrigues. Tão mofino vilão sereis vós, que desautorizeis nosso senhor, escondendo a verdade que o não desdoira diante do próprio rei de Lisboa que fosse? Eu criei o pai dele a estes peitos, e a ele embalei-o nestes braços e com arruda o bafejei tamanino contra as bruxas e mais fadas. Mas de nada lhe valeu o desencanto! Eu bem lho dizia – olhai, filho, que aquilo é uma raça de víboras, de que vos não pode vir senão mal. – A nada atendeu o perdido; foi-se trás sua perdição, e trouxe-a por mulher para o paço! Depois tudo foram traições e aleivosias, ruim vida e grandes desgostos. Se nas veias daquela comborça⁹⁶ corria o sangue dos tredos, que lá, desde os princípios do mundo, andam *em feudo* com os senhores de Rubiães! Eu digo-o bem alto, Baltazar Rodrigues, não tenho receio de que me oiçam. Eu fio com o amor acabou-se o sofrimento. A maldita de Deus, a mulher que descendia dos inimigos dos senhores de Rubiães, e que um senhor de Rubiães tinha em sua lisura convidado a partilhar o seu leito de esposo, morreu às mãos dele. Morreu! Morreu! Abençoada seja esta língua que lhe disse – Filho, não deixeis desonrarem-vos o nome dos senhores de Rubiães; abençoada seja esta mão que com tamanho cuidado lhe afiou o punhal.

Vai D. Gaspar para casa
Quatro facadas lhe há dado.
“Uma é à honra de tu padre,
Outra à honra de tu madre;
Outra por minha saúde,
Que t’as haja mui bem dado!
Outra por seres traidora,

⁹⁶ Concubina de homem casado, barregã.

Que me não hás acordado [”].

Estes versos foram cantados com tão pavorosa expressão de vingança satisfeita, que o próprio Pantaleão Rodrigues carregou as sobrancelhas, impressionado bem que ao de leve pelo horror, que se assenhoreara de todos os demais.

- Que história antiga é aquela de que ela fala? – perguntou em seguida ao sobrinho.

- Não sei – respondeu este, pálido como um cadáver.

- É a lenda de Rubiães – disse serenamente o cura – Se quereis contar-vo-la-ei, que de grande curiosidade é ela para todos os que vivem por estas terras e por estas montanhas.

- Se vos apraz, fazei-o – replicou o capitão – Agora me dão barruntos⁹⁷ de ter ouvido em pequeno alguma coisa acerca disso. Mas os anos e os trabalhos de todo me deslembaram o que ouvi, e muito folgava avivar essas lembranças da minha meninice.

- Atendei, pois – disse o cura.

⁹⁷ Barrunto: suspeita, suposição.

V

A lenda de Rubiães

- Em primeiro lugar – disse o cura depois de brevíssima pausa – cumpre que vos diga que a família do senhor de Rubiães é nobre e poderosa há tantos centos de anos que nunca se achou quem lhe soubesse assinalar princípio.

- O que há de mais averiguado é que já no tempo de Witisa, rei dos visigodos de Espanha, D. Mendo Froile era tão potente e grande senhor, que el-rei lhe deu por esposa uma sua filha. Desta e dele foi filho D. Ricardo Mendes, que esteve na batalha do Guadelete e foi casado com uma irmã do famoso rei D. Pelaio, o que principiou a restauração da monarquia cristã contra os mouros.

- Ora deveis saber que, naqueles tristes tempos da perda de Espanha, os cristãos que com el-rei D. Pelaio se recolheram aos cerros da montanhas das Astúrias, depois que principiaram a sanear-se dos males que dos inimigos da nossa santa fé haviam recebido, vencendo-os numa batalha junto de um rio chamado Deva, fundaram a cidade de Oviedo, capital do reino das Astúrias, e desde aí ⁹⁸ puseram-se a trabalhar por estender seu império, fazendo muitas correrias contra os mouros e obrigando-os a largar todos os dias terreno à custa de muitas pelejas e batalhas, que sobre eles ganhavam. Nas terras que assim iam conquistando, fundavam logo fortíssimas torres, que lhes serviam de abrigo, quando os sarracenos voltavam sobre eles com exércitos poderosíssimos.

- D. Ricardo Mendes, cunhado de el-rei D. Pelaio, foi um dos maiores capitães daquele tempo, e um dos que mais (se) trabalhou para acrescentar a monarquia cristã das Espanhas. Depois de correr os sarracenos em muitos recontros e batalhas, chegou com eles na frente até aqui; e vendo que as nossas montanhas, por sua rudeza e estreitas portelas, eram grande frontaria contra os infiéis, que jamais a elas ousaram subir, veio estabelecer-se nestas paragens e fundou a torre velha dos paços de Rubiães, de onde ele e seus descendentes lhes fizeram contínua guerra, ajudando os reis de Leão a lançá-los em breves anos para a terra de além do Mondego. E tais foram neste particular os grandes feitos dos senhores da torre de Rubiães que, para os galardoar, os reis de Leão os fizeram condes de Vimieiro com grandes privilégios e doações, *conferindo-lhes* por esta forma o senhorio dos vastos territórios que eles por sua lança haviam ganhado.

⁹⁸ Deshi no manuscrito.

- Pelo andar do tempo foi senhor da torre de Rubiães, o grande D. Mendo Afonso, famoso capitão do tempo de el-rei D. Sancho I, o qual foi o fundador do paço velho, e último conde de Vimieiro por falecer sem geração.

- Sucedeu-lhe na sua grande casa sua irmã D. Sancha, que casou com D. Pero Paes, e dos dois foi filha a formosa D. Sanchica Pires, que casou com o valoroso D. Vasco Pires Beirão, dos quais foram filhos Estevão Vasques de Rubiães e Nuno Vasques Beirão de Bragança, dos quais reza a lenda que ides ouvir.

- Foram os dois irmãos esforçados cavaleiros, muito nobres e generosos, e ademais Nuno estremado trovador, pelo que podeis bem crer quanto nele não cismariam as formosas damas solarengas da nossa província.

Eram os dois grandemente amigos, isto apesar da grande diferença de idade que entre eles havia, porque ao tempo desta história tinha Estevão quarenta e cinco anos e Nuno apenas vinte e cinco.

Este Estevão foi aquele grande e poderoso cavaleiro que os ricos-homens das nossas montanhas escolheram para cabecel da hoste, por eles reunida para fazer rosto à que a infanta D. Mafalda, filha de el-rei D. Sancho I, congregou entre os ricos homens do baixo Minho, afim de obrigar os solarengos do alto a reconhecerem-lhe senhorio, em razão de não sei que imaginários direitos que ela dizia ter em virtude do testamento, com que el-rei seu pai havia falecido. O valoroso Estevão Vasques, à frente deste exército, em que avultavam em grande número os seus vassalos e homens de armas, derrotou o da infanta, e obrigou-a a de todo ponto largar as suas imaginações.

- Mas, como vos ia contando, eram os dois grandemente amigos. O mais velho, sobretudo, estremecia o mais novo entranhadamente e como se ele fora seu filho. Recomendara-lho sua mãe, ainda orfãozinho, no derradeiro beijo com que sobre as faces dele se despedira da vida; era Nuno valorosíssimo cavaleiro, e de tal havia alcançado grande fama na frontaria dos mouros de além do Tejo, e nas justas e torneios que se faziam nos solares comarcões de Portugal e da Galiza; e, a par da sua valentia, tinha um génio tão meigo e tão doce que a ele se acolhiam todos os fracos e desvalidos a buscar abrigo e protecção.

- Ora vede vós se com estas qualidades o não amaria Estevão Vasques, que o criara de tamanino, e que contemplava nele o filho da sua criação! Era todo o amor que lhe tinha que nos maiores ímpetos de ira temerosa e violenta, pela qual se assemelhava ao terrível D. Vasco seu pai, se fazia de súbito manso cordeiro, se o irmão o persuadia e chamava à razão. Pelo que Estevão Vasques determinou não casar, tudo para que o seu

amado irmão Nuno gozasse da honra de continuar na sua geração o grande nome dos senhores de Rubiães.

Aqui o velho cura parou e assoou-se; Mateus Manuel, que dormia como um bruto com a cabeça deitada sobre a mesa, soltou pelo nariz um ronco de javardo a aconchegar-se satisfeito na lama; e Pantaleão Rodrigues que recostado comodamente no encosto do banco, tinha há muito apenas meio olho esquerdo aberto, abanou gravemente a cabeça como quem estava prestando completa atenção ao conto.

Alguns minutos depois o cura continuou assim:

- Agora deveis saber que a duas léguas distantes do solar de Rubiães havia outro solar igualmente antigo e nobre...

- Nobre! – acudiu de súbito a idiota interrompendo o cura – nobre!

E depois de cascalhar gargalhadas sobre gargalhadas de escárnio, pôs-se a cantar com ironia diabólica, e sem desfitar do rosto do padre o olhar escarnecedor:

Mama, mama, meu menino,
Este leite de amargura,
Que amanhã por estas horas
Está tua mãe na sepultura.

Mama, mama, meu menino,
Este leite de pesar
Que amanhã por estas horas
Vai tua mãe a enterrar.

- Gott straff mein Zeel! – exclamou aqui o capitão de Coura, enraivecido por a idiota não deixar continuar o cura, o que o obrigava a ele a estar com os olhos de todo abertos – Gott straff mein Zeel! Nunca se viu um estafermo assim! Tenho a honra de vos informar...

- Senhora mãe, calai-vos – atalhou a dona da casa com impaciência, vendo que a velha continuava a cantar apesar de os gritos de Pantaleão Rodrigues não deixarem ouvir o que ela cantava.

À voz da filha, a idiota calou-se, e fitou-a com um olhar estúpido e enfuriado. Depois seguiu cantando as seguintes trovas, que eram nada menos que a continuação do Padre nosso dos sebastianistas, há pouco por ela interrompido:

De Deus tereis tal poder
Quando andares na guerra;
Que tudo haveis de vencer

Assim na terra.

Todos fareis estar firmes
Em a fé e amor de Deus,
E todos estarão contentes
Como nos céus.

Trareis com a vossa vinda
Tanta abundância, convosco,
Que as terras nos darão
O pão nosso.

Quando nisto consideramos
Temos grande alegria,
E nos parece que vindes
Cada dia.

Estas nossas esperanças
Temo-las já de mui longe,
Esta era desejada
Nos dai hoje.

Se incrédulos vos ofenderam
Com os seus antepassados,
Já todos vos estão dizendo
Perdoai-nos
Se os portugueses triunfaram
De soberbos alguns dias,
Ora já Portugal tem pago
As nossas dívidas.

E por não escapar ninguém,
Nem ainda escapastes vós,
Pois também as tendes pago

Assim como nós.

Chegue o tempo desejado
Que há tanto tempo esperamos,
Digamos já – ‘té aos mouros
Perdoamos.

Aqui a idiota interrompeu-se de golpe, e seguiu dizendo o Padre nosso pequenino, fazendo ao mesmo tempo grandes cruzes, da fronte ao estômago, sempre voltada para o cura com um sorriso de escárnio nos lábios.

Este ou por veneração pela idade e pelo estado da pobre velha, ou por deferência pela dona da casa, escutara-a de olhos no chão, gravemente e sem a interromper. Pantaleão Rodrigues, esse, adormecera apenas ela principiara a cantar, e ressonava agora estrepitosamente de companhia com Mateus Manuel, que pela sublimidade dos roncos parecia apostado a manifestar lá do mundo dos sonhos a sua própria bestialidade.

Apenas a velha se calou, o cura continuou assim a sua narração, voltado para Belchior Mendo e para a dona da casa, que ambos eram olhos e ouvidos fitos nele:

- Como vos dizia, a duas léguas distantes do paço de Rubiães havia então outro solar igualmente nobre e antigo, de cujas ruínas ainda hoje se vêem vestígios na rechã da serra da Balhosa. Este paço era situado na aldeia de Abadim, e pertencia a uns ricos-homens de raça nobilíssima, mas ainda mais feroz e bravio que os ursos e javalis da montanha.

- Chamava-se o solarengo D. Gomes de Alarcão, o qual era pouco mais velho do que Estevão Vasques de Rubiães, de quem era parente. Tinha D. Gomes dois filhos, D. Ruy e D. Mécia, que eram pouco mais ou menos da idade de Nuno Vasques que com eles se criara, bafejados todos pelas virtudes e bondade de D. Toda, mulher de D. Gomes, a quem Estevão Vasques, por não ter família própria, confiava o irmão quando se ausentava da sua torre, ou para ir à guerra dos mouros do Alentejo, ou para correr os senhorios de algum solarengo de além Minho, com os quais o seu génio irascível e volteiro o trazia de contínuo desavindo.

- Cresceram os três e com os anos saiu-se D. Ruy esforçado cavaleiro, mas traiçoeiro e devasso; e D. Mécia desabrochou em donzela de peregrina formosura, e de génio tão suave e tão meigo, que mais se afigurava coisa do céu que da terra. Já vedes que havendo-se Nuno Vasques criado com ela e tendo-lhe dado Deus aquela alma de trovista que tinha, não podia deixar de querer-lhe bem; e ela também lhe tinha grande e entranhada afeição, como quem via nele o companheiro dos seus inocentes folguedos de menina e o seu protector, naquele tempo, contra as rudezas e brutalidades do irmão. Andaram os anos, cresceu aquele amor. Por fim veio a parar em paixão irresistível. Estevão Vasques aprovou a escolha do irmão, e o poderio e vastos senhorios da casa de Rubiães faziam sorrir de satisfação D. Gomes de Abadim. Assim foi D. Mécia prometida a Nuno Vasques, e o casamento aprazado para daí a um ano, em que ela

cumpria os vinte, idade até à qual D. Toda a prometera donzela a S. Marinha de Arcozelo, por ocasião de grave doença que a esteve a matar ainda menina.

- E agora ides ouvir o como se azou o temeroso feudo de que reza a lenda.

- Cinco meses antes de se arrematar o prazo que se marcara para o casamento de Nuno com D. Mécia, chegou da Terra Santa um poderoso rico-homem das terras de além do Minho. Para celebrar esta tornado, a rica-dona que dele era esposa, apregoou grandes festas em seu solar, com justas e torneio solene, para o qual mandou desafiar os mais poderosos solarengos de muitas léguas derredor. Concorreram eles e com eles muitos outros cavaleiros. Entre estes foi Nuno Vasques de Rubiães, que no torneio defendeu e fez confessar por seu braço, para glória sua e honra da sua desposada, que D. Mécia era a mais formosa donzela das Espanhas. Acabadas as festas voltou Nuno para as terras de aquém do Minho.

- Era uma noite formosíssima dos meados do mês de Agosto. Nuno Vasques, que tinha pressa de chegar, animado pela formosura da noite, não parou seu caminho com a chegada dela. Foi avante sempre com o fito em Rubiães. Era perto da meia-noite quando chegou às margens do Coura. Atravessou-o, e já se preparava para seguir avante, quando de uma floresta, que da margem do rio seguia pela serra acima até quase Romarigães, sentiu o tropejar apressado de cavalgadura, e ais e suspiros como de quem se carpia dolorosamente.

- Nuno Vasques dirigiu para a floresta o cavalo; mas apenas alguns passos andados, viu sair dela a trote largo um cavaleiro com a viseira do morrião cerrada e armado de uma sobreveste de malha, o qual sobre o arção dianteiro trazia sobraçada uma mulher, que se lhe debatia desesperadamente entre os braços.

- Nuno Vasques atravessou-se imediatamente diante dele.

“ - Cumpre, senhor cavaleiro – disse-lhe então com voz firme – que antes de passardes adiante me digais porque se carpe assim tão dolorosamente essa coitada, que aí levais ante vós atravessada na sela.

“ - Eu vo-lo direi – replicou o outro em voz cavernosa e com os olhos a fuzilarem através das vistas do elmo.

E levando rapidamente de uma maça de chumbo que lhe pendia do lado direito do arção traseiro, pôs ao mesmo tempo esporas ao cavalo, e fazendo-o caracolar sobre Nuno Vasques, atirou-lhe com a maça uma tal pancada à cabeça, que se não a recebe no escudo, que já tinha sobraçado, mal-aventurada lhe parara deveras aquela aventura.

- A esta traiçoeira vilania a ira dos ricos-homens de Rubiães apossou-se de Nuno Vasques. Tão pronto como o relâmpago, ao mesmo tempo que a maça lhe bateu no escudo, colheu-a ele pela empunhadura, e com tal força a tirou para si, que o cavaleiro, para não vir após ela fora da sela, não teve mais remédio senão soltá-la da mão. Nuno ergueu-a então com igual rapidez, e, antes que o cavaleiro tivesse tempo para se anteparar, caiu-lhe ela com tal força sobre o elmo, que o fez afocinhar sobre o pescoço do cavalo, largando dos braços a mulher, e caindo ao mesmo tempo transportado de si para o outro lado.

- Nuno Vasques, cego de furor, lançou-se de um salto fora do cavalo, e correu a cortar-lhe com a adaga as enlaçaduras do elmo. Mas, apenas pôs os olhos nas feições do cavaleiro derribado, soltou um brado de espanto e recuou dois ou três passos atrás.

- Aquele vilão cavaleiro e infame rausador⁹⁹ de donzelas era D. Ruy de Alarcão!

- Nuno Vasques correu então para onde estava a mulher, ainda desmaiada.

- Era a filha do rico-homem de Romarigães, inimigo, havia poucos meses, dos Alarcões, e com a qual Nuno sabia que D. Ruy andava há muito de amores.

- Como pois explicar aquele rauso? Como entender aquele dorido carpir da donzela?

- Uma ideia medonha veio então ao pensamento do cavaleiro de Rubiães. Ao senti-la erguer-se-lhe no cérebro, Nuno Vasques soltou um gemido, e apertou com força a cabeça contra as mãos.

- É que vós bem sabeis quão leal e nobre cavaleiro ele se prezava de ser; e D. Ruy de Alarcão era irmão de D. Mécia, daquela que ele amava do fundo da alma, e a quem ia dar para sempre o seu nome.

- Assim esteve daquele jeito muito tempo sem poder assenhorear-se. Por fim D. Ruy mexeu-se, e pôs-se custosamente de pé, indo em seguida sentar-se numa grande pedra, que aí jazia à beira da estrada.

“ – Ruy... Ruy – exclamou então o cavaleiro de Rubiães fora de si – como é que vos acho aqui com aquela donzela nos braços?

“ – Rausei-a – respondeu o outro com insolente descaro.

“ – E com que propósito? – acudiu Nuno Vasques, dando dois passos para ele e fitando-o com os olhos resplendentes de ansiosa agonia.

“ – Para meu desporto – respondeu com a mesma serenidade D. Ruy.

⁹⁹ De rausar: raptar ou violar.

- Ao ouvir estas palavras Nuno Vasques soltou um grito de pavorosa agonia, e fitou alguns momentos o futuro cunhado com horror, com ira e com aflição.

“ – D. Ruy – disse-lhe por fim com nobre severidade – eu vou levar aquela donzela ao paço de Romarigães. Olvidemos este feito desassisado. Que jamais se torne a falar dele.

- A estas palavras, D. Ruy de Alarcão ergueu-se de golpe, e levou a mão ao punho da espada.

“ – Vós não me fareis tal afronta, Nuno Vasques; não, que vo-lo tolherei eu – disse então com mal-assombrado semblante.

- E logo, aproveitando-se do pasmo, que estas palavras tinham causado ao moço cavaleiro de Rubiães, continuou, como que pretendendo conciliar-lhe a vontade.

“ – Vós bem sabeis a grande causa da inimizade que esse falso de Romarigães nos há dado, a mim e a meu senhor pai. Desde muito que espreito azo de afronta que pague a que ele nos há feito. Grande trabalho tomei para trazer finalmente a filha do javardo ao laço. Nela bem sabei[s] que é onde mais fundo lhe posso ferir na honra. Ora não sereis vós, Nuno Vasques, que tão breve tendes de ser marido de minha irmã, que nos tolhereis este azo de nos desafrontarmos, que tão custosamente alcancei.

- Ao ouvir estas razões Nuno Vasques ficou como que assombrado do raio. Aquele homem era essencialmente um vilão. Esteve, pois, a olhar para ele como que transportado de si muito tempo. Por fim o rosto tornou-se-lhe gravemente severo e frio.

[“]- D. Ruy – disse após minutos de silêncio –vós sois um vilão, agora desonrado vosso nome, e logo do meu, por que não posso nem devo sacrificar o amor da minha angélica Mécia à desventura, com que Deus a fulminou, de ter por irmão um infame. Um rico-homem que se sente afrontado não se vinga numa fraca mulher. Um cavaleiro ofendido não planeia a desafronta como um salteador de estrada; manda o seu gage de desafio ao ofensor e mata-se com ele por sua honra. Vós sois um refece, um vilão. Se viverdes, ninguém de hoje avante pode estender a mão aos Alarcões de Abadim sem se desonrar. Arranque-se, pois, o joio do meio do trigo. D. Ruy, se sabeis alguma oração, dizei-a; se tendes no paraíso algum santo, a que tenhais devoção, encomendai-vos a ele, que ides morrer.

- Ao ouvir estas palavras, D. Ruy de Alarcão arrancou com furor a espada, e os olhos luziram-lhe como os olhos de um tigre. Mas logo baixou-os carregados para o chão, poisou nele a ponta da espada, e na cruz dela recostou as duas mãos.

- Por fim ergueu o rosto carregado e severo, e disse:

“ – Nuno Vasques, vós bem sabeis que não sou homem que se deixe tolher por feros nem roncos. Não são pois as vossas palavras que me fazem mudar de tenção. Mas enfim é certo que vós dizeis a verdade. Não é deveras honroso para um cavaleiro o vingar-se de um homem numa mulher. Assim tomai essa em boa hora, e levai-a como vos praz a sua casa. E peço-vos, por meu amor e pelo de Mécia, que não mais menteis¹⁰⁰ esta minha insânia, e que nem dela faleis palavra a ninguém.

- Nuno Vasques estendeu-lhe a mão com as faces radiantes de alegria e de satisfação. Depois cingiu-o apertadamente contra o peito.

“ – Ah! que me dais a vida, Ruy – disse-lhe com entusiasmo – Eu não me podia persuadir, irmão, que este feito fosse verdadeiramente da vossa razão. Era uma cegueira e nada mais. Graças a Deus que acordastes dela como cumpria à vossa honra. Vós sois digno do ilustre nome que tendes. Eu vou levar a donzela de Romarigães a sua casa, e farei de sorte que do facto não restem vislumbres sequer; e de mim sede certo que nem de meu próprio irmão o fiarei.

- Então dirigi-se a seu cavalo, e cavalgou. O próprio D. Ruy lhe pôs a donzela ainda transportada nos braços. Nuno Vasques deu rijo de esporas, e partiu a galope para o paço de Romarigães.

- Ao vê-lo desaparecer na floresta, o rosto de D. Ruy entorvou-se com expressão terrivelmente satânica.

“ – Vilão desleal, tu mas pagarás – rosnou por entre os dentes, seguindo-o com olhar que parecia despedir chispas de ira vingativa.

- Estas foram as palavras que disse, ao ver Nuno Vasques entranhar-se no bosque. As outras foram tredas e mentidas. Aquele falso cavaleiro, ao desembainhar a espada sentira-se fraco da luta que acabava de ter, e reparando também que estava sem elmo, reconheceu que não podia assim defender a vida e a presa a tão valente cavaleiro como Nuno Vasques de Rubiães. Por isso se fingira assim.

- Agora ouvide o que fez o vilão.

Aqui o velho cura parou um momento para tomar fôlego e reatar as ideias.

- Cura – bradou então a velha idiota em voz estridente – vós não dizeis tal qual foi a verdade desse caso. O refalsado não disse aqueles nobres dizeres. O tredo pôs-se de joelhos, pediu humildemente a vida ao senhor de Rubiães, e jurou depois por S. Endon, por sua honra e pela cruz da espada, que estava arrependido da sua malfeitoria.

¹⁰⁰ Lembreis.

A vinha será podada
Muito bem com um podão,
A que não der vinho são
De fogo será queimada.

Na cidade de Madrid,
A melhor que el-rei tenia,
Morava um cavaleiro
Dom Aleixo se dizia,
O cujo tal cavaleiro
Namorava uma donzia,
Ela lhe pediu três cousas
Que a seu corpo convenia,
Uma que fosse sozinho
Sem mais outra...

- Potz tausend alle Henker, como diz o grande Schomberg – bradou de súbito o capitão Pantaleão Rodrigues de Coura, acordando estremunhado e acertando ao mesmo tempo uma rija punhada na mesa – Para isto não há paciência que baste. Velha sonsa e maldita.

Aqui Mateus Manuel soltou um ronco que parecia o estampido de uma peça de artilharia.

- Bezero! – disse por entre os dentes Pantaleão Rodrigues, pondo nele os olhos com supremo desprezo.

Depois emborcou de novo a infusa, esvaziou-a, aconchegou-se e dormiu.

A velha seguiu roncando ininteligivelmente, e o padre, sem fazer caso dos dois, continuou desta forma a sua história:

- Durante os primeiros quatro meses não surdiu rumor que fizesse suspeitar que tivesse existido aquele mau feito. Nuno Vasques acabara com o senhor de Romarigães, que era seu próximo parente, que, em atenção a D. Mécia, se não desse por entendido do que sucedera, visto que as coisas tinham vindo a bom fim; e como D. Ruy fingia deslembra-se de tudo, também ele se deslembra, e chegou por fim a efectivamente deslembra-se.

- Ao cabo de quatro meses, faltava um só para o casamento, D. Nuno partiu para Santiago da Galiza, a cumprir uma promessa que fizera, se o santo apóstolo lhe concedesse que ele e a sua noiva chegassesem com vida àquele prazo. Quinze dias pouco mais ou menos depois, chegou a Rubiães, ao romper de alva, um mensageiro do paço de Abadim, que pôs o solar em total confusão. O mensageiro noticiou a Estevão Vasques, de mando de D. Gomes, que D. Mécia tinha sido traiçoeiramente rausada aquela noite, e que D. Toda, ao saber tão má nova, caíra tomada por morte repentina. O peão acrescentava, de mando do seu senhor, que ele suspeitava quem fosse o rausador, e que sobre tal desejava falar a Estevão Vasques.

- Ora podeis imaginar o como o senhor de Rubiães receberia esta nova, ele que tanto amava o irmão, a quem tanto nela ia. Despediu pois por todos os caminhos peões e homens de armas a ver se podiam colher rastro do feito e ele partiu, acompanhado de vinte de cavalo apenas, para o paço de Abadim.

- Quando lá chegou, vede vós as tristezas e o confuso arruído que lá não havia, estando a rica-dona morta de tal morte, e a donzela rausada e perdida! D. Gomes arrepelava-se e chorava lágrimas de desespero sobre o cadáver da esposa, estendido sobre a alcatifa do mortório¹⁰¹. Mal viu entrar Estevão Vasques, bradou, estendendo os punhos cerrados, e com os olhos raiados de sangue, de todo dementado e fora da sua razão.

“ – Vingança, Estevão Vasques, vingança! Vingança contra esse falso traidor de Romarigães, que matou minha mulher, e traiçoeiramente rausou minha filha e vossa cunhada.

- Ao ouvir estas palavras, Estevão Vasques recuou espantado. Tinha o rico-homem de Romarigães na conta de cavaleiro leal e generoso, e como tal o achava sempre em muitos feitos em que o tinha provado. Aqueles brados assombraram-no portanto de espanto. Mas D. Gomes contou o que havia passado entre D. Ruy e Nuno Vasques, e o senhor de Rubiães não pôde deixar de suspeitar que aquele cruel desaguisado fosse de facto obra da vingança do senhor [de] Romarigães, vingança dobradamente ofensiva para ele, porque recaía sobre pessoa consigo tão conjunta como era àquele tempo D. Mécia, e significava quebra da promessa que o rico-homem fizera a Nuno Vasques de esquecer aquele mau feito por amor do senhor de Rubiães.

¹⁰¹ Enterro.

- Mas o senhor de Romarigães não só era seu primo carnal, mas era também o seu melhor amigo, o homem com quem junto velara as armas, quando ambos receberam a ordem da cavalaria. A estas considerações Estevão Vasques sentou-se desalentado sobre um escabelo, e ficou com a cabeça apertada entre os punhos cerrados, pensativo e abstracto.

“ - Oh! se aqui estivesse Nuno Vasques! ... – balbuciou então em voz claramente audível D. Ruy de Alarcão, que entrara [há]¹⁰² pouco na sala.

- O natural pronto e irascível do senhor de Rubiães acendeu-se com este remoque.

“ - Mancebo – replicou pondo-se de salto em pé com o sobrolho carregado – Nuno Vasques Beirão de Bragança está longe, mas Estevão Vasques de Rubiães costuma vingar como suas as afrontas de seu irmão.

- No dia seguinte os dois senhores de Rubiães e de Abadim marcharam seguidos de grande companhia de vassalos armados para o paço de Romarigães.

- O senhor de Romarigães apenas soube da grande hoste, que em som de guerra se lhe aproximava do paço, mandou levantar a levadiça, descerrar os balhesteiros¹⁰³, e coroou a muralha e torres do solar com besteiros e homens de armas. Depois aguardou sossegadamente a tormenta.

- A hoste dos dois ricos-homens parou a pouco mais de tiro de besta do solar. Depois saiu dela um trombeta acompanhado de um homem de armas, que aproximando-se da muralha disse que estavam ali Estevão Vasques, senhor de Rubiães, e D. Gomes de Alarcão, senhor de Abadim, que pretendiam falar com Soeiro Afonso, rico-homem de Romarigães.

- Este desceu imediatamente ao muro da barbacã¹⁰⁴, e disse que ali aguardava por eles.

- Então os dois saíram da frente da sua hoste, e dirigiram-se para lá.

“ – Estevão Vasques – exclamou cheio de pasmo o senhor de Romarigães – porque entrais assim armado em minha terra? Que razão vos dei para esquecerdes que minha mãe era irmã de vosso pai, e que nós somos irmãos pelo sangue e pelas armas?

- Estevão Vasques levantou a mão esquerda a impor-lhe silêncio, e disse com o rosto gravemente carregado:

¹⁰² Des no manuscrito.

¹⁰³ Ou balestreiro: abertura na muralha por onde se disparavam as bestas e se lançavam matérias incandescentes.

¹⁰⁴ Muro construído por fora das muralhas e mais abaixo que aquelas.

“ – Soeiro Afonso, vossa filha foi rausada por D. Ruy de Alarcão de Abadim, mas do rauso não se seguiu mau feito, porque Nuno Vasques, meu irmão, lhe acorreu no caminho. É ou não verdade que vós jurastes a Nuno Vasques que não tomariéis vingança da afronta, por amor do futuro casamento dele com D. Mécia de Alarcão?

“ – É verdade – replicou cada vez mais admirado o rico-homem de Romarigães.

“ – Agora sabei que D. Mécia foi rausada da casa de seu pai anteontem à noite, da mesma forma que vossa filha o foi antes de vossa casa; D. Toda morreu de pena; e vós sois acoimado de por vingança desleal e tençoeira¹⁰⁵, haverdes cometido esta malfeitoria. Que respondeis a isto?

“ – Mente pela gorja quem de mim ousar dizer tal aleivosia! – bradou cheio de ira o senhor de Romarigães, cravando os olhos chamejantes em D. Gomes de Alarcão.

- Estevão Vasques não comprehendeu como devia esta provocação. A ira temerosa de que era dotado por natureza inflamou-se portanto com ela.

“ – Soeiro Afonso – bradou pois abafado pelo rancor que de súbito se apoderou dele – sois aleivoso e desleal, sois a desonra da nossa família. Em nome da glória dela eu vos repto e desafio a virdes aqui matar-vos comigo em combate singular sobre esta negra traição, de que juro que vos hei-de acusar perante todas as cortes de Espanha. Mandai, pois, baixar a levadiça e saí, que aqui fico aguardando por vós; e se para logo o não fazeis, juro a Deus que vos tomo de força o solar, e que meto à espada tudo o que encontro nele com vida.

- Os olhos do senhor de Romarigães cravaram-se em Estevão Vasques resplendentes de nobre e generosa cólera; mas a grande prudência de que era dotado retemperou-lhe logo aquela ira.

“ – Estevão Vasques – disse pois com nobre serenidade – concedei-me meia hora para pensar.

- Apesar da grande ira, em que estava acendido, era tal o afecto que o senhor de Rubiães votava ao seu irmão de armas que não esquecera de todo que era com ele que falava. Assim acenou-lhe com a mão um sinal de assentimento, e ficou-se à espera recostado à lança, e acompanhado de D. Gomes e D. Ruy, que acabava de reunir-se aos dois.

- Mas não teve de esperar meia hora. Dez minutos, se tanto, depois que Soeiro Afonso se retirou da barbacã, baixou a ponte levadiça, e ele saiu ao campo, armado de

¹⁰⁵ Odienta, rancorosa.

malha da cabeça até aos pés, e acompanhado de três homens de armas, um dos quais trazia de rédea o seu cavalo de batalha e os outros dois o escudo, a lança e o morrião¹⁰⁶.

- A alguns passos distante de Estevão Vasques, desembainhou a espada e pondo a mão sobre a cruz dela, disse nobremente:

“ – Juro por esta e por minha honra que estou inocente da malfeitoria, de que me acusam.

- Depois enlaçou o elmo, e tomado a lança e o escudo, cavalgou, e disse brandindo temerosamente a lança:

“ – Se há aí alguém que ouse sustentar que Soeiro Afonso de Romarigães é capaz de cometer tal infâmia, mente e remente como covarde e falso vilão, e aqui estou para lhe defender por meu corpo este desmentido, que juro manter em todas as cortes de Espanha.

- A estas palavras D. Ruy de Alarcão esporeou o cavalo, e enristou a lança contra ele. Estevão Vasques lançou-se-lhes de golpe no meio.

“ – Parai, mancebo – disse ele asperamente a D. Ruy – eu não vim aqui para afrontar o senhor de Romarigães, como se fora um vilão de beetria¹⁰⁷. Soeiro Afonso jurou, e Soeiro Afonso é um nobre e valoroso cavaleiro, tão incapaz de jurar falso, como capaz de defender por seu braço todo e qualquer feito que fizesse. Obrigado, Soeiro Afonso, obrigado meu querido irmão de armas - continuou estendendo a mão sem o guante ao nobre rico-homem. E logo acrescentou para os dois Alarcões – Senhores, já agora não temos que fazer aqui. Partamos.

- A estas palavras, os dois de Abadim voltaram os cavalo de má mente é verdade, mas recolheram-se à hoste. Bem sabiam eles que Estevão Vasques de Rubiães não era homem que se contrariasse impunemente.

- Ao vê-los partir, o senhor de Romarigães bradou, alta voz:

“ – Refeces vilãos, em breve nos veremos de face.

- Quatro dias depois, chegou de Santiago um mensageiro, que Estevão Vasques mandara ao irmão, o qual disse que o não encontrara lá. O senhor de Rubiães cuidou que Nuno já havia tido notícia do rauso, e que ia após o rausador.

- Durante dois meses Estevão Vasques fez procurar o irmão e D. Mécia por todas as terras de Espanha. Os de Abadim mandaram também por diferentes partes. Mas nem de um nem de outro apareciam novas nem rastos sequer.

¹⁰⁶ Capacete sem viseira, com tope enfeitado.

¹⁰⁷ Povoação que tinha o direito de eleger os seus administradores.

- Estevão Vasques não podia descansar com este cuidado. Que seria feito do seu Nuno?

- Uma noite, eram altas horas, passeava ele no terraço da muralha do solar todo embebido neste triste pensamento que o não deixava comer nem dormir. Andava cuidando onde pararia Nuno àquela hora, e pedia mentalmente a Deus que lhe inspirasse o que havia de fazer para o descobrir.

- De repente sentiu estremecer o solar como sacudido por violento terramoto, e logo ouviu estalar o estampido de um trovão sobre a terra, que ficava sobranceira ao terraço.

- Olhou.

- De pé sobre as ameias estava um cavaleiro de corporatura agigantada, vestido de armas brancas e com uma grande cruz vermelha bordada no peito do brial¹⁰⁸. À claridade da lua, que iluminava o espaço, aquela figura era transparente, aérea, nebulosa; mas o senhor de Rubiães reconheceu nela seu pai, o belicoso e irascível Vasco Pires Beirão, que havia ido à Palestina, combater pela restauração do sepulcro de Jesus Cristo.

- O fantasma tinha uma espada na mão, e com ela acenava para os lados de Abadim. Estevão Vasques fitou assombrado os olhos nele. Assim esteve muito tempo, durante o qual o fantasma acenava, gesticulava, contorcia-se, e mexia os lábios com rapidez e como que iracundo e impaciente de ele o não compreender. Mas Estevão Vasques não ouvia uma só palavra; e contudo seu pai, quando irado tinha a voz como o trovão, e o fantasma mexia os lábios de forma que mostrava falar a toda a voz.

- E Estevão Vasques sem se mexer e sem saber o que ele queria; e o fantasma a acenar cada vez com mais força e a agitar-se cada vez com mais impaciência e rapidez.

- Por fim a estrela de alva surgiu no horizonte, a luz da lua empalideceu, e os galos saudaram com seus cânticos o primeiro arrebolar¹⁰⁹ do dia. O fantasma desapareceu então como um sonho, de que se acorda estremunhado e de golpe.

- Recolhido à sua câmara, Estevão Vasques perguntou a si mesmo se era verdade o ter visto o que vira. Não o podia negar. Era deveras a alma de seu pai. Depois pôs-se a pensar nos gestos e nos acenos dele. Uma ideia terrível passou-lhe então pela cabeça.

“ – Impossível! – bradou – impossível!

¹⁰⁸ Túnica que os cavaleiros usavam sobre as armas, ou sobre o fato quando desarmados.

¹⁰⁹ De arrebol: vermelhidão da aurora.

- E como o dia já fosse de todo nado, subiu à torre, onde vira o finado e procurou vestígios ao menos de ele ter estado ali.

- Nada encontrou, e nada podia decerto encontrar.

- Cerrou-se a noite, e Estevão Vasques foi de novo esperar o fantasma no terraço. Esteve muito tempo sem que ele aparecesse. De repente o solar oscilou como na noite anterior; ouviu-se o estampido do trovão, e a figura de Vasco Pires apareceu de golpe sobre a torre. E logo os mesmos acenos, os mesmos gestos, e a mesma impaciência.

“ – Meu pai, meu pai, falai – bradou Estevão Vasques com profunda agonia – dizei-me o que significam esses meneios; dizei o que pretendéis de mim.

- A estas palavras o fantasma torceu as mãos com desespero. Depois os lábios mexiam-se-lhe com admirável velocidade, e os gestos e os acenos atropelavam-se com impaciente rapidez.

- E Estevão Vasques não o ouvia, não compreendia, ou antes recusava-se a dar àqueles gestos a interpretação que lhe apavorava o espírito.

- E o fantasma cada vez mais impaciente, cada vez com meneios de mais irritado.

- Nisto principiou a sentir-se a aragem que precede o assomar da boieira¹¹⁰. O fantasma começou a oscilar sobre a torre, e redobrou cada vez com mais impaciência a velocidade dos gestos.

“ – Deus, ó Deus – bradou então Estevão Vasques, lançando-se de joelhos e estendendo os braços suplicantes para o céu – consenti que ele fale, consenti que eu o possa entender.

- O trovão retumbou de novo no espaço, e após ele Estevão Vasques ouviu a voz de Vasco Pires de Beirão, que dizia:

“ – Amanhã, à meia-noite, pela parte de fora da barbacã do lado do nordeste. Lá serei contigo. Leva o meu brial de Jerusalém, e a espada que foi benzida pelo santo padre de Roma.

- No dia seguinte Estevão Vasques estava, altas horas da noite, no lugar aprazado, tendo sobre a cota de malha o brial que seu pai trouxera de Jerusalém e à cinta a espada que o papa lhe benzera, quando, voltando de uma peregrinação, ele passara na corte de Roma.

¹¹⁰ Estrela de alva.

- Esteve muito tempo à espera. De súbito viu aparecer do lado do nascente um cavaleiro vestido de armas brancas e com uma lança na mão, cavalgando num cavalo branco. Apesar da gigantesca corporatura do cavalo e do galope a que vinha caminhando, não se sentia nem sequer rumor de tropejar.

- O fantasma chegou num relance junto do senhor de Rubiães. Este lançou-se de bruços por terra e bradou:

“ – Senhor pai, senhor pai, abençoaí-me e dizei-me o que é feito do nosso Nuno.

“ – Segue-me e sabê-lo-ás – respondeu o fantasma.

- Estevão Vasques ergueu-se e foi após aquela sombra, que caminhava a passo adiante dele.

- Ao chegar junto da ponte do Coura o finado fez parar de golpe o cavalo, e, batendo com a lança na terra, bradou:

“ – Satanás, aqui!

- E de súbito a terra abriu-se, e dela brotou um cavalo murzelo, negro como a asa do corvo, relinchando, e parecendo deitar fogo pelos olhos; e turbilhões de fumo pelas ventas.

- Um cavalo! Cruzes! Santa Marinha, nossa advogada! – exclamou aqui Mari-Joana, empalidecendo e benzendo-se atrapalhadamente.

- Em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo – balbuciou Belchior Mendo, persignando-se, com os olhos esgazeados e ainda mais amarelo de medo que a dona da casa – Um cavalo preto, e por nome Satanás! Anjo bento! Então o diabo anda de herança na família?

- A tradição reza assim – respondeu gravemente o cura.

- Aqui a velha idiota ergueu a voz e pôs-se a cantar em tom estridente e diabólico:

Pelo fundo do alguidar,
Pela pedra da lareira,
Pelo pano da peneira,
Pela corda de enforcar;
Pela pedra do altar,
Por esta mão de menino
Que morreu por baptizar;
Pela alma do cristão,
Que morreu sem confissão

E ao inferno foi parar;
Pelo dente do enforcado,
Pelo pé do esquartejado,
Pelo negro excomungado,
Pelo sapo, e pela rã,
Pela garra do leão,
Pelo olho da toupeira
Arrancado na clareira
Lá no quarto do luar;
Do judeu pela caveira
Em que acesa tenho a luz;
Que foi de sebo, em que pus
O unto de um gato negro,
Te conjuro, satanás,
Que me digas que se faz
Nesta hora, nesta hora
No inferno, terra e céu...

Ao chegar aqui calou-se de golpe, e soltou uma gargalhada tão extensa, tão estridada e tão satânica, que fez arrepiar o cura, Belchior Mendo e Mari-Joana.

- Anjo bento! Senhora mãe, calai-vos – balbuciou esta rouca de pavor.
- Passai adiante, senhor cura – disse então com mau modo Baltazar Rodrigues.

O cura continuou assim a história:

- Como vos disse, ao toque da lança do fantasma, a terra arrevesou imediatamente de si um possante cavalo murzelo, que parecia lançar labaredas de fogo pelos olhos e turbilhões de fumo pelos narizes.

“ – Cavalga – disse então o finado a Estevão Vasques.

- O senhor de Rubiães obedeceu.

“ – Upa, Satanás! – bradou em seguida o fantasma – avante, avante, que os mortos não sofrem delongas.

- Mal ele assim disse, os dois cavalos partiram a correr como o vento em direcção ao paço de Abadim. Mas de quando em quando o murzelo pretendia ficar atrás como de acinte. Então o fantasma metia-lhe a lança na anca donde saía um fogacho como de enxofres, e bradava-lhe:

“ – Avante, avante que os mortos não sofrem delongas.

- E ele soltava um relincho pavoroso, lançava vivas chamas de fogo pelos olhos e pelas ventas, e corria com igual velocidade à do cavalo branco.

- Assim atravessavam montes, outeiros, vales e serras, com a rapidez do turbilhão, com a velocidade do relâmpago, como se voassem no meio de velocíssimo tufão. As pedras voaram chispando fogo de debaixo das patas dos dois cavalos, as urzes espirraram para o lado desfeitas em miúdos bocados, e as árvores dos bosques eram cuspidas para distância partidas em miúdas astilhas¹¹¹. Era uma carreira verdadeiramente infernal.

- Por fim chegaram diante das muralhas do solar de Abadim. O murzelo estancou.

“ – Avante, avante, para os mortos não há obstáculos – bradou o fantasma, cravando-lhe a lança na anca.

- E os dois cavalos atravessaram de um salto por cima da barbacã e da cova, e foram esbarrar na muralha, que se abriu em brecha para os lados, para lhes dar passagem a eles e aos cavaleiros, sobre os quais se fechou em seguida.

- Estavam finalmente no pátio interior do solar de Abadim. Então o fantasma bateu na terra com o conto da lança, e abriu-se logo nele um temeroso boqueirão.

“ – Satanás, ao teu cárcere – bradou a sombra de Vasco Pires.

- O murzelo recuou espavorido; mas a ponta da lança cravou-se-lhe de novo na anca luzidia, e ele arremessou-se como cego ao boqueirão, por onde desceu redemoinhando. A terra cerrou então em cima dele, lançando de si um nauseabundo e pestilento cheiro de fez¹¹².

“ – Segue-me – disse o fantasma a Estevão Vasques, que se pôs imediatamente a caminho.

- Então o morto tocou com o conto da lança na porta que da torre saía para o terreiro interior do solar, e esta abriu-se, e da mesma forma todas as outras, através das quais a sombra de Vasco Pires foi conduzindo o filho.

- Por fim chegaram a uma que só se abriu por metade. O fantasma deixou então cair para a parte de dentro a lança, que irradiou imediatamente de si uma luz igual à do dia.

“ – Entra que aqui fico aguardando por ti – disse Vasco Pires ao filho.

¹¹¹ Hastilha: pequena haste, pau.

¹¹² Sedimento de líquido; fezes.

- Estevão Vasques entrou. Era uma vasta quadra subterrânea, que recebia luz por duas estreitas fendas, abertas na rocha que servia de muro à cova. O senhor de Rubiães lançou os olhos derredor de si. A uma das paredes laterais, preso por uma curta corrente soldada a um anel que o estreitava pela cintura, via-se um homem que resfolegava nas derradeiras vascas da morte; na parede oposta estava preso pela mesma forma o cadáver de uma mulher, já coberto de vermes e exalando de si um cheiro insuportável.

- Ao ruído dos passos do senhor de Rubiães, o homem ergueu a custo a cabeça.

[“]- Estevão... Estevão, tu aqui! – bradou então em voz sufocada pela agonia da morte – Vinga-me. Os infames colheram-me à traição... Trouxeram-me para aqui com Mécia... Mataram-nos lentamente... Ei-la acolá... Vin... ga-nos!

- E caiu com a face por terra , exalando o último suspiro.

- Àquelas palavras, Estevão Vasques sentiu os cabelos erguerem-se-lhe de horror sobre a fronte. Correu para o prisioneiro, levantou-lhe a cabeça, mirou-lhe a face...

- Era Nuno Vasques.

- O senhor de Rubiães soltou um brado pavoroso, e caiu como morto sobre o cadáver do irmão.

- Quando voltou a si, achou-se deitado no seu catre, no solar de Rubiães. A sua primeira ideia foi que tudo aquilo não passara de medonho pesadelo que tivera. Mas achou-se vestido com o brial de Jerusalém sobre as armas. Deu então um salto apavorado para o meio da casa, e foi cair junto de uma espada que aí jazia no chão. Levantou-a; era a espada de Nuno Vasques. Não havia que duvidar mais. Aquilo tudo não era um pesadelo, era uma realidade, mas realidade mais medonha que o mais medonho dos pesadelos.

- Estevão Vasques encostou-se à beira do catre, abraçado à espada do seu Nuno, e assim ficou muito tempo com o olhar fito e insanamente abstracto. Por fim os lábios encresparam-se-lhe com um sorriso diabólico, e os olhos chisparam-lhe com luz de rancor verdadeiramente satânico.

- À meia-noite desse mesmo dia o paço de Abadim era tomado de assalto pelos homens de armas e vassalos do senhor de Rubiães; D. Gomes e D. Ruy eram apunhalados por ele aos pés do cadáver de Nuno Vasques, e depois o espaçoso e velho solar ardia em terrível incêndio por todos os quatro cantos.

- Assim se vingou Estevão Vasques de Rubiães.

- Mas a raça dos senhores de Abadim não se extinguiu totalmente em D. Gomes e em D. Ruy de Alarcão. D. Gomes tinha um filho bastardo que se chamava como o pai, e que andava nesse tempo por terras de França, correndo suas aventuras. Um homem de armas de Abadim, que D. Gomes, o velho, fizera sair do solar, logo que os homens de armas de Estevão Vasques se apoderaram dele, foi procurá-lo a onde ele andava, e depois de lhe contar a desgraça da sua família, disse-lhe desta maneira:

“ – D. Gomes, vosso pai, mal viu o solar tomado pelos homens de armas de Estevão Vasques, chamou-me, e disse-me assim: – “Eu conheço a fundo o lobo feroz de Rubiães. Do solar de Abadim não ficará pedra sobre pedra. Parte, procura em França meu filho, e diz-lhe que eu lhe mando que não tenha paz nem descanso entretanto que não conseguir fazer desaparecer de cima do mundo aquela raça maldita. Que se o não alcançar em sua vida, que o deixe em herança a seus filhos, para que estes o deixem a seus netos, e estes a toda a sua geração, até ao fim do mundo que seja. Diz-lhe que ao morrer, eu clamei que maldito no inferno com Judas traidor seja ele e toda a sua geração, se porventura alguém dela esquecer em qualquer tempo esta minha derradeira manda”. Tais foram as finais palavras que ouvi a vosso pai.

- D. Gomes, o moço, voltou a Portugal. Não tratou de reedificar Abadim, porque bem sabia que não tinha poder para resistir a Estevão Vasques de Rubiães. Edificou, portanto, o seu paço em Santar, de onde fez ao senhor de Rubiães todo o mal e toda a guerra que podia.

- Por fim os dois morreram, legando a seus filhos e estes aos netos e netos o ódio que mutuamente se tinham, e que se fundamentava nos sucessos que acabais de ouvir. De Estevão Vasques, descende Brás de Barbosa de Rubiães; de D. Gomes descendem os Alarcões de Santar, dos quais era filha a morta esposa do actual senhor de Rubiães. Dele também é descendente o morgado do Pilar em Ponte do Lima, o qual é pai da senhora D. Beatriz de Mello, de quem se diz...

- A víbora! – atalhou aqui voz em grita a idiota com raiva satânica – A víbora! A víbora que se quer de novo enroscar na flor, para de todo a assoberbar e destruir. Os vilões querem ver se fazem pelas mulheres o que não t[ê]m conseguido fazer pelos homens. Não será assim, não, não, não...

Não me atireis com pedras,
Que pedras é covardia;
Puxa pela tua espada,
Que eu também trago a minha.

Cessai, cessai, ó vilões,
Acabai dessa porfia,
Quero fazer testamento
Da fazenda que tenia:
A minha alma dou a Deus,
E à Virgem Santa Maria
O meu corpo tão valente
Já o dou à terra fria,
Coração à minha dama,
Formosa D. Maria.

Padre nosso pequenino, sete anjinhos vão comigo...

E ao fim desta oração soltou uma gargalhada de ironia satânica, e continuou gritando em voz estridente:

- Não será assim, não, não, não...

Ao barulho que ela fazia, Pantaleão Rodrigues de Coura, que não se achava lá muito bem acomodado no banco, em que estava sentado, abriu finalmente os olhos.

- Tal é a lenda de Rubiães, senhor capitão – perorou então o cura, dirigindo-se a ele, [por o]¹¹³ ver desperto.

¹¹³ Pelo no manuscrito.

VI

O tigre e a raposa

Eram perto das nove horas da noite quando o cura terminou a sua narrativa.

Seguiram-se a ela comentários, mais ou menos disparatados, dos circunstantes, os quais todos foram escutados com sobrecenho carregado pelo mordomo do paço de Rubiães; e pelo capitão de Coura com a indiferença semi-tonta de quem estava ainda mal desperto.

Então Mateus Manuel, que dormia, roncando como um javardo com meio corpo debruçado sobre a mesa, ergueu-o, e soltou um bocejo que semelhava o mugido de um vitelo, e, espreguiçando-se brutalmente, levantou os cotovelos a altura das orelhas, e esfregou os olhos com os enormes punhos cerrados.

Ao estampido do bocejo, Pantaleão Rodrigues deu um pulo, e despertou cabalmente.

- Potz tausend alle Henker! – exclamou, fitando no selvagem um olhar indignado.

Depois sorriu-se, e continuou em voz grave e autorizada:

- Senhores, pelos modos a noite vai alta; pelo que pede a boa razão que cada mocho vá a seu souto. Senhor cura, dou-vos as graças pela mercê que me acabais de fazer, recordando-me a lenda de Rubiães; mas eu fiador, mordblei! que não há aí mais aleivosa patranha do que essa, e sobre tal me matarei com quem ousar afirmar o contrário em desdóiro dos senhores de Rubiães, com quem me criei. Mas sobre isso basta, e dou-vos a Deus. Honrado hóspede – continuou voltando-se para Mateus Manuel, e poisando herculeamente a mão sobre o ombro do selvagem – ora fazei-me a mercê de me guiar ao repartimento, em que ides ter a glória de aposentar, esta noite, o capitão Pantaleão Fernandes¹¹⁴ de Coura, ... de Coura, mordblei! que assim quis o grande Schomberg que me apelidasse depois da batalha de Montes Claros, como já tive a honra de vos informar. Ora pois, andai.

O selvagem, ainda mal desperto, obedeceu maquinalmente, e, tomando de velador uma das candeias de ferro que estavam apagadas, acendeu-a, e, com ela na mão, pôs-se a caminho, desaparecendo em breve com Pantaleão Rodrigues atrás de si pela porta que da cozinha levava para o interior do paço.

¹¹⁴ Em vez de Rodrigues. O autor tinha escrito várias vezes Fernandes, riscando depois este sobrenome e substituindo-o por Rodrigues.

Ao vê-los sumirem-se no vasto corredor, a caseira despertou o filho, e ergueu-se. Baltazar Rodrigues e Belchior Mendes¹¹⁵ trocaram então um olhar de inteligência, e permaneceram sentados. Ela fitou-os um instante, e, reconhecendo que estavam resolvidos a permanecer mais tempo à mesa, foi, sem dizer palavra, encher de vinho as quatro infusas que se erguiam sobre ela, e, em seguida, dirigiu-se para a preguiceira, onde a idiota estava sentada.

Esta, entretanto que o cura contara a lenda de Rubiães, estivera aprumada e atenta; mas apenas ele a findou e saiu, deixou-se pouco e pouco descair com a cabeça a poifar nos joelhos, e assim ficou enovelada e, ao parecer, a dormir profundamente.

A filha aproximou-se dela, curvou-se, e aplicou o ouvido.

- Dorme – disse por fim fitando o mordomo e o procurador de Rubiães.

Aquilo queria dizer que a velha, quando adormecia à lareira, se a acordavam para a levar para o quarto onde dormia, fazia tal barulho e infernava toda a noite a família de forma, que o genro e a filha tinham resolvido, definitivamente e para todo o sempre, não a acordar mais, e deixá-la até que ela acordasse naturalmente, e de moto próprio se recolhesse ao seu aposento.

Fiel a esta resolução, a caseira deixou a mãe, feita um novelo, junto do fogo, e dirigiu-se ao filho que tomou pela mão.

- Deus lhes dê boas noites, senhores – disse então, fazendo uma mesura.

E saiu, arrastando consigo o pequeno selvagem, que caminhava de ruim vontade e a grunhir estremunhado.

Belchior Mendo e Baltazar Rodrigues ficaram sós.

Momentos depois, o primeiro deixou o lugar onde estava, e veio sentar-se junto ao companheiro, em frente da lareira. Este, que estava de costas para ela, voltou-se, e os dois ficaram por alguns minutos, silenciosos e encostados à mesa, com os olhos tenazmente fitados na velha idiota.

- Dorme? – disse por fim a meia voz Baltazar Rodrigues.

Belchior, por única resposta encolheu os ombros, e dirigiu-se pé ante pé para a velha, sobre a qual se curvou, escutando atentamente. Minutos depois, voltou da mesma forma e disse, sentando-se junto ao companheiro:

- Parece que sim.

¹¹⁵ O mesmo lapso verificado na nota anterior. O apelido é Mendo.

Passaram-se mais alguns segundos, durante os quais os dois permaneceram silenciosos e sem desfitar a idiota.

Baltazar Rodrigues ergueu-se.

- O diabo é tendeiro – disse então – e a velha é mais sonsa que tola.

E dizendo, dirigiu-se a ela, e pôs-se a escutá-la.

- Dorme que nem pedra em poço – disse por fim, voltando para junto do companheiro.

E os dois ficaram outra vez silenciosos, ao lado um do outro e com os olhos fitos na fogueira. Via-se que nenhum deles desejava ser o primeiro a falar.

- E então? – disse finalmente Baltazar Rodrigues.

- Então? Nada feito – respondeu o Mendo com cara de descorçoado e fazendo ao mesmo tempo saltar de debaixo da barba o dedo polegar da mão direita.

- Nada feito! – exclamou Baltazar Rodrigues, arredando-se um pouco de golpe de junto do companheiro e fitando-o com olhar carregado.

- É como vos digo – replicou ele com velhaca sinceridade.

- Então o doutor Bragança...

- Por esse lado bem estamos. Diz o doutor que o casamento se pode provar, ou sendo jurado pelo clérigo que administrou o sacramento, ou, no caso de ele ter morrido até só pelas testemunhas que o presenciaram. Ora bem sabeis que fr. Paulo, que os casou, morreu; e melhor foi assim, se é verdade o que se diz de tê-lo o fidalgo obrigado a dar-lhe o sacramento com pena de morte, se o não fizesse. (Em) quanto às testemunhas, dessas a única que existe, segundo dizeis, sois vós, e uma só não vale.

- E depois?

- Depois ... Depois ... Neste caso os filhos ficarão para sempre tidos por bastardos, a menos que o fidalgo os não queira legitimar por carta régia.

- Mas vós bem sabeis, amigo Belchior, que o fidalgo não quer que os filhos dele passem por ter sido um só momento ilegítimos, como deveras o não foram, pois que nasceram depois do casamento oculto dele com a snr^a. D. Beatriz de Mello.

- E então? Que lhe havemos de fazer? – replicou Belchior Mendo, sopesando-se sobre os braços com as mãos espalmadas sobre os joelhos, e fitando no companheiro, com a cabeça revirada para o ombro, um olhar de ingênuo desapontamento.

Baltazar Rodrigues deu de chofre um salto para trás, fez-se negro de cólera, e fitou Mendo com um olhar encarrancado, levando maquinalmente a mão à coronha de uma das pistolas que tinha no cinto.

- Que lhe havemos de fazer! – disse pausadamente e em voz severa, não desfitando os olhos incendiados de cima dos olhos do procurador. – Que lhe havemos de fazer! Estais a zombar de mim, Belchior Mendo?

Este, sem se desmanchar um ponto, iluminou de repente o rosto com a mais perfeita expressão de pasmo inocente, e exclamou:

- Eu... zombar de vós! Ó Santa Maria! meimigo. Pois não me dissestes vós que o fidalgo me ordenara que fosse ter com o doutor Braganção, e que o consultasse acerca do modo de provar os casamentos clandestinos?

- E bem?

- E então será zombar de vós dizer-vos que ele me respondeu...

- Por S. Barrabás, Belchior Mendo – exclamou de golpe e em tom irritado Baltazar Rodrigues – ou vós zombais de mim ou então estais de todo fora de vosso siso natural. Pois não vos disse eu também que fr. Paulo da Conceição era morto, e que das testemunhas a única que existia era eu? Pois não vos disse que, se não se pudesse passar sem o frade e demais testemunhas, vós, custasse o dinheiro que custasse, arranjasses para aí um clérigo de ordens sacras e três ou quatro bargantes que comigo possam jurar que o snr. Brás de Barbosa de Rubiães casou com a snr^a. D. Beatriz de Mello, às duas horas da noite de 20 de Janeiro de 1663, na capela da casa dos Mellos, na Correlhã?

Ao ouvir estas palavras, Belchior Mendo soltou uma risadinha irónica, e volveu em seguida:

- Ah! nisso vos afincais, meimigo? Pois olhai que nem de tal me fazia cargo neste momento. Isso é mais custoso de alcançar do que pensais, Baltazar Rodrigues.

- Custoso! Ora sempre vos digo que sois varão de prol, Belchior Mendo. Benza-vos Deus! Com dinheiro tudo se alcança, homem.

- Nem tudo, nem tudo, amigo Baltazar. Ora ouvide. Em primeiro lugar deveis saber que padre que caísse em dizer em juízo que tinha casado dois indivíduos, clandestinamente e sem dispensa e licença do arcebispo, incorria em graves penas, e era, pelo menos, suspenso e metido em processo pelo actual governador do arcebispado, que, aqui para nós, não é varão para desportos nem graças.

- Paga-se tudo – respondeu com sobrecenho carregado Baltazar Rodrigues.

- Em segundo lugar – continuou imperturbavelmente o Mendo – eu por mim vos sei dizer que não conheço clérigo ou frade, a quem ousarei cometer que fosse jurar falso por suas ordens, que depois se lhe pagava a peso de dobrões o juramento.

- Ui! – exclamou aqui o Rodrigues com ironia galhofeira – tão virtuosos se fizeram os sotainas nestes últimos anos para cá?

- Pois olhai que dei tratos ao miolo para descobrir um – volveu o Mendo, abanando com gravidade a cabeça – e nisso também falei a alguns amigos. Todos me disseram o mesmo. De forma que estou em dizer-vos que nem em Ponte, nem em muitas léguas derredor, e pode ser que nem em todo o arcebispado, achareis um que vo-lo faça...

- Bah! – exclamou Baltazar Rodrigues ironicamente e lançando sobre o Mendo um olhar enviezado.

- Duvidais? – replicou este, fitando em cheio o companheiro – Mas então por que não arranjastes um para casar o fidalgo, e vos foi preciso, segundo se diz, agarrar fr. Paulo da Conceição, levá-lo à força à Correlhã, e obrigá-lo com pena de morte a fazer o casamento?

- Isso é mentira – exclamou com voz rude Baltazar Rodrigues – Mas não falemos mais em padres. São todos uns santos, pelo que dizeis. Mas as testemunhas?

Belchior Mendo baloiçou um pouco o corpo sobre as mãos fincadas nos joelhos, fez estalar a língua dentro da boca, e respondeu em seguida:

- Agora vo-lo direi. Acerca disso mais fácil se tornava o caso. Conheço aí muito bargante aleivoso que por meio quartilho de vinho iria jurar que presenciou o casamento do fidalgo. Mas, tirante mesmo a indignidade de dar tais testemunhas a tal casamento, dizei-me vós: em primeiro lugar quereis que vá confiar tal segredo a qualquer vilão manganaz, que irá depois contar na taverna que lhe deram tantos e quantos para jurar que viu casar o fidalgo de Rubiães com a snr^a. D. Beatriz de Mello?

- Mas, pelo inferno! – exclamou Baltazar cada vez mais impaciente – pois não tendes aí dois amigos, homens de prol mas pobres e necessitados de haveres, que pagando-se-lhes o trabalho, se prestem a dizer que presenciaram, embora não presenciassem, um facto que realmente existiu, isto com o fim de fazerem uma causa tão santa e justa como é concorrerem para uma legitimação?

- Ora aí é que bate o ponto, amigo Baltazar – replicou Belchior Mendo – aí é onde bate o ponto. Não só um ou dois, mas dez ou doze amigos acharia eu desses que dizeis; e até aqui estou eu que me incluiria no número, porque santo e justo cuido ser o motivo que me faria jurar que vi o que não vi, e por ele de certo não perderia a minha alma. Arredo vá! Mas andai cá, homem de Deus. Que quereis vós que eu e eles vamos jurar? Que lhes havia eu de responder quando eles me perguntassem como foi o caso do

casamento, como é que a snr^a. D. Beatriz, da casa do Pilar, se afeiçoou ao snr. Braz de Barbosa, da casa de Rubiães, e mais daqui e mais dali, tal et caetera, e mais outras como as que de certo me hão-de perguntar?

- Mas...

- Qual mas nem meio mas, homem? Aqui não há más nem boas. Vós não podeis desconhecer que eles me hão-de fazer estas e outras perguntas que tais. E depois, que lhes hei-de eu responder? Como quereis vós que eles me acreditem, se eu, que sou procurador e até filho de procuradores da casa de Rubiães, nada mais sei do que o que se diz por aí, isto é que o snr. Braz de Barbosa casou às ocultas com a snr^a D. Beatriz, que vós agarrastes à força fr. Paulo da Conceição, e que depois o obrigaram, com pena de morte, a fazer o casamento? Ora dizei, quereis também que lhes confirme a atoarda, que voga por [a]í na língua da plebe, de que as testemunhas... sim, de que as testemunhas, excepto vós, todos desapareceram... sabe Deus como?

- A estas palavras Baltazar Rodrigues fez-se negro de raiva, e os olhos cintilaram-lhe com ira verdadeiramente satânica.

- Vós mentis, vós mentis, dom manganaz aleivoso – exclamou em voz cavernosa e aferrando Belchior pelo pescoço.

- Oh! homem de Deus – rouquejou este meio abafado – não sou eu que... o digo... é a plebe... Mas, por nossa Senhora, largai-me que me esganais...

Baltazar Rodrigues ainda assim o conservou alguns segundos, fitando-o com raiva diabólica. Parecia lutar ferozmente entre a vontade de o esganar e a necessidade que de ele havia para o caso, que lhe fora confiado. Por fim, arrojou-o de si contra o banco, e pôs-se a passear agitado convulsivamente diante dele. Belchior ergueu-se, compôs-se, limpou-se, sentou-se, e pôs-se depois a olhar com todo o sossego para o mordomo do senhor de Rubiães.

Neste entretanto a idiota revirou um pouco a cabeça para o lado onde eles estavam, mas os dois não deram por isso.

- Belchior Mendo – disse por fim Baltazar, ainda convulso de cólera – vós sois um vilão aleivoso que merecéis a morte. No que falais vê-se que há um propósito que tendes oculto. Dizei, que pretendéis do fidalgo?

- Ó homem de Deus! – exclamou o velhaco ingenuamente e com a melhor cara de lorpas, que é possível imaginar – Ensandeceste, amigo Baltazar. Que pretendo do fidalgo? Não pretendo coisa alguma; não pretendo senão ser o que sou, seu procurador em Ponte. Isto e nada mais.

- Mas então, pelo inferno!... não vos entendo. Vós sabeis quanto basta...

- Ó Cristo crucificado! Que sei, homem, que sei? Pois vós, ou o fidalgo, dissetes-me jamais coisa alguma? E contudo bem o podia ele fazer, porque sou seu criado desde tamanino, e filho e neto de criados, que sempre serviram lealmente a casa de Rubiães. Vós bem sabeis que não sei coisa alguma.

A estas palavras, Baltazar Rodrigues parou diante dele, e pôs-se a passar a comprida pêra pela mão direita, fitando-o com um olhar abstracto. Afigurou-se-lhe de súbito que todas aquelas tramóias não passavam de simples pirraças da curiosidade desapontada durante longos anos. Não o podia, contudo, acreditar. Aquele génio duro e habituado a mandar todos e a não obedecer senão ao snr. de Rubiães não podia crer que houvesse aí homem capaz de tamanha efeminação. Pelo visto, Baltazar Rodrigues era pouco observador. Como minhoto que era, devia saber que o minhoto das aldeias é essencialmente curioso, e que quanto mais lorpa mais curioso e capaz de sacrifícios para satisfazer a curiosidade. Eu conheço uma aldeia do Minho, aí junto do Cávado, onde a inteligência dos homens orça pela inteligência dos porcos. Pois espicaçai-lhes a curiosidade, e tê-los-eis de repente transformados em perspicacíssimos Picos de Mirandola, em subtilíssimos Machiavelis. No Minho a curiosidade faz prodígios. Estou em dizer que é capaz de pôr de pé até os finados.

Baltazar Rodrigues esteve assim a puxar pela pêra e a fitar abstracto o procurador durante alguns minutos. Por fim, não achando melhor razão do que a curiosidade desapontada, para explicar todas aquelas velhacas perrarias de Mendo, sentou-se, encostou-se à mesa, enlaçou as mãos uma na outra, e disse placidamente:

- Bem pois, que precisais de saber?

Os olhos de Belchior Mendo brilharam de satisfação. Não havia que duvidar. Triunfava. Via-se agora a olho [nú] que o único fim do meliante era satisfazer a curiosidade e vingar-se de o terem deixado andar tanto tempo torturado por ela.

Ao ouvir as palavras do mordomo, voltou-se de golpe e todo sorrisos para ele, e disse-lhe com ar prazenteiro e agora de todo o ponto aberto e franco.

- Em primeiro lugar, Baltazar Rodrigues,... sim, porque vós bem sabeis que é natural... sim, que me perguntem aquilo que menos se pode entender. Ora aí toda a gente sabe muito bem que os fidalgos de Rubiães e os fidalgos do Pilar nunca se puderam ver. Sendo assim como se hão-de entender estes amores? Como principiaram eles? Sobretudo depois da morte da snr^a D. Maria de Alarcão... Valha-nos Deus! Mas como principiaram estes amores, Baltazar Rodrigues?

- Ora! – replicou o mordomo, encolhendo os ombros – forte admiração! Principiaram como principiam todos. Viram-se os dois e gostaram um do outro...

- Mas, homem, aí é que bate o ponto. Uma dama do Pilar a gostar, por mera vista, de um fidalgo de Rubiães!...

- É que houve aí grande caso de permeio, amigo Belchior. Não foi sem grave risco de vida que o fidalgo alcançou, como que de repelão, ao amor da snr^a. D. Beatriz.

- Com que o caso do javali sempre é verdade?

- Verdade e mais que verdade[!] – exclamou Baltazar Rodrigues, animando-se de súbito com todo o entusiasmo, de que se possuíam os antigos mordomos das casas do Minho, quando achavam ensejo favorável para relatar qualquer facto, que engrandecia e nobilitava os amos – verdade e mais que verdade; e, à fé, que em todas essas terras do Minho nunca aí houve, nem haverá jamais feito de maior valentia e mais cavalheiresco do que este. Eu vo-lo conto. Imaginai que o fidalgo recebeu um dia da Escócia uma parelha de galgos de raça finíssima, que por mimo lhe foram mandados por um conde daquelas paragens, que ele conheceu quando por lá andámos em nossas peregrinações. Ora, meimigo, recebê-los e desejar experimentar o que eles sabiam, foi tudo um; mas, como o fidalgo não queria que lhe chanceasse¹¹⁶ de mimo, se porventura ele(s) desdissesse da grande forma, que trouxera consigo [sic], determinou ir experimentá-los a Labrufe, e aí lançá-los na planura, em que se achata o topo da serra. Partimos, eu e ele com mais dois, aforrados e com os galgos à trela, deixando Belzebu preso no paço, porque bem sabeis que o maldito era capaz de desentranhar os dois animais, se o fidalgo se lhes mostrasse afeiçoadão.

- Lá isso assim é – atalhou aqui Belchior Mendo – Aquele alma de Judas não respeita nem mesmo os cristãos. Nunca vou ao paço, que, por causa dele, não leve o credo na boca. Mau inferno lhe dê Deus para alma, amen.

- Quando chegámos à rechã da serra – continuou Baltazar – achamos o alarido de muita gente que nela se desportava em montaria. Soubemos então que os fidalgos de Ponte tinham vindo aí com suas famílias a divertir-se alguns dias, monteando os javalis e os lobos. Não arrepiámos caminho por isso, e fomos avante com nosso destino. Na planura lançámos os galgos, que saíram deveras peças de primor. Depois tratámos de procurar sítio azado para jantarmos da matalotagem, que levávamos numa mula, que um dos serventes conduzia de rédea. Não nos foi difícil achá-lo no mais fechado de um

¹¹⁶ Chancear: troçar, zombar.

souto de carvalhos, que se estendia, adelgaçando-se, por um razoável plano que a serra fazia naquele lugar. O fidalgo mandou fazer alto ali, e desenfardelar. Estávamos nisso, quando sentimos grande chilido¹¹⁷ de risos e falar de mulheres todas à uma, que se dirigiam para o souto. Em breve entraram nele. Era uma grande companhia de damas, com alguns velhos e crianças, que logo se mostraram satisfeitos com o sítio, e nele se derramaram aqui e ali aos magotes, principiando logo alguns criados a tirar de cestos que traziam às cabeças, toalhas e mais aprestos, que indicavam que ali se havia de dispor o jantar. Nós, cá no mais cerrado do souto, não podíamos ser vistos; e o fidalgo ordenou que não se fizesse o menor ruído, que desse a conhecer que estávamos ali. Depois aproximou-se, e por trás de uma moita, pôs-se a vigiar o que era. Não tardou a conhecer a gente do rancho. Eram alguns dos fidalgos velhos de Ponte do Lima com suas mulheres e filhas, acompanhadas de suas aias. Entre eles estava o velho fidalgo do Pilar. Havia(m) deveras ali rostos formosíssimos, e ainda mais formosos agora, pela graça que lhe dava aquela liberdade da serra, a qual lhes tirava todo o contrafeito das salas do povoado. Entre elas havia uma que realçava sobre todas. Já podeis adivinhar quem era. O fidalgo apontou-ma, e deveras era um sol entre todas as demais. Parecia mesmo uma rainha! Não havia aí mais garbo, mais majestade nem mais formosura de rosto e de corpo. O fidalgo ficou-se para ali a olhar por trás da moita todo embebido nela, e eu não olhava menos admirado por detrás dele. Assim estivemos um quanto tempo. Nisto do meio do vozear da montaria, que se fora acercando da colina onde estávamos, saíram de súbito sons de cornetas e brados estrondosos, que anunciamavam que se havia desentocado uma fera. Por entre os brados, ouviam-se tiros de mosquete e silvos e gritos a chamar e a incitar os cães. Nem nós, nem os do rancho fizemos caso disso, porque não mentávamos que a fera cuidasse em safar-se por ali. Estávamos no alto da colina, e o rápido pendor que ela fazia do lado de onde soava a matinada, era defendido por um alto valado de terra e madeiros que as chuvas durante anos, haviam conduzido e aglomerado ali. Continuávamos nós pois, o fidalgo em sua contemplação e a companhia das damas em seus risos e desportos, eis senão quando, vê-se saltar por cima do valado um javali enorme, com os beiços arregaçados e os compridos e afiados colmilhos à vista, que estonteado pela perseguição, se lançou cegamente para o souto, assoprando furacões pelas ventas. Vede vós o que aconteceria! As damas levantaram altos gritos, e puseram-se a correr desatinadas e em confusão para aqui e para ali.

¹¹⁷ Chilreio agudo de pássaros novos.

Algumas rasgaram os vestidos nos esgalhos das árvores, outras caíam nas raízes escondidas debaixo da relva, e erguiam-se com as mãos e os rostos ensanguentados. Era tudo aquilo uma confusão de gritos e brados de pavor. E o javali avançava a todo o correr para o meio delas, cada vez mais irritado por aquele estropido, e fazendo em astilhas os renovos e as árvores pequenas, por entre as quais atravessava para o souto. Ao ver aquela desgraça soltei um grito, e senti eriçarem-se os cabelos na cabeça. Levei a mão à coronha de uma das pistolas que tinha no cinto. Tudo isso foi obra de um segundo. Mas vede vós, mais ligeiro do que tudo isso, o fidalgo saltou como um galgo por cima da moita, e eu, com os olhos esgazeados, os cabelos eriçados pelo terror, pregado por ele ao sítio, vi-o... vi-o...

- Santa Maria! – balbuciou Belchior Mendo, pálido como um cadáver.

- Vi-o correr direito ao javali, de faca de mato em punho, os cabelos a flutuarem-lhe na cabeça, os pêlos do bigode eriçados como cerdas, os olhos luzentes como carvões acesos, os lábios contraídos, as ventas dilatadas... vi-o assim correr ao javali, e lançar-se diante dele de um pulo. Era tempo. Uma das damas, ao correr, prendeu o vestido num esgalho de um carvalho, e caíra presa a ele sem se poder desenvencilhar. O javali estava a dez passos dela quando o fidalgo se lhe atravessou na frente. Aovê-lo, a fera soltou um grunhido pavoroso e arrojou-se de um salto, com os colmillos feitos, a ele. O fidalgo esquivou-lhe o golpe, dando um pulo para o lado. Ajoelhou num relance, e no mesmo relance cravou-lhe a faca no meio da barriga, e rompeu-lha com ela até o peito. O javali soltou então um bramido temeroso, e, na força do impulso que trazia, foi rojar agonizante aos pés da dama meio derribada, que com os olhos espantados e aferradas convulsivamente as mãos ao tronco da árvore, presenciava aquela cena, em que se lhe decidia a vida.

- Bravo! bravo! – bradou Belchior Mendo, batendo as palmas, como se acabasse de se ver livre daquele perigo.

O mordomo permaneceu alguns momentos calado, de pé, altivamente aprumado, e com os olhos brilhantes de orgulho e de entusiasmo.

Em seguida irrompeu assim:

- Depois... depois Brás de Barbosa passou os dedos por entre os seus bastos cabelos pretos, arrojou de si a faca ensanguentada, e correu a desprender e a animar a pobre senhora que tamanho perigo correra de vida. Ora cuidai agora quem ela era. Era a mais bela daquele rancho, era numa palavra a senhora D. Beatriz de Mello.

- Por isso ele se foi assim lançar nos colmillos da fera. Ah! manganaz – exclamou aqui Belchior Mendo, todo sorrisos e satisfação – E depois? E depois?

- Às palavras do fidalgo, a dama voltou a si daquele terror. Depois os dois ficaram como que acanhados a olhar um para o outro. Eu, vendo o javali morto, pus-me a tanger a minha corneta de caça, e em seguida gritei às outras que não fugissem, que a fera já estava sem vida. Daí a pouco estava tudo derredor dos dois. Então a dama tomou com dignidade... (Mas que dignidade! Por Cristo! Parecia mesmo uma rainha) ... o snr. Brás de Barbosa pela mão, e disse para toda a companhia:

“- Senhores, a este cavalheiro devo a vida, e da heroicidade, a que a devo, é prova a maneira por que aquele javali se vê morto. Senhor, – continuou, voltando-se para ele – completai a mercê que me acabais de fazer: dizei-me o vosso nome.

- Então da turba daqueles fugidiços saiu um velho, o qual se adiantou para o fidalgo e para a snr^a D. Beatriz. Era o fidalgo do Pilar – o fidalgo do Pilar que diante do javali cuidara mais de si que da filha, procurando a salvação da vida na velocidade das já emperradas pernas.

- Tomando a snr^a D. Beatriz pela mão, desviou-a do fidalgo, e disse-lhe depois em voz alta, de modo que todos bem ouviram:

“- Filha, o cavaleiro, que te acaba de salvar a vida, é muito nobre, muito poderoso, e muito... muito conhecido em todo o território do Minho. Como acabas de chegar do convento de Sta. Clara do Porto, onde te meti de tamanina, não admira que o não conheças. Este cavalheiro é o snr. Brás de Barbosa, senhor do paço de Rubiães.

- Ao ouvir estas palavras, D. Beatriz deu como que a medo um passo para trás, pôs os olhos no chão, e fez-se pálida como se estivera para morrer.

- Então o fidalgo do Pilar dirigiu-se ao snr. Brás de Barbosa, e disse-lhe cortesmente:

“- É pena, senhor, que o acaso vos obrigasse a praticar um tão heróico feito de valentia a favor de uma família, cujo sangue referve quando se sente junto do vosso. Disso porém, só o acaso é culpado; e eu, apesar de tudo, não posso deixar de lhe agradecer a salvação da vida da minha Beatriz.

- Assim dizendo, arredou-se dois passos para trás, e cortejou. O fidalgo não respondeu palavra. Abaixou ao de leve e orgulhosamente a cabeça, e pôs-se a caminho em direcção à moita, atravessando por entre amos e criados a passos lentos e com provocadora altivez.

- Ao passar por junto de D. Beatriz abaixou-lhe cortesmente a cabeça. Então os olhos dela fitaram-se ardenteamente nos dele, e nos lábios assomou-lhe um sorriso... oh! que sorriso! um sorriso como só os anjos sabem sorrir. Brás de Barbosa estacou um momento. Eu vi-lhe levar maquinalmente a mão ao coração. Sorriu-se também, mas no sorriso dele havia tristeza. E foi avante. Quando chegou à parte do souto, onde nos aguardava a nossa companhia, estava alheado e melancólico, como eu jamais o tinha visto até ali.

- E depois? E depois? – exclamou abafando em ansiosa curiosidade o Mendo.

- Isto foi pelos princípios de Junho do ano de 62 – continuou Baltazar Rodrigues, arrastado agora mais pelo interesse que a narração lhe causava, de que pela necessidade de satisfazer a exigente curiosidade do procurador. – Pelos fins desse mesmo mês, um dia pela tarde, chegou ao solar um correio, que perguntou por mim, e me entregou uma caixa de ébano marchetada, dizendo-me que a fosse entregar imediatamente ao fidalgo, que ele ficava ali à porta aguardando a resposta.

- Encaminhei-me logo à livraria do paço, onde naquela ocasião se achava nosso amo. Aberta a caixa por ele, encontrou-se dentro uma riquíssima banda de seda verde, ao uso antigo, na qual dentro de uma cercadura de madressilvas, se liam as seguintes palavras, tudo bordado a fio de oiro:

AO SEU VALEROSEN SALVADOR

B.

- Ao ver aquela banda, o fidalgo deu um passo para trás, e levou ambas as mãos com força ao peito, e ficou-se alguns minutos a olhar para ela, como que de todo transportado de si. Depois disse-me:

“- Baltazar, vai buscar o homem que trouxe esta caixa, e trá-lo contigo aqui.

- Fui, mas, segundo me disseram os criados, o correio, mal eu voltara costas, partira também apressadamente e sem dar mais razão de si.

- Toda essa noite passou-a o fidalgo a passear agitadamente de um lado para outro no seu aposento. Como este fica por cima do meu, também eu não pude pregar olho; e, alta noite, vendo que aquele passeio agitado não terminava, subi pé ante pé, e pus-me a espreitar pela fechadura da porta. O snr. Brás de Barbosa passeava sempre de um lado para outro, agitadamente e como que falando consigo. De tudo o que ele dizia, só pude perceber a espaços – desdito de mim! Desdito de mim! – porque nestes dizeres levantava a voz e fazia-se ouvir.

- Abalaram-me até o fundo da alma aquelas palavras. Por muito tempo andei cismando nelas, sem ousar perguntar-lhe o que queriam dizer. Um dia, porém, que o achei mais desmelancolizado, afoitei-me com esta minha liberdade de colação, e perguntei-lhe por que naquela ocasião se chamava tão tristemente desdito.

“- Pois não vês, Baltazar, a pertinácia com que a sorte se afinca em prender-me o coração sempre no meio de inimigos mortais da minha raça?

- Ele disse-me isto em voz tão triste e melancólica, que eu fitei-o duvidoso de que fosse aquele o homem imperioso e indomável, que toda a gente receia. Vi-o ficar como que alheado e fora de si, de forma que para o consolar, disse-lhe estas palavras:

“- Senhor, não temais. Quererá Deus que tal porfia desfeche em mudar em amizade duradoira o ódio de tantos anos.

“- Miserável! – replicou ele, erguendo-se de golpe – Não te lembras de D. Maria de Alarcão? Sai.

- E dizendo, apontou-me para a porta, com o rosto iluminado por aquela terrível expressão de ferocidade, que faz estremecer ainda os mais audazes, que dele em tais ocasiões se aproximam.

- Então sempre foi certa a morte da fidalga de Alarcão? – interrompeu aqui o procurador com os olhos a reluzirem da quase ferocidade da curiosidade levada ao extremo.

A fronte do mordomo enrugou-se carrancuda e os olhos luziram-lhe irritados.

- E que tendes vós com isso? – disse ele em voz carregada e levando maquinalmente a mão à coronha de uma das pistolas – também o precisais saber? Ora mentai que há curiosidades que se pagam com a vida, e não façais perguntas ociosas e tolas.

- Mas, homem, é que...

- É que vós sois um bargante desavergonhado, que merecéis grande castigo por vossa tunanteria e desavergonhamento. Quereis saber? No paço dizem uns que o fidalgo a matou, outros que a soterrou viva nos subterrâneos da torre. Acredai o que quiserdes, e se mais quereis saber, perguntai-o àquela velha desassisada que jaz ali dormindo. Mas repito-vos: há curiosidades que se pagam com a vida. Mentai isto que vos digo.

A estas palavras Belchior Mendoolveu com ânsia os olhos para a velha, e pôs-se a olhar para ela, coçando desapontado na cabeça. Lia-se-lhe nos olhos a luta que dentro dele o medo e a curiosidade haviam travado. Por fim um relancear de olhos para a pistola, sobre a coronha da qual Baltazar tinha a mão, deu a vitória a esta.

- Mas então... o casamento com a snr^a. D. Beatriz? – disse depois de alguns segundos de silêncio.

- Ah! é verdade – volveu o mordomo com má cara – precisais de sabê-lo. Ora ouvide. Na tarde desse mesmo dia, em que enviaram a banda ao fidalgo, mandou ele aparelhar vinte dos seus encavalgados, e com eles partimos para Ponte do Lima. Nessa mesma noite o snr. Brás de Barbosa ouvia da boca da snr^a. D. Beatriz a confissão de que era amado por ela, e ele jurava-lhe que jamais pertenceria a outra...

- Então mandou pedi-la em casamento? – acudiu aqui impertinentemente o Mendo.

- Alarve! – balbuciou por entre os dentes Baltazar Rodrigues, cobrindo o procurador com um sorriso de desprezo. Depois continuou dizendo em voz alta – Mandou, mandou, mas foi no dia seguinte que mandou pedi-la em casamento. Foi o snr. António Pereira Rego, que foi em nome dele pedi-la ao fidalgo do Pilar.

- E ele?... E ele? – exclamou o Mendo.

- Calai-vos, por satanás! Não me estejais sempre a interromper – bradou o mordomo em tal voz que o Mendo encolheu os ombros como se ouvisse estoirar o trovão sobre a cabeça – Vós sois um grande marinelo com pouco freio na língua. Queira Deus que por causa desse vosso defeito não chegue dia em que de todo vo-la enfreiem para sempre. Ouvide sem me interromper.

E depois de alguns minutos de silêncio continuou:

- O fidalgo do Pilar, ao ouvir o pedido que lhe mandou fazer o senhor de Rubiães, ficou pasmado. Depois, sem dar palavra, foi chamar a filha, e repetiu-lhe, diante do snr António Pereira, as palavras que ele lhe havia dito. Mas qual não foi a sua admiração ao ouvir a snr^a. D. Beatriz dizer que o pedido do snr. Brás de Barbosa era feito com o consentimento dela! Diz o snr. António Pereira que nunca viu cara mais feia

nem mais diabólica do que a dele naquele momento. Recuou dois passos atrás, e depois disse em voz terrível e em tom de zombaria:

“ – Ah! sim. Com que uma dama da casa do Pilar atreve-se a estender a mão de esposa ao inimigo mortal da sua família, ao assassino de sua prima a snr^a. D. Maria de Alarcão! Case, senhora, case, faça como for da sua vontade; mas saiba que desde o momento em que tomar definitivamente essa resolução, sairá para sempre as portas desta casa para fora, e sairá com a convicção de que leva atrás de si a maldição de seu pai. Vá, pois, vá; vá ser barregã de Brás de Barbosa, que seu pai jamais consentirá em tal casamento, e portanto jamais a considerará senão como tal.

- Deveis saber que a snr^a. D. Beatriz é dama de muita altivez e de muito valor, incapaz de ter medo, e de se vergar à força quando pela força ou pelo medo a querem levar. Assim ficou impassível e sem mudar de semblante. Abaixou porém os olhos para o chão, e recolheu-se sossegadamente ao seu aposento.

- O snr. António Pereira veio, bufando de cólera, contar o acontecido ao fidalgo. Podeis imaginar como este ficou, ouvindo-o. Nessa mesma noite, o snr. Brás de Barbosa foi pedir licença à snr^a. D. Beatriz para a roubar do paço à força.

- A snr^a. D. Beatriz conteve-lhe, porém, a grande cólera que o abafava, e disse-lhe:

“- Não, Brás de Barbosa, não seja assim. É tradição na casa de Pilar que as donzelas da nossa família, se entram na casa dos maridos pela porta do amor, antes de terem com eles passado pela da igreja, são infelizes e v[ê]m por eles a ser por fim desprezadas. Eu não sei nem quero saber o que aconteceu à prima Maria de Alarcão; o que sei é que vos amo muito para de todo poder cerrar os ouvidos à tradição da minha família. Se eu saísse para vossa casa, sem ser vossa esposa e seguida das maldições de meu pai, afigura-se-me que morreria em poucos dias louca de pensar e repensar nelas. Aguardai, por meu amor, mais alguns meses. Eu farei tudo quanto puder por aplacar o ódio que meu pai tem à vossa família, e vós tende para com os membros da casa do Pilar todas as atenções que a vossa dignidade consentir que tenhais.

- Que havia de fazer o fidalgo? Esperou.

- Oito dias depois, a 12 de Julho, D. Baltazar de Rojas Pantoja entrou, como sabeis, em Portugal à frente de um exército castelhano de dezoito mil homens e dezassete bocas de fogo, com o qual tomou o castelo do Lindoso, e chegou até à Portela do Vez, ameaçando Ponte do Lima e a cidade de Braga. O snr. Brás de Barbosa, como capitão-mor de Coura, reuniu imediatamente toda a ordenança e com ela e com cem

homens armados e encavalgados à sua custa, foi reunir-se ao exército com que o conde do Prado saiu ao encontro dos castelhanos. Perdoe-me Deus, mas ainda hoje estou persuadido de que ele intentou deixar-se matar naquela campanha. Naquela ocasião, quando me lembrava das palavras que lhe ouvi – desditoso de mim! desditoso de mim! e via as temeridades, com que ele espantava todo o exército, acreditava-o sem contradição. Tais foram elas que todos estavam persuadidos da crença popular que lhe atribui pacto com o diabo; e até estou convencido que o próprio conde do Prado chegou a acreditar que o Satanás de Coura era deveras satanás. É que sair são e salvo das temeridades, em que se metia, era deveras para fazer espantar.

- Quando os castelhanos tentaram desalojar-nos do monte da Labruja, que o conde do Prado havia ocupado para lhes impedir que eles se postassem no cerro do Bico, o que pretendiam fazer para bater o nosso quartel de Grijó, a que o cerro fica a cavaleiro, fez ele uma que por muitos tempos deu que falar a todo o exército. O combate durou três dias, sendo a maior força dele na véspera e dia de S. Lourenço. No dia de antes aconteceu o caso de que vos falo. D. Baltazar, pretendendo tornear a parte do exército, comandada pelo conde D. João, que não podia acometer em razão de um perigoso brejo, em cuja retaguarda o conde se havia colocado, mandou que o regimento de alemães do coronel Gascard, penetrasse por um calejão¹¹⁸, que entra do vale pelas fraldas da serra. O regimento avançou denoda[da]mente, mas à boca do calejão encontrou cem infantes, comandados pelo snr. Carlos Malheiro, que era então capitão de infantaria, que o fizeram estacar defendendo-lhe valorosamente o passo.

- Foi renhidíssima a porfia entre aqueles dois corpos de tropas. Ao cair da tarde era o caso, e o conde do Prado, receoso de que os nossos não fraquejassem em razão da desproporção do número, mandou-os reforçar por mais duas companhias de infantes, uma das quais era comandada por Luiz de Mello, irmão mais velho da snr^a. D. Beatriz. Com a chegada das duas companhias o inimigo foi obrigado a retirar. Seguiu-lhe parte dos nossos o encalço. Comandava-os Luiz de Mello. Nisto D. Baltazar mandou avançar sobre aquela parte da serra mais um outro batalhão de tudescos. Os nossos retiraram de novo para a boca do calejão, mas com tanta infelicidade para Luiz de Mello, que na retirada caiu ferido por uma bala numa perna e ficou em poder dos inimigos.

- Ora deveis saber que o snr. Brás de Barbosa, que o trazia sempre de olho em todos os lances arriscados, por ser irmão da snr^a. D. Beatriz, havia-o seguido, segundo o

¹¹⁸ Rua larga.

seu costume, mas desta vez só e sem nada ter dito aos seus homens. Cavalgava no Satanás e ia seguido por Belzebu, os quais sempre o acompanhavam em todas as temeridades, e sempre saíram delas com tanta felicidade como ele.

- Assim pois, vendo cair Luiz de Mello, o fidalgo esporeou Satanás e precedido por Belzebu, cujos dentes valem bem dez espadas das de melhor tempero, arrojou-se sobre os alemães. À cutilada para um e outro lado abriu caminho até onde o irmão da snr^a. D. Beatriz ia arrastado pelos castelhanos. Depois fazendo ele e o cão grande praça em torno do ferido, deu lugar a que um soldado, colaço de Luiz de Mello, colhesse de rédea um cavalo de um oficial que o snr. Brás de Barbosa havia derribado com uma cutilada, e tomado Luiz de Mello nos braços, saltou para a sela, e desandou a toda a brida para a retaguarda, aproveitando-se da confusão em que o valor e a temeridade do fidalgo haviam posto os inimigos. O snr. Brás de Barbosa, apenas viu que o irmão da snr^a. D. Beatriz estava salvo, voltou o cavalo, esporeou-o, e com Belzebu na frente, desandou a toda a brida para o calejão à boca do qual se achavam os nossos. Foi coisa de pasmar a larga estrada que ele abria com a espada na mão por entre a turba desordenada dos inimigos. Parecia a senda do javardo, em fuga desesperada, abrindo caminho com os colmillos por entre um matagal cerrado. Mas o mais notável é que da espessa chuva de balas, que de toda aquela gente chovia sobre ele, nem uma só lhe tocou no corpo, nem no cavalo, nem no cão!

- E ele fez tal! – exclamou Belchior Mendo entusiasmado.

- Se fez? Por Satanás!

- E depois disso ainda o do Pilar se ficou na sua teima! Depois de lhe salvar a vida do filho e da filha, com tão graves riscos da dele!

- Pelo inferno! Que cuidais vós daquele aleivoso? Parece que ainda depois disto é que ele se aferrou cada vez mais em sua perraria, e fez maior guerra ao fidalgo.

- Tunante! – exclamou aqui Belchior Mendo, com o olhito luzente de raiva, e os dois punhos cerrados e erguidos a toda a altura da cabeça – Tunante! Agora vos prometo, Baltazar Rodrigues, que vá jurar e rejurar que vi fr. Paulo casar o fidalgo com a snr^a. D. Beatriz, ainda que a minha alma vá mil vezes parar ao inferno, amen.

- Pois é como vos digo – acrescentou Baltazar Rodrigues, meneando gravemente a cabeça, e enviesando um olhar velhaco para o entusiasmado Belchior.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio profundo, durante os quais Baltazar estudava à sorrelfa a expressão da cara do procurador, e este, com o olhar semi-

abstracto fito no lume, meneando constantemente a cabeça, como quem dizia para si – que tunante! Que tal está o tunante!

O sobrinho do capitão de Coura falou por fim:

- Mas é verdade, amigo Belchior – disse ele – falta informar-vos do caso de fr. Paulo e das testemunhas...

- Assim é, amigo Baltazar, assim é – acudiu Mendo, tornando em si – é preciso que eu o saiba para o caso dos outros me perguntarem. Mas isso em duas palavras... duas palavras apenas. Eu já sei o preciso; e também dizei-me alguma coisa acerca da razão por que se trata agora de legitimar os fidalguinhos, depois de cinco anos.

- Eu vo-lo direi – replicou gravemente Baltazar, apesar do brilho reluzente dos olhos demonstrar cabalmente que estava ardendo lá por dentro – Em quanto a fr. Paulo, o caso em parte é verdadeiro, em parte é falso. Fr. Paulo tinha-me prometido casar o fidalgo; depois teve certos escrúpulos, e andou-me a enganar muitos dias. Zanguei-me eu com aquilo, armei-lhe um rente que o fez vir ao engano fora da vila, e então tomei-o com toda a cortesia na anca da mula, e levei-o à Correlhã...

- Foi bem feito, amigo Baltazar, foi bem feito – exclamou Belchior Mendo – Marinelo! Pois duvidar em caso tão santo como esse...

- (Em) quanto ao frade morrer do susto, é falso. Ninguém lhe pôs medos, nem o ameaçou. Ele prestou-se de boa mente a administrar o sacramento, e eu depois trouxe-o com todo o carinho e cerimónia à portaria do convento. Se morreu em seguida, foi de sua morte natural, que o homem era de natureza doentia e apoucada...

- E é assim, amigo Baltazar. Bem me lembro dele. Adiante, que a noite já vai alta.

- (Em) quanto às testemunhas, uma delas, o Entrouxado, morreu afogado no Coura, um dia [em] que eu e ele estávamos pescando à varredoura¹¹⁹. Sabe Deus quanto fiz para lhe valer, mas não pude. A outra, aquele manganaz de Pero Pardo, morreu da moléstia de que eu sempre lhe disse que havia de morrer. Morreu de uma indigestão. E bem vos posso eu afirmar que foi disso, porque fui eu que lhe paguei a ceia na taverna de Marcos Palha, de além da ponte. O bruto comeu como um alarve, e bebeu como um odre. Nunca se viu coisa assim! Sobretudo uns pêssegos que comeu no fim... Eu bem lhe disse que arrebentava. E arrebentou, o alma danada, para seu mal, e nosso, que se fora vivo, agora o teríamos para jurar de vista o nosso caso.

¹¹⁹ Pescar com rede de arrastar.

Aqui Baltazar Rodrigues parou um segundo, durante o qual o rosto se lhe tornou levemente triste e melancólico.

- A terceira testemunha – disse por fim – era o Luiz Ramalho. Bem o conhecestes. Bom rapaz, grande companheiro. Morreu, andando comigo à caça bem o sabeis. Não sei como me não matei por aquela desgraça. Eu bem lhe dizia:

“- Luiz, perde essa manha de andar sempre atrás dos outros na caça. Pode disparar-se uma espingarda, indo ao ombro. Não é a primeira vez que tem acontecido.

“- Ora deixa-te desses medos, homem [–] respondia ele.

- Mas por fim sempre morreu vítima da sua teima. Um dia eu e ele fomos cocar um javardo, que entrara na quinta pelo lado do pinheiral. Ia eu de espingarda aferrada ao ombro, conversando no caso e ele atrás de mim. Nisto tropeço num esgalho de uma raiz... Não sei como foi aquilo. A espingarda disparou-se-me, e os quartos com que ia carregada, meteram-se-lhe todos na cabeça. Caiu sem dizer Jesus. Não sei como não ensandeci! – perorou Baltazar Rodrigues, limpando com as costas da mão uma lágrima, que Belchior não podia jurar ter-lhe visto no canto do olho.

- Ora aqui tendes – continuou segundos depois – como das testemunhas resto só eu. Morreram de desastres naturais. Vede bem a perraria da má língua dos vilões, que dizem outra coisa, tudo para desautorizar e maldizer do fidalgo.

- Meliantes! – disse Belchior Mendo, abanando a cabeça com ares de convencido, mas agora com menos entusiasmo que há pouco.

- (Em) quanto à legitimação – continuou Baltazar Rodrigues – bem podereis compreender o empenho do fidalgo, sabendo que a snr^a. D. Beatriz, cansada de lutar cinco anos com o rancor do pai, decidiu por fim sair para Rubiães. Mas como há filhos, quer que primeiro se justifique que os teve de seu legítimo marido. Não quer que a tenham na conta de ter sido barregã do fidalgo, nem ele também o quer.

- E faz muito bem, faz muito bem – acudiu aqui Belchior Mendo – Assim faz como verdadeira fidalga e muito católica senhora que é. Faz muito bem, faz muito bem...

E os dois ficaram alguns segundos calados, Belchior meditando profundamente, e Baltazar com os olhos fitos nele.

- Ora, sus – disse por fim o procurador – vós podeis partir e dar parte ao fidalgo de que falastes comigo. Contai-lhe o que me disse o doutor Bragança; e da minha parte dizei-lhe que de hoje a três dias tudo será prestes, padre e testemunhas. O padre será meu sobrinho fr. António da Anunciação, e as testemunhas... três homens de prol e tão

bons como eu. Eu parto de manhãzinha para Ponte, a falar com o doutor para se preparar a justificação logo para o dia seguinte...

- (Em) quanto a isso, amigo Belchior, não punhais dia. Parece que a fidalga não quer que se declare o casamento, senão depois de passadas as festas...

- Seja quando ela quiser. É avisar-me do dia em que o fidalgo tira a fidalga do poder do pai, que no seguinte tudo será prestes. E agora, amigo Baltazar, bebamos ao feliz enlace do snr. Brás de Barbosa com a snr^a. D. Beatriz de Mello.

Os dois voltaram-se para a mesa, e esvaziaram as pequenas malgas que Belchior havia enchido de vinho ao dizer as últimas palavras. Aqui a idiota deu um estremeção violento, que os dois não (a)perceberam por se irem a voltar de costas naquela ocasião.

- Agora, amigo Belchior – disse o mordomo – à vossa saúde, à saúde do atilado procurador da casa de Rubiães.

E os dois esvaziaram de novo as malgas.

- Alto – disse então Belchior, vendo que Baltazar se ia a levantar – ainda falta uma saúde. À de Baltazar Rodrigues, o mais leal e dedicado amigo de Brás de Barbosa, senhor de Rubiães.

A idiota deu novo estremeção. Os dois ergueram-se.

- Mas é verdade – disse então Baltazar Rodrigues – olhai cá, parece-me melhor que não partais amanhã. O fidalgo disse-me que se trouxesses boas novas aqui aguardásseis por ele. Parto eu para lá a dar-lhe essas grandes que me dais, mas como tenho a tratar alguns negócios que me não deixarão chegar ao paço senão amanhã pela noite, vós ficareis para também dizer a meu tio que aguarde por mim, e a Mateus Manuel que o trate como se fosse a minha própria pessoa. Depois de amanhã, antemanhã aqui seremos com Deus, eu e ele.

- Seja como quiserdes – respondeu o procurador – É mais tempo com que fico para dormir. E (em) quanto a vosso tio, perdei o cuidado. Eu lhe armarei conversa com que o entretenha.

Minutos depois, Baltazar Rodrigues montou a cavalo e partiu, e Belchior Mendo, depois de fechar a porta sobre ele, entrou para o interior da casa.

Mal ele desapareceu, a velha ergueu a cabeça, e lançou derredor de si um olhar perscrutador. Depois ergueu-se a custo, e, encostada ao bordão, desceu da lareira, e veio até o meio da cozinha. Aí parou, soltou uma gargalhada de escárnio diabólico, e pôs-se a cantar, batendo as palmas:

- Mal haja as novas que traz

E mais quem veio trazê-las!
Ergue-te d'i, minha vida,
Assoma-te a essa janela,
Despede-me esse soldado,
Que a tão má hora aqui chega.

Todos traidores! Todos traidores! Todos o querem levar à perdição! Mas não será assim, não será assim.

Ó virgem Santa Maria,
Virgem de grã devoção,
Vós sereis por mim, senhora,
Em minha grande aflição.

Sereis, sereis, sereis, sereis...

E com estas palavras recolheu-se a passo arrastado e trôpego para o interior da casa.

VIII

O senhor de Rubiães

O paço de Rubiães, espécie de ninho de águia, que de sobre a rechã da montanha de Coura como que pendia sobre o vale a espreitá-lo encarrancado, era, ainda na época desta história, um misto informe de variadas edificações mais ou menos afortalezadas, de entre as quais se erguia com aspecto sombrio e majestoso a velha torre solarenga, antiga fundação dos godos. E tudo isto estava cercado por um largo fosso, defendido por uma forte barbacã, por sobre o qual dava passagem uma ponte levadiça.

Para não cansar o leitor não farei a descrição circunstanciada do edifício, tanto mais que ele se acha hoje substituído por edificação mais moderna. Entremos, portanto, nele, e vamos conhecer pessoalmente o Satanás de Coura, o senhor de Rubiães, de quem o leitor já tem ouvido falar até aqui.

O epíteto de Satanás de Coura, por que Brás de Barbosa era conhecido no alto da província do Minho, desarmonizava inteiramente com a parte física dele.

Imagine-se a mais bela figura de homem, que seja possível criar pela imaginação, e aí fica desde logo aquele que era conhecido na província pelo nome do diabo, que é o tipo da fealdade repelente e sarcástica.

No mês de Abril de 1668 Brás de Barbosa estava a completar quarenta anos de idade. Era alto, mas não tanto que dele se não pudesse dizer razoavelmente que era de estatura pouco mais que mediana. O corpo era reforçado em proporção com a estatura, elegantemente talhado, e sempre aprumado com nobre, mas natural altivez. As mãos e os pés eram de pequenez feminil e moldados pelo mais perfeito tipo aristocrático.

Tinha o rosto sobre o comprido e a tez ligeiramente morena. A fronte era larga e alta. Os cabelos eram naturalmente anelados e de cor preta retinta, cor que tinham igualmente as bem arqueadas sobrancelhas, e as compridas e aveludadas pestanas, que lhe orlavam os olhos não muito grandes, mas fulgurantes de luz pouco vulgar, sempre sombria e melancólica, e na violência das paixões quase chegando a igualar o fulgor do relâmpago. Tinha o nariz aquilino, a boca pequena e de beiços delgados. O farto bigode que lha assombrava, e a esguia pêra pontiaguda, que lhe enfeitava o queixo inferior, tinham a mesma cor dos cabelos.

Brás de Barbosa era dotado de inteligência superior, de vivíssima imaginação, de coragem até à temeridade e de forças descomunais e que por forma alguma se podiam

imaginar na sua corporatura. O seu carácter era um misto extravagante de excelentes e de péssimas qualidades. Era soberbo, vingativo e déspota como qualquer barão da Idade Média¹²⁰. Tinha o génio naturalmente sombrio e excessivamente irascível. Era caprichoso como uma mulher e pertinaz como um javali.

Estas péssimas qualidades achavam-se reunidas nele com outras excelentes, que, postas acertadamente em jogo, dominavam totalmente aquelas. Ninguém tinha mais perfeitos, do que ele, os sentimentos da amizade e do amor, da piedade e da gratidão. Quando amava, o amor era a vida para ele; amava com todas as *vozes* e com todas as potências da alma. Era amigo leal e cegamente dedicado até o sacrifício da vida. Jamais a desgraça estendeu as mãos para ele, que de junto dele saísse senão sorrindo de felicidade e com a alegria a irradiar-lhe plenamente do rosto. A gratidão era nele quase vício. Por mais somenos que fosse o benefício recebido, considerava-o dívida de toda a vida, chegando até, apesar de todo o seu génio rancoroso e irascível, a esquecer as próprias afrontas, quando a gratidão lançava sobre elas o manto da misericórdia.

Com estes predicados já o leitor pode compreender que Brás de Barbosa era homem tão capaz de grandes virtudes como de grandes crimes. E efectivamente era assim. A vida dele era um tecido indecifrável de factos gloriosos, de rudes e perigosas aventuras e de segredos misteriosamente pavorosos, através dos quais irradiava mal disfarçado o crime.

Nascera Brás de Barbosa em 1628. Aos doze anos de idade, em 1640, acompanhara seu pai Fernão de Barbosa, quando este, à frente dos seus vassalos e da ordenança de Coura, andou correndo as terras do alto Minho, fazendo repercutir nas montanhas o grito da independência soltado em Lisboa no dia 1º de Dezembro. Aos dezasseis anos, em 1644, caia retalhado de golpes sobre o campo do Montijo. Matias de Albuquerque, admirado dos feitos de valor que lhe viu praticar, mandou retirar de entre os mortos o moribundo adolescente, e, depois de cicatrizadas as feridas, obrigou-o a partir para Coura com o fim de reparar as forças com os robustos e saudáveis ares das montanhas, onde nasceria. Brás de Barbosa correspondeu ao propósito do ilustre general, correndo, mal chegou, à fronteira do Minho, em demanda de novos perigos e a arriscar a vida pela pátria em novos combates.

Em 1646 Brás de Barbosa apaixonou-se por D. Maria de Alarcão, filha do fidalgo de Alarcão, inimigo secular da família de Rubiães. Fernão de Barbosa irritou-se

¹²⁰ Em letra minúscula no manuscrito.

com um tal afecto. Era ele dotado de toda a irascibilidade e rancor que distingua essencialmente os senhores de Rubiães, mas ao mesmo tempo possuía uma grande prudência, qualidade que poucos deles haviam possuído.

Chamou, pois, o filho, e disse-lhe que era preciso que fosse completar a educação de fidalgo, que era viajando pelos países estrangeiros, como ele próprio havia feito. Ao ouvir estas palavras, Brás de Barbosa ergueu o rosto altivamente, com os olhos reluzentes de desobediência pertinaz. A prudência conteve Fernão de Barbosa.

“- Brás – disse ele ao filho – nós ambos somos duas pedras duras, que, mais dia menos dia, nos arremessamos uma contra a outra. É necessário prevenir uma desgraça. Separemo-nos. Tu és o mais novo; és, portanto, quem deve partir.

Depois acrescentou triste e gravemente:

[“]- Mas se não queres partir, não partas. Atende porém que, se não partires, é possível que um dia tenhas de curvar-te debaixo do peso do remorso de ter[es] assassinado teu pai.

A estas palavras o rosto de Brás de Barbosa irradiou o mais profundo e dementado pavor. Atirou-se de joelhos diante do pai, cobriu-lhe a mão de beijos e de lágrimas, e partiu.

Por sete anos se estendeu aquela peregrinação. Durante ela Brás de Barbosa frequentou quase todas as cortes da Europa, visitou os Santos Lugares, e as nossas possessões da África, da Índia e do Brasil.

Ao cabo dos sete anos, em 1653, tinha ele vinte e cinco, António Pereira Rego, seu parente muito chegado e famoso cavaleiro daquela época, noticiou-lhe que o pai havia sido morto numa das frequentes e sanguinolentas escaramuças da fronteira do Minho. Brás de Barbosa voltou então a Portugal. Era nessa época o modelo do homem do grande mundo, do homem das grandes e perigosas aventuras.

No ano seguinte raptou D. Maria de Alarcão, e, a despeito de todas as oposições, casou com ela. Nesta contenda já ele alcançou renome que o colocou uns poucos de graus acima dos mais bravios dos seus bravios ascendentes.

Quatro anos e meio duraram aqueles amores, sem que fossem nem ao de leve escurecidos pela mais ligeira nuvem. Ao cabo deles Brás de Barbosa começou a tornar-se mais melancólico e sombrio, e a arredar do paço todos aqueles que até então o frequentavam nas festas e saraus. Seis meses depois D. Maria de Alarcão desapareceu, e Brás de Barbosa cobriu-se de luto. Ninguém soubera que ela tivesse estado doente, que tivesse morrido, que tivesse sido sepultada. Desapareceu. Aos curiosos, que lhe

perguntaram por ela, Brás de Barbosa respondeu com a ponta da espada, matando uns e estropiando outros em desafios. Aos homens do povo, que o maldiziam, respondeu mandando-os acutilar ou espingardear pelos criados. Aos parentes dela, que se quiseram desforrar daquele mistério pertinaz, correndo ao paço de Rubiães com gente armada, respondeu ele, esmagando-os numa escaramuça junto de S. Paio de Água Longa, onde os foi esperar acompanhado pelos seus caseiros e apaniguados e por um bando de valentões armados e encavalgados, que desde a morte de D. Maria sustentava no paço.

Por este tempo teve lugar uma das mais temerosas invasões dos espanhóis pelo Alentejo. Brás de Rubiães correu a reunir-se ao exército que defendia aquela província, e o marquês de Marialva, à vista dos feitos de cega temeridade praticados por ele, asseverava depois a toda a gente que era impossível que aquele homem não tivesse procurado a guerra com o propósito de conseguir a morte num combate.

Depois disto, a vida de Brás de Barbosa foi um tecido de mistérios por entre os quais lampejavam, a espaços, os crimes. O povo, porém, dizia mais do que era, e o epíteto de Satanás de Coura começou a generalizar-se na montanha, e a ser quase que voz de alarme para o pavor de toda a gente. A imaginação do vulgacho fez dele então um ente sobrenatural. Contribuía para isto o nome de Belzebu que ele pusera a um enorme cão de Castro Laboreiro, preto como o azeviche, que o acompanhava a toda a parte; e o de Satanás com que apelidava um fogoso cavalo da mesma cor, que trouxera consigo do Brasil. Do cão e do cavalo contavam-se atoardas maravilhosas; atoardas que Brás de Barbosa aproveitou porventura para fazer-se respeitar como coisa sobrenatural por aqueles, que já o temiam pela sua audácia e bravia temeridade.

Depois de 1653¹²¹, época do seu casamento clandestino com D. Beatriz de Mello, Brás de Barbosa tornara-se mais prazenteiro e menos sombrio; mas a guerra que lhe faziam e o pavor que dele tinham, espicaçando-lhe a natural soberba e irritabilidade do espírito, continuavam a ser causa de factos deveras nada próprios para embrandecer a opinião, que geralmente se formava dele no Minho.

Tal era o senhor de Rubiães. A descrição é longa deveras; mas se o leitor não concorda em que o Satanás de Coura merece desenho mais minucioso do que qualquer outro, tome-a então em desconto dos seus pecados, e passe com boa cara para diante.

¹²¹ Talvez o autor quisesse escrever 1663, já que a data referida no texto não está de acordo com a narração até este momento.

Entremos, por fim, no paço de Rubiães, e vamos direitos ao refeitório ou casa de jantar – vasto salão quadrilongo, com as paredes de granito polido, as janelas ogivadas e gradeadas de ferro, e o tecto de castanho apainelado em pequenos quadrados regulares.

Era noite cerrada, havia mais de meia hora. A vasta quadra estava alumizada por quatro enormes candeeiros de ferro, de quatro lumes cada um, pendentes do tecto, e por seis tochões de cera, debruçados sobre ganchos de ferro presos à parede, três de cada lado.

Coloque-se agora o leitor no topo da sala, encostado à parede. Para o fazer, precisa de subir um estrado de castanho, de dois degraus, sobre o qual, a pouca distância da parede, se vê colocada uma magnífica cadeira de braços e de espaldar com dossel, tudo formosamente rendilhado e acusando pelo estilo ter sido feito no século XV ou princípios do XVI quando de muito. Diante da cadeira está uma mesa quadrada, capaz de acomodar seis pessoas, coberta por uma excelente toalha de linho adamascada. Sobre esta mesa ardem dois magníficos candeeiros de prata; e vê-se um copo do mesmo metal junto de uma caneca de louça da China, cheia de vinho; dois pratos da mesma louça, em correspondência com a cadeira, com garfo, faca e colher de prata ao lado e um guardanapo adamascado sobre o prato. Do lado esquerdo da cadeira vê-se um homem novo e de cara não muito bem assombrada, vestido de gibão e calção de pano cor de castanha. É o mordomo, ou antes um criado encarregado de fazer as vezes do mordomo, quando este se acha ausente, como na actualidade. Ao fundo da mesa, de cada lado e a distância razoável dela, vêem-se de pé dois pagens, de doze a treze anos de idade, o da direita tendo nas mãos uma bacia de prata, cheia de água, e o da esquerda uma alva e fina toalha de rendas, atravessada sobre o braço esquerdo.

A quatro passos do estrado, segue-se, no pavimento raso, uma comprida mesa em forma de pirâmide triangular, cuja base fica do lado do estrado e a ponta distância dez ou doze passos de uma enorme porta, que se vê ao fundo do salão, e pela qual se enfia, de cima do estrado, a vasta cozinha do paço, onde enxameiam os bichos da cozinha e a boçal criadagem da lavoura.

A base desta pirâmide está deserta. Dos dois lados dela correm duas grandes bancadas, junto das quais estão, de pé e com as cabeças descobertas, quarenta e nove homens, armados de cossóletes e couraças e de punhais e pistolas no cinto. No topo da bancada da direita, sentado à extremidade da pirâmide, numa cadeira espaldar, está, vestido de batina, um padre velho e venerando, recostado para as costas da cadeira, com

as mãos enlaçadas sobre o regaço, os olhos semi-fechados, e os lábios a mexerem-se-lhe como que rezando. É o capelão do paço.

Os homens armados, que eram nada menos que a companhia de valentões, que o senhor de Rubiães, tinha desde muito ao seu serviço, conversavam uns com os outros em voz sossegada, mas o rumorejar de tantas línguas, atroava razoavelmente o refeitório.

Agora para não demorar o leitor, façamos rodar a chave na fechadura da porta do lado direito da cadeira espaldar, que está no estrado.

A este som a vozeria dos homens de armas descaiu em silêncio sepulcral. Poderia ouvir-se o avojar de uma mosca. O padre ergueu-se, e todos se perfilaram junto da mesa cada um em seu lugar.

A porta abriu-se por fim, e por ela fora saiu o enorme canzarrão preto de Castro Laboreiro, e atrás dele o senhor de Rubiães.

Vinha vestido de gibão e calções de veludo preto. Sobre o gibão trazia uma couraça de prova, por sobre a qual se lhe estendia uma finíssima e larga balona de rendas, apertada no pescoço por um botão de brilhantes. Na cabeça trazia um chapéu de feltro preto de abas largas, sobre as quais se estendia uma comprida pluma preta, presa ao cairel de veludo por um firmal de rubis. Nos pés calçava umas botas de canos altos e a alargar para a boca, com esta franjada de rendas. No cinto trazia apenas um punhal.

Belzebu, mal entrou, deu um salto para cima do estrado, e em seguida veio até à extremidade deste, e daí pôs-se a farejar os circunstantes, alongando o focinho em todas as direcções. Depois baixou a cabeça e partiu pelo lado esquerdo da mesa a colocar-se detrás da cadeira do amo, meneando ligeiramente a cauda, como que a manifestar que ficara satisfeito com o que vira.

O senhor de Rubiães subiu entretanto à cadeira. Os dois pagens aproximaram-se logo cada um por seu lado. Um meteu as pontas dos dedos na água, limpou-os depois à toalha, e em seguida, lançando um olhar perscrutador para a gente que estava na sala, levantou a mão.

A este sinal o capelão e os homens de armas sentaram-se, e o mordomo bateu imediatamente as palmas.

Neste entretanto Belzebu havia saído de trás da cadeira do amo, e viera colocar-se à distância dela, sentado gravemente sobre as patas traseiras. Um dos pagens colocou logo uma bacia de prata diante dele.

Às palmadas do mordomo, à porta da cozinha assomou imediatamente um criado agaloado, o qual trazia sobre os braços estendidos uma fina toalha de linho, e sobre ela um tabuleiro de prata, no qual se via uma pequena tigela cheia de caldo, um pouco de lombo de porco assado, e quatro perdizes de recheio. A tigela e os pratos, em que vinham as iguarias, era tudo da mais fina louça da China. O lacaio levou isto até o último degrau do estrado, aí o mordomo tomou-lhe as iguarias uma a uma de cima do tabuleiro, e foi colocá-las sobre a mesa diante do fidalgo.

Atrás do lacaio haviam saído logo seis criados sem libré, que traziam enormes travessas de louça branca, sobre as quais se viam enormes pedaços de javali ladeados de couves, de batatas, de galinhas cozidas, de frangos, de perdizes e de coelhos assados. Estas travessas foram colocadas em linha recta pelo meio da segunda mesa acima.

Então Brás de Barbosa ergueu-se, e tirou o chapéu. Todos os homens se ergueram também, e em seguida o capelão rezou em voz baixa uma curta oração, ao fim da qual lançou a benção primeiro para a mesa do fidalgo, e em seguida àquela, a que estava sentado.

Sentaram-se de novo. O mordomo aproximou-se então, e pôs-se a trinchar o lombo. Neste entretanto, Brás de Barbosa tomou com o garfo duas das perdizes, colocou-as num dos pratos que tinha diante de si, e entregou-as assim a um dos pagens. Este levou-as ao capelão. O capelão ergueu-se, recebeu o prato, e, ao recebê-lo, fez uma mesura ao amo.

O senhor de Rubiães acenou então ao mordomo para que cessasse de cortar no lombo. Depois tomou uma das perdizes, partiu um pouco de pão, e pôs-se a comer distraidamente.

Durante alguns minutos não se ouviu senão o sussurro que faziam os queixos dos homens de armas em guerra aberta com o javali e com as galinhas, o tilintar das malgas de vinho e o estrépito surdo dos picheis ao serem pousados sobre a mesa.

Por fim o fidalgo voltou-se de repelão para o mordomo, que se colocara respeitosamente no seu lugar, e disse em voz ligeiramente imperiosa:

- Baltazar Rodrigues ainda não chegou?
- Senhor, não – respondeu o mordomo.

Nas feições do senhor de Rubiães apareciam cada vez mais pronunciados vivos sinais de impaciência.

Um quarto de hora depois tornou a perguntar:

- Que horas são?

- Senhor, já deram as oito.

O tacão da bota de Brás de Barbosa sentiu-se bater com impaciência no soalho por debaixo da mesa.

Depois tomou as perdizes e o lombo e vazou tudo na bacia do cão, que se acaçapou comodamente, e fez desaparecer num relance aqueles para ele magros prelúdios da farta pitança¹²², que ia em seguida comer na cozinha.

Nisto ouviu-se soar uma trombeta de caça da parte de fora do paço.

Brás de Barbosa ergueu de repelão a cabeça, e fitou a porta, que dava para a cozinha. Minutos depois, Baltazar Rodrigues entrou na sala, de botas e esporas, de chapéu na mão, e com o traje com que o vimos há pouco em Brandara.

Mal ele entrou na sala, o criado, que fazia a vez dele, recuou até à parede. O mordomo caminhou até ao último degrau do estrado e aí parou.

- Tarde vieste – disse com rosto carregado Brás de Barbosa – Sai.

E, logo depois, continuou em voz mais familiar e fitando-o fixamente:

- Que novas, Baltazar?

- Senhor, boas. Cumpridas são vossas ordens e satisfeitos todos os vossos desejos. As encomendas chegaram bem acondicionadas de Lisboa, e agora acham-se em Ponte a bom recado em casa de vosso primo, o snr. António Pereira. Sede certo que nenhum outro fidalgo se apresentará nas cavalhadas mais galhardamente que vós.

A estas palavras Brás de Barbosa fitou o mordomo com um olhar reluzente e significativo. Este correspondeu-lhe com um leve sorriso e um quase imperceptível meneio de cabeça.

- A teu lugar e comer – disse então o senhor de Rubiães.

E continuou a tomar, como por demais e às colheradas, o caldo de galinha que tinha diante de si.

Vinte minutos depois ergueu-se, e tirou o chapéu. Todos os homens de armas se ergueram. O capelão entoou as graças, e lançou a benção para as duas mesas. Ao cabo delas, Brás de Barbosa retirou-se pela porta por onde havia entrado, acompanhado pelo seu cão favorito, e deixando a porta aberta atrás de si.

Segundos depois Baltazar Rodrigues ergueu-se de entre os homens de armas, que de novo se haviam sentado a comer, e entrou pela mesma porta, fechando-a à chave sobre si.

¹²² Prato, além da ração ordinária.

.....¹²³ mordomo, fazendo profunda mesura.

E saiu do quarto.

Às cinco horas da manhã do dia seguinte, o vasto pátio do paço de Rubiães estava cheio de muitos cavalos aparelhados e homens de armas prontos para cavalgar, cujo ruído tumultuoso e confuso atroava os ares.

A manhã estava formosíssima. Soprava levemente uma aragem frigidíssima de nordeste, mas o céu estava transparente e sem nuvens, e um sol esplêndido acabava de erguer-se ao de cimo da montanha, alumiano com raios esplendorosos o sem número de primores, que o mês de Abril costuma espalhar profusamente pelas campinas e pelos montes.

Brás de Barbosa apareceu por fim. Vinha vestido como o vimos na noite antecedente, só em lugar da balona de rendas, trazia outra de fina cambraia bordada. À cinta trazia a espada, o punhal, e duas magníficas pistolas.

Mal o senhor de Rubiães assomou no topo da vasta escadaria de granito que descia para o pátio, os homens de armas perfilaram-se, cada um deles, junto da cabeça dos seus respectivos cavalos, que tomaram pelo bocal, depois de terem prendido as rédeas aos arções dianteiros das selas.

Apareceu então Baltazar Rodrigues conduzindo pela rédea o famoso Satanás – formosíssimo morzelo retinto e sem mancha, de cabeça perfeitamente bem modelada e altivamente erguida; de olhos grandes e cheios de fogo; de ventas largas e coradas; de boca estreita mas rasgada, de barbada descarnada; de pescoço comprido e proporcionalmente estreito; de crinas compridas, finas e não mui bastas; de cernelha¹²⁴ grossa e mais alta que a anca; de espaldas não mui carnudas; de peitos largos e saídos para diante; de mãos, juntas debaixo, quartelos¹²⁵ e cascos grossos mas descarnados; de joelhos plainos; de lombos fortes e não muito pandos; de ancas iguais e partidas com canal pelo meio; de pernas enxutas de carne, mas grossas de ossos e nervos; uma perfeita estampa numa palavra.

Apesar de conhecer quem o conduzia, Satanás vinha inquieto, erguendo-se de quando em quando em upas e galões, sem contudo empregar força, e mais como que

¹²³ O manuscrito não está completo – faltam as tiras 272 a 280.

¹²⁴ Parte do corpo onde se juntam as duas espáduas; fio do lombo.

¹²⁵ Tecido de nervos que pega da coroa do casco até à primeira junta das bestas.

obedecendo à natural inquietação que o dominava, do que com intenção de soltar-se da mão que o trazia de rédea.

Mal avistou Brás de Barbosa ergueu-se no ar e soltou um pavoroso relincho de alegria.

- Soltaí-o – disse o senhor de Rubiães a Baltazar Rodrigues, que imediatamente obedeceu, atirando com as rédeas para o pescoço do animal.

Satanás, apenas se viu solto, dirigiu-se a trote, relinchando de cabeça erguida para o amo. Deu assim duas ou três voltas derredor dele. Depois baixou a cabeça para o chão, e ficou a assoprar rijamente e a escarvar impaciente no lagedo do pátio.

Brás de Barbosa passou-lhe então a mão pela cabeça e bateu-lhe duas palmadas de meiguice no pescoço. O fogoso animal aprumou-se imediatamente, apresentando manifestos sinais de orgulho e de contentamento. O senhor de Rubiães compôs então as rédeas, e em seguida lançou-se de um salto na sela.

- A cavalo! – bradou então.

Segundos depois a cavalgada atravessava a trote rasgado a ponte levadiça, e saía para fora da barbacã, seguindo pelo caminho de Ponte do Lima fora, após do amo que cavalgava à frente dela.

Ainda não eram seis horas da manhã quando chegaram ao alto da encosta, onde o heróico e venerável Invencível havia tombado, com todas as suas glórias e Pantaleão Rodrigues às costas. O caminho corria aí por entre um vasto e cerrado pinheiral, que fazia(m) parte das ricas propriedades, que o senhor de Rubiães possuía em Brandara.

Ao assomar no alto da encosta, Brás de Barbosa deparou com um espectáculo, que o fez soltar uma exclamação de pasmo.

Sobre um penedo que aí, a pequena distância, ladeava a estrada, via-se sentada a velha idiota, que era sogra de Mateus Manuel, e fora ama seca do senhor de Rubiães. Estava com as mãos poisadas sobre o bordão, e a fronte reposada sobre as mãos.

Mal a viu, Brás de Barbosa dirigiu o cavalo para ela, e, a pequena distância, lançou-se de um salto fora da sela. A velha, ao tropejar da cavalgada, havia erguido a cabeça, e, afastando dos olhos com a mão espalmada os raios do sol, procurava distinguir Brás de Rubiães.

Este, mal saltou do cavalo abixo, correu para ela, cheio de susto de que não tivesse sucedido alguma coisa à velha, que lhe estremecera como mãe a infância.

- Quem vos trouxe aqui, ama? – exclamou. Depois, voltando-se para Baltazar Rodrigues, continuou em voz irosa – Vede aquele bruto de Mateus Manuel...

- Não acuseis Mateus Manuel, filho – atalhou a velha, poisando-lhe familiarmente a mão no braço – Vim porque resolvi que viria, porque era necessário que viesse. Só Deus é que fora bastante poderoso para me embaraçar.

A estas palavras, Brás de Barbosa cravou fitamente os olhos na idiota.

- Fazei arredar a vossa gente – continuou ela entre imperiosa e suplicante – Cumpre que fiquemos a sós.

O senhor de Rubiães ficou alguns segundos com a vista perscrutadora pregada na velha. Por fim lançou as rédeas de Satanás para o esgalho de um pinheiro, e deu ordem a Baltazar Rodrigues para que continuasse com a gente para a frente e o fosse com ela aguardar em Brandara.

Depois veio colocar-se com os braços cruzados diante da velha.

Esta cruzou as mãos sobre a ponteira do bordão, poisou a barba sobre elas, e assim ficou alguns minutos com o olhar abstracto e luzente fitado no fidalgo.

De repente as feições animaram-se-lhe de vida sobrenatural. Parecia que a octogenária rejuvenescera. Aprumou-se de golpe, e exclamou em voz rija e severa:

- Aonde ides, louco? A que perdição correis cegamente, senhor de Rubiães?

A estas palavras, Brás de Barbosa deu como assombrado dois passos para trás.

- Não vos entendo, ama – balbuciou sem desfitar dela o olhar espantado.

A idiota ficou alguns segundos calada, abanando com intenção a cabeça, e em seguida continuou com voz irónica:

- Vós pensais que me tomais de surpresa. Mas Deus vela pela casa de Rubiães... e eu sei tudo... tudo.

Aqui soltou uma gargalhada satânica, e logo seguiu dizendo com ironia escarnecedora:

- Os parvos... esses que se dizem vossos leais servidores, e que são apenas os meios de que se serve o inferno para destruir a glória e o nome dos senhores de Rubiães... os parvos! Pensaram que a velha idiota dormia profundamente ao fogo da lareira, e falaram diante dela como quem fala diante de muralha de granito e sem fendas. Mas ela escutava-os, ouvia-os, apanhava da boca deles o segredo da vossa loucura e da vossa perdição, senhor de Rubiães... Eu sei tudo, sei tudo – continuou, pondo-se subitamente de pé com aprumo juvenil – Vós casastes clandestinamente com D. Beatriz de Mello, mas esse casamento ignorado pelos homens, é nulo perante a justiça de Deus, porque recaiu sobre ele a maldição de todos os vossos antepassados, e

porque a realização dele custou a morte de um santo sacerdote e uns poucos de vilíssimos crimes.

- Margarida Nunes! – balbuciou o senhor de Rubiães, negro de cólera, e levando convulsivamente a mão ao punho da adaga.

Ao vê-lo assim, a velha idiota soltou um grito de ferocidade terrível, e os olhos relampejaram-se-lhe, durante um momento, de forma que pareciam ter disparado de si centelhas eléctricas.

- O vosso amor pela raça dos vilãos já conseguiria fazer de vós um vilão, senhor de Rubiães? – balbuciou ela por entre os dentes cerrados e batendo rija pancada na terra com o conto do bastão – Será isso, porventura, possível? Acaso degeneraria a raça dos nobres senhores? Não vos temo, porém, Brás de Barbosa. Vede, atendei bem para mim. Aqui me tendes, fraca mulher, velha, dementada, e já quase só com as pontas dos cabelos de fora da cova; mas tal qual me vedes, sou eu... eu que vos digo, não vos temo, não vos receio; sou eu que ouso afrontar a vossa cólera, que tantos homens poderosos receiam.

Depois avançou agilmente para ele, tomou-lhe o braço e, sacudindo-o, continuou por entre os dentes cerrados:

- Haveis de ouvir-me até o fim, haveis de ouvir-me todas as verdades severas que tenho a dizer-vos. Acalmai essa cólera que vos desaira. Sede certo que entretanto que a honra da casa de Rubiães precisar da vida de Margarida Nunes, não há ninguém sobre o mundo capaz de a fazer desaparecer.

Assim dizendo, encaminhou de novo para a pedra, sentou-se, e ficou por alguns minutos calada, com os olhos lampejantes e as feições animadas, mas opressa pelo esforço sobrenatural que a cólera a tinha a fazer.

- Casado vós com D. Beatriz de Mello! Casado! Que vergonha! Que desonra! Que crime! Mas esse casamento é ignorado pelo mundo, e vós não o propalareis, não enxerteis na generosa árvore dos senhores de Rubiães os frutos dessa união cem mil vezes maldita. Brás de Barbosa, jurai-me pela vossa palavra de cavaleiro, jurai-me pela honra dos senhores de Rubiães, que não vos prestareis à animosa e plebeia comédia, que dois perros vilãos vos tem preparada para arrematar a vossa perdição e porventura a destruição do vosso nome.

A estas palavras a velha calou-se e ficou alguns momentos calada a olhar com ansiedade para o senhor de Rubiães. Este de braços cruzados e com a fronte duramente carregada, não lhe respondeu uma só palavra.

- Filho, filho, falai – exclamou com agonia a velha idiota – dizei-me que não descobrireis esse casamento. Peço-vos pelo vosso nome, pela salvação da minha alma... Ah! calai-vos! Contudo essa união é impossível. Entre essa mulher e vós há um crime enorme. Não se consumará pois. Proibio-vos-la em nome da vossa honra, em nome de vosso pai, em nome de...

A estas palavras a velha estacou, e ficou um momento a olhar fitamente o senhor de Rubiães. Este porém não dava sinal de atendê-la.

- Em nome de D. Maria de Alarcão – perorou então a velha, soltando um grito terrível.

Ao ouvir estas palavras Brás de Barbosa recuou dois passos, fez-se pálido como um cadáver, e levou com violência as mãos à fronte.

- Velha... velha infernal, para que me recordas esse nome? – exclamou então por entre os dentes cerrados.

Margarida abanou melancolicamente a cabeça, e respondeu em voz triste:

- Esqueceste, filho, que eu sei a história da morte daquela desgraçada?

A estas palavras Brás de Barbosa deixou pender a cabeça para o peito, e cobriu as faces com as mãos. Pelas faces da velha idiota rolaram ao mesmo tempo duas lágrimas.

Estiveram assim alguns minutos. Por fim a idiota ergueu-se, dirigiu-se custosamente ao senhor de Rubiães, e tomado-lhe o braço, disse em voz branda:

- É impossível, é de todo o ponto impossível. Eu que não consenti que D. Maria de Alarcão desonrasse o nome dos senhores de Rubiães, não posso consentir agora que D. Beatriz de Mello venha ocupar o lugar. Este casamento é impossível. Entre ela e vós há um abismo. Filho, na morte da outra desgraçada há um mistério, que vós ignorais...

Ao ouvir estas palavras, Brás de Barbosa ergueu a cabeça de golpe, e fitou surpreendido a velha. Um sorriso triste passou-lhe então por sobre os lábios.

- Ah! agora o percebo. Pobre ama, ensandeceu de todo – balbuciou por entre os lábios.

Assim dizendo, cingiu a velha pela cinta, e conduziu-a à pedra, onde a encontrara sentada, dizendo ao mesmo tempo:

- Sentai-vos, Margarida, sentai-vos. Olhai que na vossa idade estes fervores podem apressar-vos a morte.

Ao ouvi-lo a velha fitou estupefacta os olhos nele. Ao cabo de alguns minutos deixou descair a cabeça para o peito, e assim esteve em silêncio durante algum tempo. No rosto de Brás de Barbosa transluziam profundamente a dor e a comiseração.

- Está tudo perdido... tudo perdido – disse por fim a velha tristemente – Nem todo o meu amor lhe pode valer! Mas permitirá Deus que se realize tal crime? Não, não pode ser. Tal casamento não se fará... não se fará. Filho – continuou aqui, erguendo o rosto e os olhos para ele – ouvide as minhas palavras e tende-as como uma profecia. Vós não podeis casar com D. Beatriz de Mello, não, mil vezes não. Deus há-de portanto embaraçar de alguma forma a realização do intento que tendes a peito. E pesais bem o mundo de desgostos e de pesares que esse malogro vos há-de causar. Eu sinto-o, sinto-o... mas não sei bem o que há-de ser. Triste de mim que não pude valer-vos, desgraçado de vós que me não quisestes acreditar. Ouvi-me, pois; quando essa hora de maldição bater, quando a desgraça pesar sobre vós com tal peso que sintais que a vida vos é odiosa, ide bater à porta de Margarida Nunes, [não] tomeis resolução alguma sem primeiro falar comigo. Contar-vos-ei então a história de um crime, que há-de ter o condão de acalmar a violência do vosso pesar.

Assim dizendo ergueu-se, e dirigiu-se com passos trôpegos para o pinheiral que lhes ficava fronteiro.

- Aguardai, ama, que eu já vos sigo. Não quero que vades assim sem ninguém que vos ampare...

A velha parou então, e estende[n]do para ele o braço descarnado, exclamou com voz imperiosa:

- Não me sigais. Segui o vosso caminho, e não mais vos lembreis que nos encontrámos aqui, senão no momento em que precisares do triste lenitivo de pesares, que tenho para dar-vos.

Assim dizendo internou-se no pinheiral, e desapareceu no meio do cerrado das árvores.

[Termina aqui o manuscrito.]

BIBLIOGRAFIA

ACTIVA

GAMA, Arnaldo, *O Satanás de Coura (Memórias do Século XVII)*. Manuscrito pertencente ao espólio “Arnaldo Gama” da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

PASSIVA

FIGUEIREDO, Cândido de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 25^a edição, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996 (1^a edição, 1899).

LEAL, Pinho (org.), *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1873 (data de edição do primeiro volume).

MARTINÉZ, Constantino Falcón, FERNANDÉZ-GALIANO, Emilio e MELERO, Raquel López, *Dicionário de Mitologia Clássica*, Lisboa, Editorial Presença, 1997 (trad. de Ana Patrão, Miguel Ribeiro de Almeida, Teresa Rebelo da Silva).

MORENO, Augusto, *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa (Ortoepico, Ortográfico e Etimológico)*, com um *Glossário de Arcaísmos*, 6^a edição melhorada, Porto, Editora Educação Nacional, 1954.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme (org.), *Portugal. Diccionario Historico, Chorographic, Heraldico, Biographic, Bibliographic, Numismatico e Artistico*, Lisboa, João Romano Torres – Editor, 1904 (data de edição do primeiro volume).

ROQUETE, J.-I., *Diccionario da Lingua Portugueza de José da Fonseca*, Paris, Em Casa de V^a J. P. Aillaud, Guillard e C^a, 1874.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases (...)*, Edição Crítica por Mário Fiúza, Porto, Livraria Civilização, 1965-1966 (1^a edição, 1798-1799).